

HELOISA HELENA BALDY DOS REIS

FUTEBOL E SOCIEDADE

As manifestações da torcida

Universidade Estadual de Campinas

1998



HELOISA HELENA BALDY DOS REIS

FUTEBOL E SOCIEDADE

As manifestações da torcida

Tese apresentada, como exigência parcial, para obtenção do título de Doutor em Educação Física, na área de concentração de Estudos de Lazer, do Programa de Pós-Graduação, da Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

Universidade Estadual de Campinas

1998

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

R277f Reis, Heloisa Helena Baldy dos
Futebol e sociedade: as manifestações da torcida / Heloisa Helena Baldy dos Reis. -- Campinas, SP: [s.n.], 1998.

Orientador: Nelson Carvalho Marcellino
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Futebol. 2. Futebol-Torcedores. 3. Futebol-Aspectos sociais. 4. Violência nos esportes. I. Marcellino, Nelson Carvalho, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Nelson Carvalho Marcellino que orientou esta tese, com a seriedade, respeito e competência de um grande mestre. Obrigada por tudo e sobretudo pela dedicação.

Aos professores Drs. João Batista Freire e Jocimar Daolio pelas contribuições dadas desde o exame de qualificação desta tese, além do incentivo e apoio durante todo o curso de doutorado.

Ao professor Dr. Eric Dunning pelas contribuições prestadas não apenas com suas obras, mas também nas reuniões de trabalho que tivemos na UNICAMP nos anos de 1996 e 1997.

Ao professor Dr. Antonio Suárez Abreu pela revisão da primeira versão deste texto.

Aos pesquisadores espanhóis Drs. Francisco Rubio e Miguel Cardenal Carro pelas contribuições a esta pesquisa decorrentes das reuniões de trabalho em Badajoz e Murcia (ES) nos meses de julho e dezembro de 1997, além do apoio constante nesta etapa de redação final.

Aos nossos secretários Carmen e Cezar os quais sempre contribuíram com seus trabalhos, além de disponibilizar o computador do departamento para que eu pudesse digitar esta tese.

Ao doutorando Jorge Fernando Hermida Aveiro meu duplo agradecimento primeiramente por sua dedicação como pesquisador auxiliar na pesquisa de campo, trabalho que demandou sua competência, além das muitas horas no campo. E também pela paciência em acompanhar-me neste desafio, valeu!

No decorrer desta pesquisa contei com o apoio dos(as) companheiros(as) Lena, Lúcia, Casemiro Júnior, Emiliania, Luciano, Tom, Elena, Rosario, Jorge, Fernanda, e Beto com o risco de me esquecer de alguém, mas com a certeza de que não poderia deixar de nomear alguns, foi uma verdadeira torcida, que como a que observei, souberam dosar o incentivo e me contestar quando também foi necessário, à todos, os meus agradecimentos, porque quem “viveu” dentro de um campo sabe, o quão importante é a torcida.

Não teria chegado até a conclusão desta tese de doutorado se não fosse a dedicação e apoio dos meus pais, que me possibilitaram estudar e conhecer desde muito cedo a universidade, despertando em mim o desejo de percorrer na minha vida profissional uma carreira acadêmica, devo também a eles este sonho realizado, a Cacilda e ao Casemiro minha eterna gratidão.

Ao Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da UNICAMP (FAEP) pelo financiamento parcial da pesquisa de campo.

DEDICATÓRIA

**À minha filha Fernanda, pelo companheirismo,
compreensão e incentivo.**

**Ao Jorge Walter Hermida que consegue ser
espectador e torcedor, por isso é para mim um
símbolo, torcedor fanático do Nacional de
Montevideo, e espectador ativo possuidor de
uma sabedoria futebolística admirável.**

SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
Introdução	1
Capítulo I- Esporte e Sociedade	10
1. A origem	14
2. O significado social do futebol e a profissionalização	19
3. A chegada do futebol no Brasil e as origens de alguns dos principais clubes brasileiros	26
4. O significado do futebol para os brasileiros, segundo os autores	37
5. A participação do gênero feminino no futebol	46
Capítulo II -Violência e Esporte	56
1. A origem e o conceito de violência no esporte	57
2. As ligações sociais	64
3. Violência das torcidas de futebol	68
4. As mudanças, em São Paulo, a partir de 1996, e a análise dos autores brasileiros	75
Capítulo III - Em campo	84
1. A organização do futebol no Brasil	84
2. Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996	89
3. A queda de público	92
4. No Palestra Itália	97
Considerações finais	118
Referências Bibliográficas	122

RESUMO

Esta tese é um estudo sobre torcidas de futebol e consiste em uma combinação de pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que, esta última, foi realizada, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, com espectadores e torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo. Foi utilizada, como referência teórica principal, a abordagem que Elias & Dunning fazem em relação ao esporte, e mais especificamente ao futebol. Um estudo dessa natureza se faz necessário uma vez que a assistência a espetáculos de futebol é a atividade de lazer esportivo mais praticada no mundo, e o estudo do tema futebol e torcida é de grande relevância para a área de Estudos do Lazer, e especificamente no Brasil, é um estudo de relevância social, pois a violência nos estádios de futebol nos é apresentada com frequência, no nosso cotidiano. A pesquisa utilizou a sociologia configuracional e suas categorias. A análise macro consistiu uma espécie de pano de fundo, para um melhor entendimento do surgimento do esporte como atividade de lazer, e de como sua profissionalização também o transformou em atividade de lazer, com a importância que foi sendo dada, cada vez mais, aos espectadores e torcedores, “categorias” fundamentais para o nosso trabalho. Só assim é possível o entendimento contextualizado do significado do futebol para os brasileiros, segundo os autores analisados na pesquisa bibliográfica, incluindo aí as questões do gênero: a mulher como praticante, espectadora e torcedora. Entre outros pontos, conclui-se, que o tipo de violência manifestada pelos torcedores do Palmeiras, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, foi a violência simbólica. Mesmo sendo a violência simbólica aceita e satisfatória na sociedade brasileira, precisamos ter a preocupação e implementar medidas de segurança que impeçam de que esta se transforme em violência real, pois, a violência simbólica é uma das principais desencadeadoras da violência real, justamente se seus agentes perdem o controle sobre as suas manifestações, assim como a violência pode transformar-se da sua forma de jogo e de simulação à violência manifesta.

ABSTRACT

This work is a study about football (soccer) supporters' groups. It consists of a combination of bibliography research and a field study. The field study was done among spectators and fans of the Palmeiras Sport Club of Sao Paulo during the 1996 Brazilian Championship. The Elias & Dunning approach was used as the main theoretical reference that they make to the sports , specifically about soccer. A study of this nature is necessary , knowing that watching soccer games is the world's most practised sport leisure activity , therefore , the study about the theme, "soccer and their devotees" is vital to the study of the Leisure Activity field. Especially in Brazil , this study has social relevance, where the violence is seen very often in the stadiums nowadays. The research utilizes configurational sociology and its categories. The macro analysis served as a base study in order to better understand the sport as a leisure activity and also, how this sport's professionalization has been transformed into a leisure activity, always considering the importance that has been given to the spectators and fans which are the fundamental categories of our work. Consequently, this is the only way to have a contextual understanding of the meaning of the Brazilian definition of soccer according to the authors cited throughout the bibliography, which also includes some questions like: the woman as a player , a spectator and a fan. Among other things, we can conclude that the kind of violence expressed by the fans of the Palmeiras Sport Club during the 1996 Brazilian Championship was symbolic violence. Although , the symbolic violence is acceptable and satisfactory to the Brazilian Society, we must be concerned with the implementation of security measures that would avoid turning the symbolic violence into real violence, ever conscientious of the fact that the symbolic violence is the main cause of the real violence. This is the point at which the symbolic violence agents loose control of their actions, moreover the violence can be transformed from a form of game and simulation into a manifestation of violence.

INTRODUÇÃO

Esta tese é um estudo sobre torcidas de futebol e consiste em uma combinação de pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que, esta última, foi realizada, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, com espectadores e torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo.

Foi utilizada, como referência teórica principal, a abordagem que Elias & Dunning fazem em relação ao esporte, e mais especificamente ao futebol. Os autores em sua teoria tiveram a preocupação de não estabelecerem limites entre a história e a sociologia, sendo assim uma teoria histórico-social do esporte moderno.

O futebol, nesta pesquisa, é tratado como um esporte moderno, que surgiu no âmbito da cultura inglesa entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, e que durante o século XX se espalhou por todo o mundo, tendo uma grande aceitação nos diversos países.

Vários foram os motivos que me levaram a desenvolver este estudo. Dentre eles a minha grande paixão pelo esporte e em particular pelo futebol. Tendo uma história de vida muito ligada a este esporte, levantei, ao longo dos anos, muitas indagações, as quais concluí que poderiam ser discutidas e respondidas a partir de um trabalho acadêmico.

Lembro-me que, ainda menina, passava grande parte dos finais de semana e durante todas as férias escolares dentro de quatro linhas, desenhadas na areia da praia, e ali tinha que impor a uma turma de garotos o meu direito de jogar futebol, pois era minha atividade de lazer predileta. Por volta de 1982, tive oportunidade de participar de treinamentos sistematizados de futebol, com um grupo de garotas, da extinta equipe de futebol feminino do Guarani Futebol Clube, de Campinas.

Como jogadora, tive a oportunidade de jogar na preliminar de vários jogos oficiais dos diferentes campeonatos masculinos de futebol profissional, e com isso, vivenciar a emoção de jogar com a casa cheia, como se diz no futebol, e, ao sair do campo pelo túnel, ser saudada por jogadores profissionais.

Esta última experiência me permitiu entrar um pouco no universo do futebol profissional, pois, tive oportunidade de compartilhar, juntamente com jogadores profissionais, das instalações e do departamento de fisioterapia do referido clube, onde pude conversar com os diferentes segmentos que compõem um clube de futebol, desde jogadores, técnicos, equipe médica e dirigentes, o que me possibilitou uma relação mais íntima com o futebol e a sua estrutura.

Em seguida a esta dolorosa experiência, pois nesse período me submetia a cansativas sessões de fisioterapia, foi extinta a equipe de futebol feminino do Guarani Futebol Clube.

Além das experiências acima descritas, posso dizer que sou uma espectadora de futebol há muitos anos, pois ir ao estádio de futebol é uma das minhas atividades de lazer predileta. Essa minha prática me possibilitou presenciar vários incidentes em estádios de futebol, dentre eles os de violência. E o fato mais marcante para mim foi o espancamento de um torcedor corinthiano por aficionados bugrinos, durante o Campeonato Paulista de 1996, no estádio “Brinco de Ouro da Princesa”, que culminou na morte do jovem, horas após ter dado entrada no hospital.

A partir do encerramento da equipe de futebol feminino do Guarani, eu passei a aprofundar meus conhecimentos em regras de futebol, tendo realizado cursos de formação de árbitro, na Liga Campineira de Futebol, onde atuei por uma temporada, pois não me agradou o ambiente e a forma de escalação de árbitros adotada pela entidade, e resolvi me dedicar à arbitragem em futebol de salão, onde atuei por três temporadas consecutivas, junto à Liga Campineira e Federação Paulista de Futebol de Salão.

Considero importante este pequeno relato, pois dessas experiências nasceram a curiosidade e as reflexões, que foram mais tarde sistematizadas e que me motivaram a propor, num curso de doutorado em Educação Física, esta temática de pesquisa, pois o esporte é um dos conteúdos da Educação Física e, por muitas décadas, vem sendo seu principal conteúdo, e que encontra, no tempo disponível do brasileiro, uma grande preferência. A assistência a espetáculos de futebol é a atividade de lazer esportivo mais praticada no mundo, e para mim, o estudo do tema futebol e torcida é de grande relevância para a área de Estudos do Lazer, e especificamente no Brasil, é um estudo de relevância social, pois a violência nos estádios de futebol nos é apresentada com frequência e, de modo particular, chocou a todos que viram pelas emissoras de TV as cenas do Pacaembu¹.

A decisão de realizar um estudo sobre torcidas de futebol, no Brasil, se deu devido à grande relevância do futebol em nosso país e à constatação de que há uma produção acadêmica muito pequena sobre o tema. Aliás este foi um problema também encontrado por Elias, na Inglaterra, há algumas décadas. Esse pesquisador lutou muito para que o esporte estivesse entre as preocupações sociológicas, naquele país, necessidade que, de certa forma, vivemos hoje no Brasil.

¹ Assim ficou conhecido o incidente de 20 de agosto de 1995 no estádio do Pacaembu que culminou com a morte de um torcedor tricolor.

Temos percebido, nos últimos três anos, um interesse maior pelo futebol como um tema importante de estudos em nossa cultura, com o aumento do número de estudos sobre essa temática, nos cursos de pós-graduação, em Ciências Sociais e em Educação Física, além, também, do aumento da produção literária sobre futebol por cronistas esportivos, nos últimos anos.

Ao iniciar este estudo eu tinha a intenção de responder duas indagações que se inter-relacionam: a observação das manifestações dos espectadores e torcedores de futebol, nos estádios, e o estudo da relação existente entre futebol e violência. As questões aqui colocadas e que deverão ser trabalhadas ao longo do texto são: Quais são as manifestações dos espectadores e torcedores de futebol profissional observadas nos estádios? Quais as raízes da violência entre torcedores de futebol verificada nos estádios de futebol nos últimos anos?

Para tentar responder a essas questões fiz um levantamento bibliográfico sobre futebol e antropologia, e, em decorrência várias leituras. Mas, quando tive acesso aos livros de Elias & Dunning e Murphy et al., acreditei que a sociologia configuracional, inicialmente desenvolvida por Elias e que vem sendo aprimorada por Dunning, Murphy e outros pesquisadores da Universidade de Leicester, era uma abordagem interessante para estudos sobre o futebol, também no Brasil.

A partir disso, me aprofundei nos estudos desenvolvidos por esses autores e realizei esta pesquisa utilizando a sociologia configuracional e suas categorias, para a análise das observações e entrevistas realizadas com espectadores e torcedores, nos jogos de futebol.

Ao longo do trabalho, faço uma diferenciação entre espectador e torcedor. O espectador de futebol é todo indivíduo que assiste aos espetáculos esportivos, e o torcedor é o indivíduo que além de ser espectador com preferência por algum clube, é torcedor dele, e que manifesta essa predileção no decorrer dos jogos.

Os leitores encontrarão, nesta pesquisa, as denominações de espectador, torcedor, torcedor uniformizado e torcedor organizado. Torcedor uniformizado, como o próprio nome diz, é aquele que usa a camisa de sua equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol. O torcedor organizado é aquele que faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual ele torce.

Ao iniciar esta pesquisa eu tinha alguns indicativos para responder às indagações acima explicitadas e que nortearam essa investigação: os espectadores de futebol raramente se manifestam com xingos, cantos e gestos, eles se manifestam em determinados momentos do jogo, como por exemplo, no momento de um gol; os torcedores, sim manifestam-se através de xingos, cantos, hinos, e gestos, sendo

que essas manifestações se dão durante quase todo o jogo, podendo ocorrer maior exaltação em seus comportamentos, em determinados momentos, como por exemplo em boas jogadas (jogadas emocionantes), na iminência de um gol, em uma falta violenta de um jogador da equipe adversária contra a sua, em uma assinalação do árbitro ou de seus auxiliares contra a sua equipe.

Quanto à violência em estádios de futebol, a questão investigada é se este é um problema intrínseco a este esporte ou é uma problemática extrínseca ao futebol e ao próprio jogo.

O primeiro capítulo trata da origem do esporte moderno, na Inglaterra, e a relação da esportivização dos jogos com os acontecimentos da sociedade inglesa da época, buscando identificar qual era o significado social do futebol, na Inglaterra, e como se deu a profissionalização do futebol naquele país. De posse desses dados busquei reconstruir a chegada do futebol no Brasil e o seu desenvolvimento em alguns dos clubes, considerados como os "grandes" do futebol brasileiro. No estudo que fiz dos autores brasileiros que trataram do tema futebol pude apreender que vários desses tinham uma discussão a respeito do significado do futebol para os brasileiros, o que procurei trazer para o primeiro capítulo, com a finalidade de mostrar uma revisão da literatura sobre esse tema, no que tange especificamente ao significado desse esporte no Brasil. Finalizando o capítulo, incluí a discussão do futebol e o gênero feminino, pois esta temática é

relevante para o presente estudo, inclusive porque os autores ingleses utilizam em sua teoria a relação entre esporte e gênero feminino no transcurso do desenvolvimento das sociedades modernas.

No segundo capítulo, discuto a relação entre violência, esporte e sociedade, apresentando textos de autores brasileiros que tiveram como objetivo discutir especificamente a violência de torcedores de futebol, no Brasil, além de apresentar as categorias desenvolvidas pela sociologia configuracional, que serão fundamentais para a análise que faço, no terceiro capítulo, sendo esse um capítulo de “tipificação” da violência.

O terceiro capítulo, tem a finalidade de apresentar o cenário no qual realizei a pesquisa de campo, e nele apresento como é organizado o futebol brasileiro e, em especial, o campeonato objeto desta pesquisa, e, ainda, como as autoridades reagem diante do aumento de violência nos espetáculos esportivos, principalmente o futebol no período de 94-96. Ainda neste capítulo, procuro identificar os fatores que contribuíram para a queda de público nos espetáculos de futebol, no Brasil. Especificamente nesta parte do trabalho recorri aos vários artigos de jornais e noticiários de emissoras de TV, que vinha colecionando e gravando desde 1995, pois por serem fatos atuais e polêmicos do futebol, apenas foram veiculados por esses meios de comunicação.

Em seguida, apresento como foi realizada a pesquisa de campo, a justificativa da escolha da Sociedade Esportiva Palmeiras, e a análise das observações e entrevistas, feitas durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, e por último as considerações finais deste estudo.

CAPÍTULO I - ESPORTE E SOCIEDADE

Neste primeiro capítulo, que contém a fundamentação teórica da tese, são tratados aspectos como o surgimento do futebol, sua profissionalização, a chegada ao Brasil, a importância dos ídolos etc. É fundamental ficarmos atentos para o fato de que tudo isso contribui para o entendimento do significado social desse esporte, e que sua importação não ficou restrita apenas ao jogo, cada vez mais institucionalizado, mas trouxe consigo uma série de componentes sociais.

O caminho utilizado para analisarmos a chegada do futebol ao Brasil foi a própria história do surgimento dos Clubes, material disponível, quando fizemos o levantamento bibliográfico e documental.

É analisada, ainda, não só a espetacularização do futebol, mas a sua transformação em mercadoria, pela descrição da construção dos primeiros grandes estádios, da promoção das primeiras grandes partidas e seu significado.

Tudo isso constitui uma espécie de pano de fundo para um melhor entendimento do surgimento do esporte como atividade de lazer, e de como sua profissionalização também o transformou em atividade de lazer, com a

importância que foi sendo dada, cada vez mais, aos **espectadores e torcedores**, “categorias” fundamentais para o nosso trabalho.

Só assim é possível o entendimento contextualizado do significado do futebol para os brasileiros, segundo os autores analisados na pesquisa bibliográfica, incluindo aí as questões do gênero: a mulher como praticante, espectadora e torcedora.

Esta pesquisa tem como estrutura de referência teórica, a abordagem que Elias & Dunning (1992) fazem em relação ao esporte. Para estes autores o esporte “... não pode ser encarado, à maneira de alguns especialistas, como se fosse uma instituição social do nosso tempo que se constitui em completa autonomia e independentemente de outros aspectos do desenvolvimento da sociedade.” (Dunning, 1992, p. 60). Este último autor quer dizer com isso que o esporte é uma prática social e que como tal deve ser contextualizada nas diferentes sociedades nas quais se desenvolveu.

Norbert Elias nasceu em 1897, na cidade de Breslau - Alemanha e faleceu no ano de 1990. Inicialmente, fez estudos em medicina, psicologia e filosofia, indo se exilar na Inglaterra com a chegada dos nazis ao poder.

Mais tarde, para cumprir com seus objetivos, os dois autores passaram a contar com a colaboração de Patrick Murphy e John Williams² e incluíram os hooligans³ em seus estudos.

Todos esses autores centram seus estudos, basicamente, na sociedade inglesa. Elias estabelece uma analogia entre a emergência e a difusão do futebol na Inglaterra e a emergência de um sistema político parlamentar, integrando, desta forma, a análise dos esportes na análise da sociedade global.

Segundo Dunning (1992, p. 9), Elias lutou por muito tempo, dentre outras coisas, para que o estudo do esporte e do lazer estivesse no centro das preocupações sociológicas.

² Atualmente pesquisadores da Universidade de Leicester, Inglaterra, juntamente com Eric Dunning.

³ Termo utilizado na Inglaterra e Europa para designar os torcedores de futebol que se envolvem em confrontos violentos antes, durante e após eventos esportivos.

1. A ORIGEM

Alguns dos esportes hoje praticados em todo o mundo tiveram origem na Inglaterra, especificamente no período entre 1850 e 1950 (segunda metade do séc. XIX e primeira metade do séc. XX), dentre os jogos com bola, o futebol, além de outros esportes como as corridas de cavalos, as lutas, o boxe e o tênis. Os jogos com bola somente se propagaram para outros países na segunda metade do século XIX, e dentre estes o futebol, já elevado à condição de esporte.

A palavra **esporte** vem do inglês “sport”, termo importado da Inglaterra, desde o século XIX, por vários países, para denominar os seus passatempos, que, à medida que passam a ser regulamentados por regras oficializadas, recebem essa denominação.

Os passatempos ingleses esportivizados no séc. XIX e XX são comumente chamados de “esportes modernos” e é desta forma que irei utilizar este último termo. Sendo assim o futebol é um dentre os vários esportes modernos, porém com características bem peculiares, pois foi esse o esporte que mais aceitação teve dentre os povos do mundo inteiro, sendo até hoje o mais praticado em diversos países, contando com importantes competições internacionais.

Segundo Elias & Dunning (1992), o futebol tem sua origem na Inglaterra, estando vinculado às necessidades e condições da sociedade inglesa, nos séculos XVIII e XIX no período transitório entre o Regime Político Monárquico e a constituição do Parlamento inglês. Em outras palavras, "... existiam afinidades óbvias entre o desenvolvimento e a estrutura do regime político de Inglaterra no século XVIII e a desportivização⁴, no mesmo período, dos passatempos das classes inglesas elevadas." (Elias. In: Elias & Dunning, 1992, p. 254).

Durante o século XVII, o conceito de esporte era vinculado aos divertimentos das classes altas inglesas, fato que se constitui numa espécie de marca distintiva da nobreza. Mesmo sendo restrita a essa classe social, não podemos isolar esta prática de outros aspectos da realidade. Entretanto é necessário verificar as mudanças ocorridas "... na estrutura da personalidade e na sensibilidade dos indivíduos em relação a violência dos seres humanos que integram estas classes." (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 61).

Na fase anterior à esportivização (adoção de regras universais), os jogos eram regulamentados por tradições locais, sendo assim variáveis suas regras de um local a outro. A normatização destes jogos na Inglaterra passou por vários estágios, até se chegar ao que hoje é denominado de esporte.

⁴ Em português do Brasil lê-se esportivização.

A respeito da gênese do esporte moderno, Elias diz que tanto a esportivização dos jogos como a industrialização podem ter sido sintomas "... de uma transformação mais profunda das sociedades européias, o que exigia dos seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos." (In: Elias & Dunning, 1992, p. 225). Transformação essa que já vinha ocorrendo desde o séc. XVI, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas. (Idem, p. 41).

Na sociedade inglesa, as tensões entre grupos foram elevadas até aproximadamente 1722 (séc. XVIII), quando ascendeu ao poder Robert Walpole. Essas tensões eram heranças da turbulência vivida durante o séc. XVII, na Inglaterra, que ainda estavam vivas.

Uma das principais características do século XVII, na Inglaterra, foi o elevado nível de violência, em que havia confrontos entre facções de grupos de proprietários rurais, demasiado violentos. Dunning (1992) cita entre estes grupos os Whigs e os Tories que, a partir da ascensão de Robert Walpole, passam a travar confrontos não violentos, do ponto de vista da força física. E para Elias as

"Investigações posteriores tornam provável que o processo de formação do Estado, e, em particular, a sujeição da classe guerreira a um controle mais severo, a "curralização" dos nobres nos países continentais, possuía algo de comum com a mudança verificada no código de sensibilidade e de conduta." (Elias. In: Elias & Dunning, 1992, p. 41-42).

Isso também foi verificado por ele com as pesquisas sobre o desenvolvimento do esporte, as quais demonstraram a existência de uma transformação global do código de conduta e de sensibilidade. Daí a conclusão deste autor de que o estudo dos esportes nos possibilita conhecer as sociedades.

Retomando a temática específica do futebol, temos que, por volta de 1863, fundou-se na Inglaterra a “Football Association”, que é responsável até hoje pelo futebol inglês, e que codificou e normatizou o futebol naquele país, possibilitando, assim, a ampliação de disputas entre regiões, pois, até então os jogos ocorriam apenas em regiões que tinham contigüidade.

É interessante notar que o futebol teve sua gênese na sociedade inglesa e sua transformação de passatempo em esporte se deu concomitantemente à institucionalização do Parlamento Inglês; a tese de Elias & Dunning vincula o surgimento deste esporte à estrutura e desenvolvimento dos Estados-nações nos séculos XIX e XX na Europa. Mas, segundo Murphy et al., a expansão do futebol pelo mundo, se dá independentemente destas mesmas estruturas, pois para estes:

“... parece que existe algo na estrutura do futebol que lhe confere uma grande atração no moderno, uma atração que parece ser relativamente independente do nível de desenvolvimento dos países e das características sócio-políticas dos respectivos governos.” (1994, p. 6).

Provavelmente, o futebol tenha tido uma aceitação tão grande por povos do mundo todo, por ser este um esporte que permite a manifestação das mais diversas emoções do ser humano, assim como em outros esportes o espectador pode sentir a esperança de ver a sua equipe marcar gols, ganhar, o medo e o desapontamento da derrota ou de um jogo ruim. Os torcedores da equipe vencedora vivem momentos de triunfo e júbilo e os oponentes provam o sabor amargo da derrota e do desespero. E no caso de empate, ambos sentem um misto destas emoções. (Murphy et al., 1994, p. 8).

2. O SIGNIFICADO SOCIAL DO FUTEBOL E A PROFISSIONALIZAÇÃO

As análises de Elias & Dunning (1992) sobre o significado social do esporte são baseadas no método “configuracional desenvolvido por Elias”, o qual tem sua base de análise nas estruturas e padrões sociais. Sua teoria sociológica, denominada de “sociologia configuracional”, baseia-se em observações de esportes como o jogo de futebol, onde para ele se percebe que “... as configurações de indivíduos não são nem mais nem menos reais do que os indivíduos que as formam.” (Elias & Dunning, 1992, p. 290)⁵. Em outras palavras podemos dizer que os indivíduos que praticam esportes, quando não estão desempenhando o papel de jogador (a), estão desempenhando outros papéis sociais, como por exemplo o de trabalhador (a), de pai ou de mãe, de filho (a), de companheiro (a).

Segundo estes pesquisadores, o jogo é justamente o movimento e reagrupamento de jogadores interdependentes em resposta aos outros. Os jogadores de ambas as equipes, em um jogo, formam uma única configuração, e as suas relações são de interdependência. As dinâmicas dos grupos esportivos são originadas de tensões controladas entre, pelo menos, dois subgrupos.

⁵ Ressaltando aqui que, para estes autores, os indivíduos apresentam-se sempre em configurações.

Elias & Dunning consideram útil a determinação de que os esportes como o futebol são grupos em tensão controlada, onde a cooperação pressupõe tensão e a tensão, cooperação. (1992, p. 286).

Dunning define a teoria da dinâmica de grupos esportivos de Elias

“... como equilíbrio de tensão, desencadeado entre opostos, no seio de um complexo global de polaridades interdependentes. [...] desportos e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais.” (Elias & Dunning, 1992, p. 302).

Nesta perspectiva, o jogo esportivo é um processo que depende da tensão entre dois jogadores ou grupo de jogadores, e que ao mesmo tempo são antagonistas e interdependentes, que mantêm entre si um equilíbrio dinâmico. (Elias & Dunning, 1992, p. 303).

Recentemente, no futebol e em outros esportes coletivos, as tensões produzidas pelos grupos no transcurso de um jogo, são mantidas sob controle, fato que determina o não desencadeamento de atos mais violentos por parte dos jogadores (Elias & Dunning, 1992, p. 287). Isso torna evidente a menor incidência de violência nesses jogos, por parte dos jogadores se comparados com seus antecessores.

Considero esse conceito de jogo esportivo uma contribuição para a Educação Física e os Esportes, pois outras conceituações da área são mais restritas a

aspectos técnicos e, dentro de uma abordagem sociológica do esporte, se faz necessário explicitar nosso conceito de jogo.

Dentro de uma abordagem global do esporte, inserido num contexto social amplo, podemos dizer que a profissionalização dos esportes foi uma exigência da sociedade inglesa do séc. XIX e XX, sendo um processo inevitável. (Elias & Dunning, 1992). A participação de pessoas de camadas da população que não tinham profissão foi crescente e o tempo de dedicação dos jogadores aos treinamentos e jogos foi aumentando e, apesar da resistência de participantes da classe alta inglesa, a profissionalização tornou-se um fato a partir de 1885.

A idéia de espetáculo esportivo começa a surgir já nas duas últimas décadas do século XIX, quando na Inglaterra eram feitas cobranças para ingressos nos jogos esportivos. Estabelecem-se, a partir daí, as competições formais. Nota-se que esta data é coincidente com a profissionalização do futebol, pois já havia ingresso de dinheiro neste esporte devido à cobrança.

O significado social dos esportes se acentua, na medida em que o envolvimento no esporte é cada vez mais sério. Para Dunning, o aumento do significado dos esportes teve a contribuição de três aspectos inter-relacionados. São eles:

“1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação colectiva; e 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas.” (In: Elias & Dunning, 1992, p. 322-323).

Ainda, segundo o mesmo autor, se tivéssemos que definir uma função para o esporte nas sociedades atuais, diríamos que este é uma **atividade de lazer** e que tem como uma das funções a **destruição da rotina**. E, se há a necessidade de pontuar alguma finalidade para os grupos de esportes, esta seria a de dar prazer às pessoas.

As pressões sofridas pelas pessoas nas sociedades urbanas industriais também são sentidas na esfera do esporte, onde cada vez mais se exige performance dos jogadores, árbitros, equipes; onde os espectadores e torcedores tornam-se cada vez mais exigentes, assim como os dirigentes. O espetáculo esportivo tende a se tornar cada vez mais sério e agradável aos espectadores e, para tanto, é necessária mais dedicação à performance e ao treinamento. Exigências essas semelhantes ao do trabalhador da indústria.

De certa forma, destrói-se o elemento lúdico do jogo a partir da pressão social exercida sobre os atletas, em todos os países do mundo, quando estes lutam pelo êxito em competições nacionais e internacionais (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 325).

A profissionalização dos esportes se dá primeiramente também na Inglaterra e o interessante é que as classes nobres inglesas, freqüentadoras das escolas

públicas (public schools), que eram as praticantes dos passatempos ingleses e mais tarde dos esportes modernos, foram as que mais resistiram à sua profissionalização. Interessante, porque aí se explicita um interesse de classe, dos nobres ingleses manterem-se com o status de superioridade em relação à classe trabalhadora. Explicitando melhor esta afirmação, resgato a seguir o texto de Dunning, anteriormente citado, onde podemos interpretar que, nessa época, o esporte passa a ser uma das vias de reconhecimento da classe trabalhadora.

Equipes amadoras de escolas públicas, se retiravam cada vez mais de esportes que tinham equipes profissionais participando. “Revelavam, assim, o receio de serem derrotados por profissionais, que jogavam com a finalidade de obter a glória, de serem reconhecidos como desportistas de sucesso, tanto quanto o foram apenas por divertimento.” (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 316).

Dada a crescente profissionalização, os membros da classe trabalhadora aos poucos tornaram-se jogadores técnica e taticamente superiores aos das escolas públicas. Mas, neste momento, as equipes das escolas públicas passaram a negar sua participação em confrontos com as equipes não pertencentes às classes altas inglesas. A atitude das equipes das escolas públicas foi ambivalente, pois, com a escusa de defender a manutenção do esporte como divertimento, negavam-se ao confronto com as equipes amadoras⁶ da classe

⁶ Equipes essas que, a partir de 1885, se profissionalizaram.

trabalhadora, demonstrando, com isso, o medo da derrota e o preconceito da mistura de classes.

Apesar da resistência imposta pela elite inglesa, as equipes profissionais emergentes vão ganhando notoriedade e a profissionalização do esporte tornou-se um fato a partir de 1885.

Os esportes na Inglaterra foram praticados, em nível nacional, inicialmente apenas pela aristocracia e pela pequena nobreza, pois eram as classes sociais que tinham condições de se deslocar por várias regiões. Após a industrialização, este panorama é alterado, pois as sociedades industriais são relativamente unificadas ao nível nacional, os meios de comunicação e de transporte são superiores às sociedades pré-industriais e há um conjunto de jogos que foram esportivizados e com um grau de “cosmopolitismo”, onde os grupos locais são rivais em potencial aos grupos de outras regiões. Isto significa que “... as pressões recíprocas e os controlos que actuam nas sociedades urbanas industriais reproduzem-se, geralmente, na esfera do desporto.” (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 321).

Neste sentido, os esportistas de alto nível, sejam eles homens ou mulheres, não podem ser independentes e jogar por divertimento, pois a crescente seriedade

nos esportes fez com que estes se dirigissem aos outros, neste caso sendo atores do espetáculo esportivo. E atualmente pode-se dizer que

“... o esporte não é somente o exercício físico entendido como jogo, nem sequer já como espetáculo catalisador de paixões e rivalidades, é um produto de consumo, um meio fantástico de publicidade, e por que não dizer, um grande negócio e um instrumento de poder e de influência social.”⁷ (Merchán, citado por Sánchez, 1998).

Concordo com as palavras de Merchán e quero ressaltar que, no âmbito esportivo mundial, o futebol é atualmente o esporte mais consumido do planeta, devendo ser, assim, um importante objeto de pesquisas.

⁷ “... el deporte no es sólo el ejercicio físico entendido como juego, ni siquiera ya como espectáculo catalisador de pasiones y rivalidades, es un producto de consumo, un medio fantástico de publicidad, y por qué no decirlo, un gran negocio y un instrumento de poder y de influencia social.” (Merchán, citado por Sánchez, 1998).

3. A CHEGADA DO FUTEBOL NO BRASIL E A ORIGEM DE ALGUNS DOS PRINCIPAIS CLUBES BRASILEIROS

O ano de 1894 é a data comumente utilizada pelos estudiosos do futebol brasileiro como o da chegada do futebol em nosso país, apesar de Castellani Filho (1982), apontar também um jogo de futebol entre marinheiros ingleses no Rio de Janeiro, no ano de 1874. Mas, há consenso em que o marco da chegada deste esporte no Brasil foi em 1894, com a vinda de Charles Muller da Inglaterra, um jovem filho de ingleses, recém-chegado a São Paulo de seus estudos na Inglaterra, e que trouxe consigo as primeiras bolas de futebol.

A história do futebol é comumente descrita a partir dos Campeonatos Nacionais, Regionais e da história dos grandes clubes brasileiros e dos jogadores. Vale ainda ressaltar que é uma historiografia de fatos e mais relacionada com o sucesso de alguns jogadores e clubes.

Farei uso dessa literatura, com o objetivo de construir uma argumentação por meio da qual seja possível perceber as semelhanças e diferenças entre a origem e o desenvolvimento desse esporte no Brasil com relação ao descrito anteriormente sobre a Inglaterra.

Este tópico também é importante, pois se percebe, a partir da história da participação dos clubes nos campeonatos, a sua relação com seus torcedores.

Na literatura estudada, descobri que o primeiro clube a praticar futebol no Brasil foi o “São Paulo Athletic Club”, formado por “colonos” ingleses, nome semelhante ao atual São Paulo Futebol Clube, que foi formado a partir de dissidentes deste primeiro. Mas, o primeiro clube a se formar especialmente para a prática do futebol foi a “Associação Atlética Mackenzie”, surgido em 1898.

Em 1900, outros clubes foram formados, no interior de São Paulo. Foram eles: Sport Club Savoia - Sorocaba (atualmente Votorantim) e a Associação Atlética Ponte Preta - Campinas. Em São Paulo, surgiu o Clube Atlético Paulistano.

O primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro foi o Fluminense. Sua fundação se deu no ano de 1902 e, em 16/7/1903, este clube cobrou ingressos para uma partida de futebol pela primeira vez num jogo contra o Paulistano. Assistiram a esse jogo aproximadamente 2.500 pessoas, com um público pagante de 969 pessoas, sendo que o restante do público eram sócios dos clubes e parentes dos jogadores. Este jogo foi tão concorrido que “... Para comprovar a importância já esboçada do futebol, esteve presente o presidente da República Rodrigues Alves, primeiro chefe de Estado a comparecer a um jogo de futebol no Brasil.” (Sussekind, 1996, p. 12).

A primeira liga de futebol a ser formada no Brasil foi a “Liga Paulista de Football”, em 1901. A “Liga Metropolitana de Football do Rio de Janeiro” foi fundada anos mais tarde, exatamente em 8/6/1905. Esta última teve seu primeiro jogo no ano de 1906, com a celebração do Campeonato Carioca, em um jogo entre Fluminense e Paissandu, com vitória de 7 x 0 para o Fluminense.

O futebol no Brasil demorou alguns anos para contagiar a população e se tornar, como mais tarde aconteceu, o esporte mais popular do Brasil. O primeiro dado encontrado sobre espectadores e torcedores de futebol foi que, em primeiro de agosto de 1901, se realizou um jogo entre jogadores do Rio de Janeiro e de Niterói, que tinha mais jogadores do que espectadores. Neste mesmo ano ocorreu o primeiro jogo realizado entre Estados, entre paulistas e cariocas, que terminou empatado em 2 a 2.

O Brasil não importou apenas o jogo de futebol da Inglaterra, mas também as tradições inglesas. Este esporte, assim como acontecia na Inglaterra, por muitos anos foi praticado apenas pelas classes altas brasileiras e por descendentes de ingleses, a maioria pertencentes à elite brasileira. Apenas a partir do ano de 1908, com a criação de vários clubes de futebol, os homens pertencentes a qualquer classe social tiveram o direito à prática do futebol, mesmo assim sofrendo algumas restrições.

O primeiro Campeonato Paulista de Futebol foi realizado em 1902, tendo a participação de cinco clubes, sagrando-se Campeão Paulista o “São Paulo Athletic Club”.

No ano de 1905, além da criação da “Liga Metropolitana de Football do Rio de Janeiro”, realizou-se o primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol, com a vitória dos paulistas.

Em 1910, é fundado, na cidade de São Paulo, o “Sport Club Corinthians Paulista” e, em 1911, no Rio de Janeiro, o Flamengo, sendo estes os clubes mais populares do futebol brasileiro, até os dias de hoje, e com o maior número de torcedores. Corinthians e Flamengo foram os primeiros dos grandes clubes brasileiros, além do Vasco, a abrirem suas portas a atletas não pertencentes à elite, inclusive aos negros.

Em 26 de agosto de 1914 foi fundado, em São Paulo, o Palestra Itália, denominado, em 1942, de Sociedade Esportiva Palmeiras, clube originariamente formado por colonos italianos.

Os negros, no Brasil, foram impedidos de praticar futebol por muitos anos. Em 1914 o Sport Club Corinthians Paulista, fez uma tentativa frustrada de incluir em

seu quadro de jogadores um negro. O impedimento da participação de homens negros foi mantido até 1918, pela Federação Brasileira de Sports - criada em 1914. A imprensa brasileira teve grande participação na liberação da prática do futebol para os homens negros⁸.

Para demonstrar a discriminação existente no futebol quanto à raça e status social citarei Sussekind⁹, que diz que os jogadores da época:

“... eram quase sempre estudantes, brancos, bem-nascidos. Seriam mais tarde profissionais liberais, oficiais do Exército e Marinha. Em 1914, por exemplo, o Flamengo contava em seu time campeão com nove acadêmicos de medicina e um estudante de direito.” (1996, p. 14).

A causa dos negros foi defendida por diversos setores da sociedade, entre esses também importantes escritores. Lima Barreto que foi declaradamente um opositor do futebol, também foi um dos que criticou o veto do Presidente da República¹⁰ a jogadores negros na Seleção Brasileira que jogaria, na Argentina, em primeiro de outubro de 1921. (Sussekind, 1996).

Como um fato importante do futebol, no Rio de Janeiro, e para demonstrar que o futebol contagiava a população brasileira, temos a construção do estádio das Laranjeiras, em 1919, o qual seria utilizado no campeonato Sul-Americano de futebol, realizado no Brasil naquele ano.

⁸ Nota-se que os negros eram metade da população brasileira da época.

⁹ Historiador e jornalista.

¹⁰ Artur Bernardes.

Nesse campeonato, o Brasil sagra-se Campeão Sul-Americano de futebol e o primeiro ídolo do nosso futebol foi um mulato chamado *Friedenreich*, que fez o gol que deu o título ao Brasil. Este foi um fato importante, pois Mário Filho afirmou que: “O chute de *Friedenreich* abriu o caminho para a democratização do football brasileiro.” (1947, p. 70).

A partir do Campeonato Sul-Americano, de 1919, os jogadores brasileiros começam a ter destaque no cenário internacional e, nos anos vinte, o Brasil, começa a vender jogadores para o exterior.

No Brasil, o profissionalismo no futebol foi introduzido a partir de 1933, como um acontecimento inevitável. Confira no depoimento abaixo transcrito:

“Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tornaram-se as vitrinas dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. Levar em consideração a “classe” (social) dos jogadores [...] tornou-se afinal um empreendimento quixotesco.” (Rosenfeld, 1993, p. 84).

O Vasco foi um dos clubes que mais contribuiu para a profissionalização do futebol no Brasil. Incluindo mulatos e negros em sua equipe, conquistou títulos, colaborando assim para a quebra do monopólio do branco no futebol.

O pagamento de “bichos” e as “concentrações” no futebol são práticas antigas deste esporte, iniciadas há muitos anos, nas décadas de 10 e 20

respectivamente. Segundo Rosenfeld (1993) o pagamento de "bichos" foi uma forma encontrada pelos clubes para atrair os jogadores pobres e assim melhorar suas equipes de futebol.

Assim como na Inglaterra, no Brasil também tivemos resistência ao profissionalismo. Porém, os artifícios utilizados foram outros. Inicialmente, foi criada, em 1924, no Rio de Janeiro, uma liga de futebol, a Amea¹¹, que passou a exigir dos jogadores a comprovação de vínculo empregatício, ou comprovação de ser estudante.

Esta foi uma forma encontrada para enfraquecer o Vasco, pois este tinha bons jogadores em seu quadro, porém sem vínculos empregatícios e que dedicavam boa parte do dia ao jogo de futebol. Mas este clube contou com a ajuda da colônia portuguesa, que atestou aos jogadores vínculos empregatícios com seus estabelecimentos comerciais. (Sussekind, 1996).

Mais tarde, passou-se a exigir a assinatura dos jogadores na súmula do jogo, o que fez com que muitos tivessem que tomar lições de caligrafia, pois eram analfabetos ou semi-alfabetizados (Rosenfeld, 1993). Segundo Mario Filho, eles tinham que saber escrever e ler corretamente "...e na frente de alguém como o presidente da liga".¹² (1947, p. 158).

¹¹ Foi uma liga exclusiva criada pelos grandes clubes, sem o Vasco.

¹² Com esses artifícios da Amea o Vasco permaneceu na Liga Metropolitana, esta última de brancos, mulatos e pretos e a Amea uma liga de clubes de brancos. (Mario Filho, 1947).

Nos anos trinta, o futebol firmou-se como um esporte de massa; já no início da década o futebol mobilizava a população. Foi a partir dessa década, que tivemos um crescente êxodo de jogadores brasileiros para a Europa. É também a partir daí "... que se implantam as primeiras transmissões radiofônicas cuja importância pode ser avaliada pelo fato de que o rádio consiste até hoje em um importante órgão divulgador e propagador do futebol." (Toledo, 1996, p. 19).

Nessa mesma década, o profissionalismo do futebol no Brasil, assim como o foi na Inglaterra em 1885, era inevitável. Os clubes no Rio de Janeiro se dividiam quanto ao apoio à profissionalização do futebol:

"Fluminense e Vasco firmavam posição favorável. O Botafogo, por contar com um grande time, campeão em 1930 e 1932, e por saber que seus principais jogadores não aceitariam a profissionalização, foi contra. Juntaram-se a ele Flamengo e São Cristovão. Isso não impediu que Fluminense, Vasco e América implantassem o profissionalismo, com a fundação da Liga Carioca a 23 de janeiro de 1933." (Sussekind, 1996, p. 23).

A profissionalização, no Brasil, foi uma forma de evitar a saída de jogadores brasileiros para outros países, que já haviam introduzido o futebol profissional, principalmente para a Itália e Espanha. (Rosenfeld, 1993).

Com o crescente interesse da população pelo futebol, se fez necessário a construção de estádios com grande capacidade de público. Foi assim que em 1940, em São Paulo, foi inaugurado o estádio Paulo Machado de Carvalho, mais

conhecido como Pacaembu, atualmente, um dos principais estádios de futebol da cidade de São Paulo, só ficando atrás do Estádio do Morumbi, o maior em capacidade de público.

Outra referência ao futebol como um esporte popular no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, encontrei em Sussekind, quando ele nos relata que, na década de 40 e início de 50, os cariocas demonstravam, no futebol, superioridade sobre os paulistas, inclusive em quantidade de público nos estádios. Nesse período, os cariocas foram tetra-campeões brasileiros de seleções estaduais, conquistando os títulos nos anos de 1943, 1944, 1946 e 1950. “O futebol carioca era o melhor e o mais popular do Brasil.” (Sussekind, 1996, p. 28).

Um marco importante no futebol brasileiro foi a inauguração do Estádio do Maracanã, no ano de 1950, para a realização da Copa do Mundo que se realizou no mesmo ano no Brasil: “O Maracanã mudaria a história do futebol carioca e brasileiro. O esporte deixava de ser apenas um fenômeno de massa para se converter no espetáculo das multidões.” (Sussekind, 1996, p. 29), pois o Maracanã foi e é até hoje o Estádio com maior capacidade de público. Segundo consta na literatura, a partir da inauguração do Maracanã, os homens passaram a ir aos jogos acompanhados de suas esposas e filhos, pois o estádio em si atraía as pessoas.

Como uma referência importante da quantidade de público em uma partida de futebol, temos que:

“Em 1942, uma partida de estréia em São Paulo de um dos maiores jogadores de todos os tempos, Leônidas, o inventor da *bicicleta*¹³, São Paulo Futebol Clube vs Sport Club Corinthians Paulista levou 70.281 pessoas aquele estádio.” (Toledo, 1996, p. 20).

O futebol brasileiro começava a ter um grande destaque internacional. No ano de 1948, o Vasco tornou-se Campeão Sul-Americano de Clubes. Era o início da conquista, por parte do Brasil, de importantes títulos internacionais.

O futebol brasileiro teve, na década de 50, um grande reconhecimento internacional. Já no ano de 1950 tivemos a Copa do Mundo no Brasil e a triste e inesquecível derrota para a Seleção do Uruguai no Estádio do Maracanã, diante de 173.830 pessoas. Nessa mesma década surge a televisão ainda em preto e branco. Esse novo meio de comunicação também teve um papel importante para o futebol brasileiro, pois as partidas que eram assistidas nos estádios ou ouvidas pelos rádios passaram a poder ser vistas na TV, fato que contribuiu para a divulgação e popularização desse esporte.

¹³ No futebol, bicicleta é uma jogada na qual o jogador estando de costas para o gol, golpeia a bola com um dos pés a meia altura (sem que ela toque o chão), em direção ao “gol” adversário.

No final da década, no ano de 1958, a Seleção Brasileira conquistou o primeiro título mundial de futebol, sagrando-se campeã da Copa do Mundo, o que foi de grande importância para o reconhecimento do futebol brasileiro mundialmente.

A história do futebol no Brasil é perpassada pela história dos campeonatos nacionais e estaduais, assim como a história da participação dos clubes nesses campeonatos, sendo que alguns jogos foram históricos como no caso do jogo Flamengo e Fluminense, no Campeonato Carioca do ano de 1963, por ter levado ao Maracanã o maior número de espectadores em um jogo entre clubes. Foram 177.676 pessoas no Maracanã para assistir a esse “clássico carioca”. Esses clubes estão dentre os maiores e mais importantes do futebol brasileiro desde suas fundações, somando-se a eles o Vasco e Botafogo, também do Rio de Janeiro, e em São Paulo, Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos.

Os ídolos são, entre outros fatores, grandes responsáveis pela frequência de público nos estádios, e para Sussekind (1996) o aparecimento de Zico, na década de 70, foi fundamental para a liderança técnica e de público do futebol carioca no cenário nacional, pois outro grande ídolo, Pelé, se despediu oficialmente dos gramados brasileiros em 1973.

4. O SIGNIFICADO DO FUTEBOL PARA OS BRASILEIROS, SEGUNDO OS AUTORES

Neste tópico, trato do que pensam alguns autores estudados, sobre o significado do futebol para os brasileiros. Aqui me restringirei aos autores brasileiros, por compreender que estarei retratando o pensamento brasileiro a respeito da temática.

O interesse dos brasileiros pelo futebol foi crescente a partir da década de 10 e mais incentivado ainda com o advento do rádio, que se deu na década de 30, no Brasil, e, posteriormente, com a televisão, na década de 50, ainda em preto e branco.

Nas décadas de 10 e 20, a transmissão dos acontecimentos em partidas de futebol dependia de conversas entre as pessoas, e assim ia-se aumentando o número de pessoas interessadas neste esporte.

Este panorama foi se modificando a partir de 1933 com o profissionalismo no futebol. A imprensa (principalmente os jornais) ampliou os espaços dedicados ao futebol. Os locutores esportivos de rádio também tiveram grande contribuição

para a popularização do esporte por ser esta uma narrativa distintiva. Com o apoio da imprensa, a população foi conhecendo seus ídolos. (Sussekind, 1996).

Nos estudos que realizei da literatura brasileira sobre o futebol, posso dizer que a produção acadêmica acerca do tema é pequena, comparada à grande relevância social desta temática, principalmente em nosso país¹⁴.

Os livros publicados, na sua maioria, são de cronistas esportivos¹⁵, com um trato literário do futebol, além de que vários deles tratam das experiências de futebolistas brasileiros. Encontramos também aqueles específicos de violência no futebol e outros correlatos à temática, como por exemplo, os que tratam das questões do lazer, do esporte, da sociedade, da cultura e literatura específica de Antropologia e Sociologia.

Os artigos de revistas encontrados¹⁶, trazem interpretações que poderiam ser classificadas como psicanalíticas e outras como antropológicas, sobre o sentido e significado do futebol para o povo brasileiro.

¹⁴ Os trabalhos acadêmicos encontrados foram apenas cinco dissertações de mestrado, duas das quais defendidas no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, que tratam de torcidas organizadas do Corinthians e da Democracia Corinthiana; uma defendida na Faculdade de Antropologia Social da USP, sobre torcidas organizadas, uma defendida na Sociologia da USP, sobre o Futebol de Fábrica em São Paulo, uma defendida na PUC-SP. Duas teses de doutorado, uma defendida no Departamento de Sociologia da New York University, e publicada na forma de livro em 1997 pela Editora Vozes, e outra defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, em agosto de 1997. Utilizei apenas algumas dessas, pois as não citadas ao longo do texto não apresentaram relação direta com esta pesquisa.

¹⁵ Alguns destes são: Rodrigues (1993); Saldanha (1980); Saldanha (1994), Mario Filho (1947); Rodrigues (1994).

¹⁶ Alguns destes são: Byington (1982), Frare (1994); Daolio (1989); Daolio (1992); Daolio (1994).

A literatura disponível sobre futebol e seus espectadores trata o tema com diferentes enfoques. Considera o futebol a paixão do povo brasileiro, um ritual, em que os torcedores se identificam com os seus ídolos.

Daolio foi um dos autores encontrados na literatura que tem a preocupação de fazer uma leitura do futebol, num contexto social mais amplo, e para tal se utiliza de autores clássicos da antropologia. Esse autor declara que pretende analisar o futebol na sociedade brasileira considerando-o como “... uma prática social que, como tal, expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas.” (1989, p. 58). Para ele “... uma compreensão sociológica do futebol praticado no nosso país permitirá uma maior compreensão da sociedade brasileira.” (Idem, p. 58). Daolio considera o futebol mais do que um conjunto de regras, técnicas e táticas; ele é a “... expressão da cultura brasileira, com todas as suas virtudes e com todos os seus defeitos.” (Idem, p. 60). Percebe-se nos textos desse autor uma aproximação entre futebol e identificação coletiva, característica também apontada por Elias & Dunning e citado na página vinte e um deste trabalho.

No que tange à questão do gênero, Daolio (1994), assim como eu, observa em seu texto, que os meninos têm na infância maior oportunidade de brincar com bolas do que as meninas. Percebe-se também, que os homens frequentam os

estádios em maior número do que as mulheres. Essas duas observações nos revelam "... o traço de masculinidade presente na própria sociedade brasileira" (p. 6), e que podemos também identificar nos xingamentos e gritos de guerra das torcidas, que serão transcritos no terceiro capítulo.

Para Byington o Futebol é um grande ritual do povo "... é um espetáculo coletivo que se torna ritualístico na medida em que identifica os espectadores com o drama que se desenrola em campo. Os jogadores são como personagens de teatro com os quais nos identificamos ritualmente. E o campo, na realidade, reúne dois grandes teatros de arena, sendo por isto um anfiteatro." (Byington, 1982, p. 21).

Essa citação talvez nos ajude a entender o motivo pelo qual os brasileiros elegem, como heróis, jogadores que ficam distantes de serem modelos de "bons cidadãos". Basta ser bom goleador e já é suficiente para tornar-se ídolo. Pois, Byington diz que, justamente por ser goleador, ele se torna o maior de todos, o ídolo. (Idem, p. 23).

Quando o assunto é ídolo, atribuo grande responsabilidade à imprensa brasileira, no que tange à criação e o esquecimento de ídolos. Inclusive, atualmente, presenciamos uma grande discussão por parte de sociólogos, advogados, juízes

e jornalistas espanhóis sobre esta temática¹⁷. As reportagens sensacionalistas, sobre as atitudes de jogadores, assim como a repetição demasiada de seus gols e jogadas, fazem de alguns jogadores de futebol ídolos de uma hora para outra.

Ainda recorrendo a Byington, o autor afirma que o Futebol torna-se uma escola onde seus espectadores aprendem a lidar com muitas emoções humanas, como, por exemplo, "... a agressividade, a competição, a inveja, a depressão, o orgulho, a vaidade, a humilhação, a amizade, a rivalidade, o fingimento, a traição e a solidariedade." (1982, p. 23).

A citação acima é compartilhada nos textos de Elias & Dunning (1992), assim como no livro de Toledo (1996). Este é um ponto comum entre os autores estudados.

Segundo a interpretação de Byington (1982) sobre o futebol, há uma identificação forte entre jogador e torcedor. Por exemplo, um time que se lança ao ataque "... ativa a coragem e a ambição do jogador-torcedor em busca do gol." (p. 23) É como se todos os espectadores entrassem em campo para auxiliar o ataque de sua equipe. Assim como pode haver identificação, há também a ruptura jogador-torcedor. Por exemplo: "É quando o jogador se controla mas o espectador perde o controle emocional". (p.24). Dunning trabalha bem esta temática e tem como base

¹⁷ O assunto foi discutido em palestras no Curso de Verão da Universidade Complutense de Madri em julho de 1997.

de sua análise o controle da excitação e a questão das polaridades, que serão melhor explicitadas no próximo capítulo.

Para Toledo (1994), o futebol recorre a quase todos os níveis da experiência brasileira, sendo eles hierarquias, desigualdades, crenças, interesses políticos e econômicos.

Como se pode observar, alguns autores trazem para a discussão do futebol a relação deste com as questões políticas e sociais de forma mais ampla, enquanto que outros se detêm mais em explicações psicológicas ligadas às emoções humanas.

Tenho uma observação a fazer em relação à literatura brasileira sobre futebol e que é bem descrita por César (1981) que concluiu em seus estudos que

“... pouco se pode apreender do que seja realmente o futebol enquanto fenômeno de massa, enquanto fato que interfere na vida social brasileira. Muito do que se tem é mistificação e uma mistificação que advém do desconhecimento e da desatenção. Como quase nada do que se refere ao futebol enquanto fenômeno de torcedores está sistematizado e analisado, os dados disponíveis (eles mesmos não sistemáticos) são utilizados segundo os interesses do momento e de quem os utiliza.” (p. 7 e 8).

Gostaria apenas de atualizar esta crítica, dizendo que atualmente pouco podemos apreender do que seja realmente o futebol, enquanto um fenômeno de massa, pois considero que é preciso fazermos distinções entre nosso futebol nacional,

representado pela seleção brasileira, e o futebol de clubes que têm seus aficcionados. Considero necessário que ao falarmos de futebol e torcida é preciso dizer a que futebol estamos nos referindo. Porque senão corremos o risco de sermos superficiais e saudosistas ao nos referirmos ao futebol de forma genérica e o afirmarmos como uma expressão do povo brasileiro. Ou, estaremos contribuindo para a mistificação do futebol e correndo o risco de revivermos eternamente os sentimentos de tristeza e desespero da Copa de 50 e, por outro lado, a alegria e o êxtase da vitória da Copa de 70, e não levarmos em conta as mudanças que a nossa sociedade vem sofrendo desde a década de 50.

Considero importante e necessário o avanço dos estudos sobre futebol pela academia, pois como já relatei, são muito pouco os estudos sobre futebol em nosso país, dada sua relevância social e principalmente porque, tanto a sociedade, como o significado social do futebol, têm tido mudanças neste final de século.

No Brasil, é corrente a afirmação de que somos o país do Futebol e de que no país do Futebol não é necessário um ensino sistematizado deste esporte. Afirma-se que o brasileiro é por “natureza” um futebolista e isto serve para escamotear a necessidade de preparar as crianças e jovens, principalmente em idade escolar, para a prática e o “consumo” do futebol, enquanto componente importante da nossa cultura.

A crescente urbanização pela qual passaram e passam as sociedades modernas favoreceu o consumismo de atividades de lazer. Os meios de comunicação tiveram uma significativa responsabilidade na difusão e consumo de atividades de lazer que, para Marcellino, caminhou no sentido da “homogeneização do consumo”. (1996, p. 23).

O futebol, como um espetáculo esportivo, não fica fora desta análise e é, das atividades de lazer esportivo, a mais veiculada hoje na TV brasileira. Para Marcellino¹⁸, as produções televisivas oferecidas ao grande público, de maneira geral, têm uma pobreza de conteúdos e o futebol, como uma destas produções, não fica à margem.

A excessiva veiculação de jogos de futebol pelas emissoras de TV e o baixo nível técnico das transmissões têm saturado o telespectador, trazendo inclusive “prejuízos” para este esporte, que é considerado o esporte mundial.

Para reverter o atual quadro e possibilitar um maior conhecimento do futebol em nosso país, acredito que o ensino do futebol deva superar o nível do “senso comum”, para que os indivíduos, como espectadores de futebol, possam ser espectadores ativos, segundo a classificação e definição do sociólogo Joffre Dumazedier. Para este estudioso do lazer, o espectador ativo é seletivo, sensível

¹⁸ Capacitação de Animadores Sócio-culturais, 1996.

e tem a compreensão, apreciação e a explicação do objeto do consumo. Ainda segundo este sociólogo "... tanto a prática como o consumo, poderão ser ativos ou passivos, dependendo dos níveis de participação da pessoa envolvida...". (Dumazedier, 1980).

5. A PARTICIPAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NO FUTEBOL

A discussão do futebol praticado e assistido por pessoas do gênero feminino é importante nesta pesquisa, pois no meu modo de ver, as experiências das mulheres como praticantes devem incentivar a sua condição de assistentes desse tipo de espetáculo esportivo. Além disso a teoria de Elias & Dunning, base para esta tese, dá um destaque especial ao gênero feminino, afirmando em seus estudos, que a presença delas em espetáculos esportivos inibe os atos de violência. Constata-se que historicamente foi negada à mulher sua participação no futebol institucionalizado e, entre os espectadores e torcedores de futebol, a sua presença sempre foi tímida, apesar do crescente interesse que o futebol vem despertando atualmente nas mulheres.

Assim, neste tópico procuro fazer uma abordagem histórica da relação do gênero feminino com o futebol.

Os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens. O que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve que conquistar sua participação e ganhar o seu reconhecimento.

Segundo Dunning (1992), em Comte e Durkheim, a mulher era considerada intelectualmente inferior ao homem. Isso demonstra a discriminação contra a mulher por parte de importantes sociólogos deste século.

A abordagem que Elias & Dunning (1992) fazem do esporte engloba também a discussão do gênero e do acesso da mulher a determinadas oportunidades sociais. Para demonstrar isso Dunning escreve que:

“O equilíbrio de poder entre os sexos irá também variar a favor dos homens de acordo com o grau em que estes dispõem, em relação às mulheres, de mais hipóteses de ações unificadas, e sempre que os homens monopolizam o acesso e o controle das principais determinantes das oportunidades sociais, em especial, na economia e no Estado. Além disso, em qualquer sociedade, quanto mais acentuadas forem as formas do domínio masculino, maior será a tendência para prevalecer a rigorosa segregação entre os sexos. [...] na medida em que as relações sociais se apaziguam, as hipóteses de poder das mulheres aumentam, a segregação sexual desaparece e as tendências *macho* dos homens deslocam-se no sentido da civilização.” (1992, p. 392).

Para Dunning, a segregação entre os sexos vai ser responsável inclusive pela presença de violência na família e consequentemente na sociedade em geral e no esporte em particular. Na Inglaterra do século XIX

“... o ideal feminino - segundo a perspectiva masculina - é representado como tímido, frágil e dependente. Isto correspondia à imagem dos papéis masculino e feminino dominantes no modelo de família nuclear patriarcal que na época se estava a tornar a norma entre as classes médias em expansão.” (Dunning, 1992, p. 398).

A determinação da mulher como “tímida, frágil e dependente” é uma interpretação que historicamente foi atribuída a ela, sempre do ponto de vista dos homens e

que, na Educação Física¹⁹ e, em especial, na brasileira, principalmente na década de 70, teve o apoio de autores que escreveram sobre os esportes²⁰, trabalhos que não trazem fundamentação científica alguma, apenas reforçaram a segregação de sexos na nossa sociedade.

Tratando-se do futebol como espetáculo esportivo, Murphy et al. afirmam que: "... a atroz falta de infra estruturas específicas para as mulheres, bem como o facto de estas estarem impedidas de acederem aos cargos de direcção dos clubes." (1994, p. 217), foram fatores responsáveis pela pouca presença feminina neste tipo de atividade de lazer. Esta colocação me parece contraditória, na medida em que os autores defendem a maior participação da mulher nos espetáculos esportivos, dizendo que isto traria um avanço no comportamento dos homens. Mas, ao afirmarem a necessidade de "instalações confortáveis", eles estão, implicitamente, considerando a mulher como um ser que necessita de "cuidados especiais".

De qualquer forma, considero discriminatório dizer que mulheres precisam de infra-estruturas distintas, ou melhores, das que existem hoje nos estádios. Para mim, esta exigência não seria o limitador da presença das mulheres nos estádios e sim dos espectadores em geral, pois concordo que a melhoria das instalações nos estádios é necessária, mas não apenas para as mulheres. Considero que

¹⁹ Sobre a temática consultar Soares (1994).

²⁰ Sobre a temática consultar Reis (1994).

essa distinção reforça a idéia de que a mulher precisa de cuidados especiais, distinção inadequada e inaceitável em nosso tempo, onde a mulher tem conquistado espaço e postos de trabalho jamais alcançados outrora.

A partir da observação das “grandes potências” Murphy, et al. afirmam que “... nas mais variadas situações sociais, é possível observar-se, empiricamente, que a presença das mulheres exerce um efeito benéfico e civilizador sobre o comportamento dos homens.” (1994, p. 217). Esses autores ainda nos alertam que: “A abertura da modalidade às mulheres, quer como participantes quer como espectadores e dirigentes, trará consigo importantes mudanças, para além de começar a minar a imagem do futebol como coisa 'só para homens' ”. (1994, p. 217).

A dimensão fundamental da participação da mulher em jogos de futebol, em termos sociológicos “... depende do equilíbrio de poderes socialmente gerados entre os sexos, no contexto mais amplo da sociedade no seu todo. Só através do incremento do poder das mulheres em relação aos homens é que o tipo de estratégia que temos vivido a advogar poderá dar os seus frutos.” (Murphy et al., 1994, p. 217).

No entanto, no Brasil, a história da participação da mulher no futebol institucionalizado é permeada por leis e preconceitos. Como já afirmei

anteriormente, a proibição da participação das mulheres no futebol criou a cultura deste, como um esporte masculino, com o que eu não concordo.

Sendo a construção cultural um processo dinâmico, a qualquer momento a sociedade é capaz de superar os mitos e preconceitos existentes, neste caso no que tange à questão do gênero.

No Brasil o preconceito de que a mulher não podia jogar futebol, "... teve sustentação na legislação brasileira que proibiu a prática deste esporte e de outros pelas mulheres até 1979, através da Deliberação 7/65 do Conselho Nacional de Desportos (CND)." (Reis, 1996).

A sociedade brasileira criou vários mitos acerca da mulher jogar futebol, muitos destes reforçados inclusive por pesquisas científicas das áreas de Fisiologia e Medicina²¹.

Um típico exemplo de preconceito com relação ao gênero feminino pode ser encontrado no trabalho de Nagy (1983), que foi abordado por Reis (1994), com o objetivo de denunciar a falta de rigor científico nos livros que tratam de esportes coletivos, principalmente da década de 70. Nagy (1983) ao se referir a "preparação física" (sic) de equipes diz que:

²¹ Sobre a temática consultar Pereira (1984).

“... o trabalho deve basear-se nas equipes masculinas, porém, respeitando a diferença da capacidade física.

O número de repetição e a intensidade dos exercícios devem ser diminuídos.

É do conhecimento geral de que o sexo feminino tem estatura menor que o masculino, por isso o rendimento técnico e tático não alcança o nível do mesmo.” (p. 199).

Ainda esse autor se utiliza da seguinte argumentação para ressaltar a importância da prática de atividade física para as mulheres: “A mulher que pratica esporte favorece a sua função de mãe, pois terá mais facilidade em termos de procriação e outras atividades tipicamente femininas.”(p. 200).

Apesar dos livros sobre esportes coletivos terem predominantemente, na década de 70, abordagens semelhantes as de Nagy (Reis, 1994), foi devido ao avanço que vinha tendo o futebol feminino, internacionalmente, e sob esta influência que, a partir de 1979, foi permitido às mulheres brasileiras a participação institucionalizada no futebol de campo. A legalização da prática do futebol de salão feminino veio posteriormente a do futebol de campo.

A história da participação das mulheres brasileiras, em campeonatos esportivos nacionais adultos, se deu sempre posteriormente à participação dos homens, exceto no caso do voleibol (Pereira, 1983), como pode ser visto a seguir²²:

²² O quadro foi extraído de Pereira, 1984, e acrescentei o futebol.

Modalidade	1o. Campeonato Brasileiro Adulto	
	Feminino	Masculino
Basquetebol	1940	1925
Handebol	1978	1974
Voleibol	1944	1944
Futebol	1997 ²³	1905

Considero a proibição da prática do futebol institucionalizado pelas mulheres, até 1979, no Brasil, uma grande contradição, por ser o nosso país considerado mundialmente como o país do futebol, enquanto que nos Estados Unidos²⁴, um país sem tradição no futebol, já em fevereiro de 1963, foi publicada, na capa do Jornal de Educação Física Recreação e Dança, uma foto de meninos e meninas disputando uma animada partida de “soccer”. (Pereira, 1984).

No Brasil ocorreu bastante discriminação às mulheres que praticavam futebol, e tal fato se estendia também aquelas que participavam como espectadoras de jogos de futebol, desacompanhadas de seus maridos. A referência da participação mais acentuada das mulheres, acompanhadas de seus familiares,

²³ Ainda não reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol.

²⁴ Os Estados Unidos atualmente têm sua seleção de futebol feminino entre as melhores do mundo, inclusive já tendo conquistado o título de Campeã Mundial.

data da década de 50, com a construção do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, considero que a participação da mulher no futebol depende da conquista por parte das mulheres de um respeito e reconhecimento em um contexto social mais amplo. Pois: “As conquistas no campo esportivo seguem as conquistas do campo social, como vivemos em uma sociedade onde os valores predominantes ainda são os masculinos, certamente no campo dos esportes o que predomina são os valores masculinos.” (Reis, 1996).

Por muitos anos, pesquisas nas áreas de Educação Física e Esportes contribuíram e reforçaram o preconceito e os mitos da mulher jogar futebol. Uma das estratégias para tal foi a ridicularização dos jogos de futebol feminino como um jogo feio, devido à pouca habilidade das jogadoras²⁵.

Atualmente, este panorama vem lentamente sendo mudado. Em março de 1997, pela primeira vez em São Paulo²⁶, a Federação Paulista de Futebol permitiu que uma empresa privada organizasse o Campeonato de Futebol Feminino de São Paulo e a imprensa o denominou de “Paulistana”.

²⁵ Que de fato não eram. Provavelmente os autores que faziam estas colocações referiam-se a jogos improvisados e não a uma equipe de futebol onde realmente se tem um trabalho para a formação de jogadoras.

²⁶ Outros Campeonatos ocorreram, desde 1980, mas não foram reconhecidos pela Federação Paulista de Futebol.

Apesar deste ser um campeonato organizado, ao meu ver, de forma arbitrária e anti-democrática, ainda assim, significou um avanço, tanto para o esporte como para a sociedade brasileira. Neste campeonato não houve inscrição livre de equipes de futebol feminino, e o que ocorreu foi a divisão das melhores jogadoras do país, da seleção brasileira, em equipes, simulando assim, a existência de várias equipes de futebol feminino, em grandes clubes paulistas, e de nível técnico equilibrado.

Uma emissora de TV, a Bandeirantes, deu destaque a esse campeonato e transmitiu dois jogos por semana, com horários pré-determinados, o que facilitou ao espectador e ao telespectador a assistência aos jogos, além de divulgar e incentivar o esporte. No meio do campeonato, sem maiores explicações, os jogos foram transferidos da capital paulista para a cidade de Itu, interior de São Paulo, diminuindo assim significativamente o número de espectadores. Novamente, sem maiores explicações, os jogos das finais aconteceram na capital paulista.

No meu modo de ver os dados relatados neste tópico têm relação direta com a pouca presença de pessoas do gênero feminino em espetáculos esportivos de futebol, pois, criamos a cultura do futebol como sendo uma atividade masculina.

A pesquisa bibliográfica, concentrada neste capítulo procurou tratar da origem e significado do futebol para os autores estudados, destacando aspectos

importantes para o entendimento da participação dos espectadores e torcedores, objeto central desta tese, como sua origem através dos clubes, sua difusão como atividade de lazer, nos gêneros da prática, do consumo (espetáculo esportivo) e do conhecimento, a cultura dos ídolos, e o futebol feminino, pretendendo com isso contextualizar o futebol na nossa sociedade como um esporte rico em significados. Além disso, esse é um passo importante para o entendimento das categorias de análise da teoria de Elías & Dunning, que serão apresentadas, nos capítulos seguintes, e utilizadas na interpretação das entrevistas, no terceiro capítulo.

Outro aspecto importante desta pesquisa, que tratarei no próximo capítulo, é a temática Violência e Esporte, que é de fundamental importância para a análise das manifestações dos espectadores e torcedores de futebol.

CAPÍTULO II - VIOLÊNCIA E ESPORTE

De acordo com as colocações estabelecidas no capítulo anterior, não é possível o entendimento da questão do esporte, incluindo aí o futebol, fora do contexto social mais amplo.

Assim também ocorre com a questão da violência associada ao esporte, tema enfocado neste capítulo, imprescindível na atualidade, quando se analisa o problema dos espectadores e torcedores de futebol.

Dessa forma a própria origem da violência no esporte é entendida dentro da sociedade em geral, e nele, como uma decorrência da crescente seriedade verificada após a sua profissionalização. Aqui as duas categorias fundamentais são as de violência “afetiva” e “racional”.

Já quando são estabelecidas, mais especificamente, as ligações da violência com a sociedade, é preciso que se distinga outras duas categorias: “ligações segmentares” e “funcionais”.

Com relação à violência das torcidas de futebol é importante destacar o papel das chamadas torcidas organizadas e questionar sua aproximação ou não com os hooligans ingleses, estudados pelos autores que fornecem a teoria de base para esta pesquisa.

Finalmente são destacadas as mudanças que podem ser observadas na relação violência/futebol, com as medidas tomadas, em São Paulo, a partir de 1996, e as análises de autores brasileiros, a partir de manifestações violentas ocorridas nos estádios de futebol.

1. A ORIGEM E O CONCEITO DE VIOLÊNCIA NO ESPORTE

Como já tivemos a oportunidade de dizer anteriormente, o esporte moderno originou-se na Inglaterra nos séculos XIX e XX, posteriormente a um período de grande violência na sociedade inglesa. Esse esporte contribuiu, de certa maneira, para o “controle” da violência existente na sociedade inglesa, criando meios de disputas não violentos. Sendo assim:

“O desporto é, de facto, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem o planejar. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido.” (Elias & Dunning, 1992, p. 243).

A teoria descrita por Elias sobre o “processo de civilização” diz que uma sociedade pode, ao mesmo tempo, viver avanços civilizatórios e descivilizatórios, e, quando atravessamos um período apenas de “processo civilizatório”, observa-se, ao longo dos anos, um “equilíbrio entre violência ‘afetiva’ e ‘racional’”. (Dunning, 1992, p. 332).

A violência afetiva ou simbólica é aquela em que os indivíduos manifestam-se com o intuito de demonstrar seus sentimentos, que em estádios de futebol pode ser observada a partir dos gestos e de algumas canções e hinos cantados por torcedores de futebol. Normalmente é emocionalmente satisfatória e agradável.

A violência racional é aquela em que os indivíduos, ou um determinado grupo, têm a intenção, premeditada ou não, de gerar confrontos violentos, sendo que quem a utiliza tem um objetivo a atingir.

Os confrontos violentos ocorrem quando há um desequilíbrio entre a violência afetiva e racional, visto que o indivíduo pode perder o controle durante manifestações do tipo afetiva e desencadear a violência manifesta. Nesse caso temos a transformação de um tipo de violência em outra (de afetiva à racional).

Elias afirma que houve diminuição da tendência das pessoas obterem prazer a partir de atos violentos, assim como o aumento da repugnância à manifestação de violência física. Com essas transformações, as sociedades passaram a criar formas de represálias aos comportamentos de violência física, como é o caso da hospitalização e do encarceramento. O autor afirma que isso contribuiu para o aumento da inclinação das pessoas ao uso da violência de uma maneira calculada.

O uso da violência como instrumento de busca do sucesso pode ter aumentado nos últimos tempos, mas, sem dúvida, os esportes modernos são menos violentos que seus antecessores. Isso demonstra que houve um processo civilizador nos esportes hoje praticados. Portanto verifica-se o uso da violência de forma racional, como instrumento para se alcançar resultados, possibilitando assim a

aparição da violência manifesta, que é aquela utilizada pelos jogadores que perdem momentaneamente o seu autocontrole e agridem o adversário.

A falta de estudos brasileiros sobre esporte, violência e espetáculo esportivo me remete aos trabalhos internacionais, especificamente os de Elias & Dunning, a fim de procurar analisar as raízes da violência no esporte moderno.

Com o intuito de analisar a violência no futebol, irei valer-me da classificação dos tipos de violência de Dunning. Na classificação de violência feita por Dunning são levados em consideração os instrumentos ou armas utilizados, os motivos dos atores e os níveis de intenção na realização de seus atos, assim como alguns dos parâmetros sociais que contribuem para distinguir as formas de violência umas das outras. (Dunning, 1992, p. 329).

Na pesquisa de campo realizada, que detalharei no terceiro capítulo, pude observar a predominância da manifestação de violência simbólica ou afetiva, pelos torcedores, nos estádios de futebol, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996. As expressões mais utilizadas foram as denominadas de baixo calão. Percebe-se na maioria das vezes, que elas estão relacionadas com o gênero feminino, ou são palavras que exprimem inferioridade ou passividade sexual. Isso poderá ser observado nas canções que serão transcritas no próximo capítulo, que são comumente ouvidas em estádios de futebol.

Capez (1996) diz que as formas de violência observadas em estádios de futebol são similares às presentes em eventos de multidões em geral. As causas²⁷ dessas formas de violência são classificadas quanto a número, sugestão, contágio, novidade, anonimato, expansão de emoções reprimidas e imitação. Percebe-se, nessa classificação, que o autor entende as manifestações dos torcedores e espectadores de futebol, como uma necessidade deles expandirem emoções reprimidas.

Em eventos de multidão, o grande número de pessoas reunidas para o mesmo objetivo, dá aos seus integrantes a sensação de poder e segurança. As idéias se propagam por sugestão e são transmitidas por contágio, sem maiores reflexões acerca das propostas dos membros influentes. Pode-se observar ainda que nem sempre as condutas em grandes grupos são as habituais do indivíduo no seu cotidiano. (Capez, 1996).

Para tratar de incidentes de violência no futebol, irei valer-me da tipologia de acção aperfeiçoada por Dunning²⁸. Para este autor, pode-se fazer pelo menos oito distinções provisórias, dentre as formas de violência humana:

“1) Se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta a forma de uma agressão física directa ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais.

2) Se a violência apresenta a forma de um “jogo” ou “simulação” ou se ela é “séria” ou “real”. Esta dimensão pode também ser apreendida através da distinção entre violência ritual ou não ritual”[...].

²⁷ Essas causas foram transcritas por Capez do Manual de Controle de Distúrbios Cívicos.

²⁸ Modificação de alguns aspectos da tipologia de acção de Weber.

- 3) Se uma arma ou armas são utilizadas ou não.
- 4) No caso de as armas serem utilizadas, se os atacantes chegam a estabelecer contacto direto.
- 5) Se a violência é intencional ou a consequência accidental de uma sequência de acções que, no início, não tinha a intenção de ser violenta.
- 6) Se se considerar a violência iniciada sem provocação ou como sendo uma resposta, sem retaliação a um acto intencionalmente violento, ou sem a intenção de o ser.
- 7) Se a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos ou se não é normativa ou ilegítima no sentido de envolver uma infracção dos padrões sociais aceites.
- 8) Se a violência toma uma forma “racional” ou “afectiva”, isto é, se é escolhida de modo racional como um meio de assegurar a realização de um objectivo dado, ou subordinada a “um fim em si mesmo” emocionalmente satisfatório e agradável. Outra forma de conceptualizar esta diferença seria distinguir entre a violência nas suas formas “instrumentais” e “expressivas”. (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 330).

O autor afirma que prefere conceituar estas diferenças em termos de polaridades e equilíbrios inter-relacionados, que veremos a seguir, enquanto que outros sociólogos designam estas diferenças por “tipos ideais”. (Dunning, p. 330).

Segundo Dunning (1992), é o equilíbrio de tensão entre polaridades interdependentes que determina se um jogo é excitante ou aborrecido, se permanece num ‘combate simulado’ ou se irrompe num confronto sério.

Algumas destas polaridades são:

- “1) A polaridade global entre duas equipas em oposição;
- 2) A polaridade entre ataque e defesa;
- 3) A polaridade entre cooperação e tensão entre as duas equipas;
- 4) A polaridade entre cooperação e competição em cada equipa;

- 5) A polaridade entre controlo externo dos jogadores, a vários níveis (por exemplo, dirigentes, capitães, colegas de equipa, controlo flexível que o jogador exerce sobre si próprio, quer seja de um ou de outro sexo;
- 6) A polaridade entre identificação afectuosa e rivalidade hostil em relação aos oponentes;
- 7) A polaridade entre o prazer da agressão manifestada pelos jogadores e a limitação imposta pelo padrão de jogo sobre esse prazer;
- 8) A polaridade entre flexibilidade e rigidez das regras.”(Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 303).

Para Dunning (In: Elias & Dunning, 1992), todos os esportes competitivos conduzem ao aparecimento de agressão e de violência. É neles que a expressão da violência física socialmente aceitável e ritualizada aparece. Os confrontos simulados que se realizam nos esportes podem compreender elementos de violência não ritual, ou nela transformados. É possível que isto aconteça quando se participa demasiado a sério num esporte, como é o caso do futebol profissional, em que as pressões sociais ou de recompensas financeiras e de prestígio estão envolvidas. Os esportes comportam confrontos simulados que, dependendo da seriedade neles envolvida, podem se transformar em violência não ritual.

A crescente seriedade nos esportes é percebida, a partir das pressões sociais, das recompensas financeiras em casos de sucesso e do próprio prestígio envolvido nessas situações. Em razão disso, o nível de tensão pode ser alterado, a ponto de elevar-se a níveis onde o equilíbrio entre a rivalidade hostil e a amigável inexistia. Este encadeamento no futebol pode provocar danos físicos e dolorosos.

Em linhas gerais, verifica-se, nos estudos de Elias & Dunning (1992), que a violência está diretamente relacionada com a crescente seriedade verificada nos esportes, sendo ela uma das principais características do esporte profissional, e, no meu modo de ver, o aumento da seriedade nos esportes é decorrente da sua profissionalização.

O aumento da pressão competitiva exercida por dirigentes, técnicos e patrocinadores faz com que a utilização da violência racional por parte dos jogadores seja responsável pela violência manifesta, aquela em que os atletas perdem seu auto-controle, momentaneamente, e agridem seu adversário. (In: Elias & Dunning, 1992). Como já vimos anteriormente a violência racional é aquela utilizada para se atingir um determinado objetivo.

2. AS LIGAÇÕES SOCIAIS

Neste tópico pretendo explicitar os conceitos elaborados por Elias & Dunning a respeito das ligações sociais nos diferentes modelos de sociedade, pois, segundo eles, o tipo de ligações sociais está diretamente relacionado com os níveis de violência toleráveis por uma determinada sociedade.

Para Dunning, um aspecto fundamental do “processo de civilização”²⁹ é o aumento das cadeias de interdependência, envolvendo assim, uma mudança no padrão das ligações sociais. O autor classifica as ligações sociais em ‘ligações segmentares’ e ‘ligações funcionais’, sendo que, para ele, as ligações ‘segmentares’ foram gradualmente substituídas, por ligações ‘funcionais’, nas sociedades modernas. O modelo de ligações ‘segmentares’ e ‘funcionais’ foi um modo grosseiro, segundo o autor, “... de expor algumas das principais diferenças estruturais entre as sociedades da Europa medieval e as dos tempos modernos”. (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 339). Isso porque, como já vimos no capítulo anterior, o esporte é uma prática social das sociedades modernas.

A distinção feita por Dunning entre esses dois tipos de estruturas sociais, as ‘segmentares’ e ‘funcionais’ que serão explicitadas mais adiante, foi uma maneira didática encontrada por ele para construir um arcabouço teórico, para defender a

²⁹ Teoria desenvolvida inicialmente por Norbert Elias.

tese de que os esportes modernos são menos violentos que os passatempos que os antecederam. Portanto ele se opõe a outros sociólogos que acreditam que tanto os esportes como as sociedades atuais estão se tornando mais violentas.

Uma característica predominante nas sociedades que são estruturadas predominantemente, com base nas 'ligações segmentares' é a primazia da violência física nas relações humanas. Pois, nesse tipo de sociedade há a tendência das crianças para recorrer a violência física, que é reforçada pela violência exercida por seus pais.

“... facto que se explica pela socialização e pela influência dos modelos de adulto que se encontram disponíveis na sociedade em geral. [...] a relativa ausência de estrita vigilância dos adultos sobre as crianças conduz à formação de bandos que se mantêm nos inícios da vida adulta e que, devido à fidelidade de grupo rigorosamente definida, característica das ligações segmentares, leva a frequentes conflitos com outros bandos locais”. (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 343-344).

Apesar de o autor estabelecer a tipologia acima baseado na análise das sociedades medievais européias, ele mesmo apresenta, em outros estudos, que o tipo de relação entre criança e adultos acima descrito, ainda pode ser encontrado atualmente em bairros operários ingleses.

Este exemplo pode ser aplicado e estendido também à sociedade brasileira, na medida em que a pesquisa de Toledo (1994), sobre Torcidas Organizadas, nos permite verificar o grande comprometimento dos membros das Torcidas

Organizadas com seus companheiros. Em vista disso é possível notar a importância das Torcidas Organizadas na vida de seus integrantes, a fidelidade a elas e a subordinação e submissão a seus chefes e presidentes.

Devido a reincidências de atos violentos em espetáculos esportivos do tipo futebol, no Brasil, a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo em 1995 organizou um seminário com a presença de profissionais de várias áreas, que deu origem ao livro “Violência no Esporte” e que, em alguns de seus artigos pode-se encontrar a tese defendida por Dunning.

No que tange ainda à tipificação da sociedade, Dunning classifica como uma sociedade estruturada predominantemente por ligação funcional aquela em que o Estado estabelece monopólio sobre o direito de utilização da força física. Ainda para ele, esse monopólio aumenta na medida em que se eleva a complexidade de uma estrutura social. Portanto o monopólio do Estado sobre a violência física e o alargamento das cadeias de interdependência numa sociedade exercem um efeito civilizador. (Dunning In: Elias & Dunning, 1992, p. 345-346).

A partir da classificação de Elias & Dunning podemos dizer que as comunidades, no Brasil, ainda estão mais próximas das características estruturais de uma sociedade em que as ‘ligações segmentares’ constituem o tipo dominante; apesar de reconhecer que em algumas comunidades brasileiras têm havido mudanças

lentas no sentido das 'ligações funcionais'. Por exemplo, as tentativas do Estado em monopolizar o controle da violência têm sido recebidas por determinados grupos, no Brasil, de forma bastante distinta da descrita no parágrafo anterior.

Atualmente nos tem sido mostrada, pelos meios de comunicação, a tentativa do Estado brasileiro de combater a violência, utilizando-se para tal de atitudes violentas e repressivas, principalmente com as ações desempenhadas pela Polícia Militar, provavelmente na tentativa de ter o monopólio do controle da violência, porém os resultados esperados não têm sido atingidos, pois a população tem reagido à violência dos policiais também com violência, através de agressões físicas. Parece-me que os meios utilizados pelo Estado não têm sido eficazes o suficiente para coibir e resolver o problema da violência em nosso país.

3. VIOLÊNCIA DAS TORCIDAS DE FUTEBOL

A partir das interpretações feitas por Elias & Dunning (1992), podemos entender a pouca eficiência das repressões policiais nos confrontos em estádios de futebol no Brasil, principalmente nos últimos anos. Quero dizer com isso, que a violência apesar de diminuída, não acabou; não é apenas uma maior repressão policial que resolverá os problemas de violência nos estádios e na sociedade, tema que será abordado no terceiro capítulo desse estudo. Os torcedores continuam desafiando os policiais. Durante o Campeonato Paulista de 1997, presenciei no jogo Guarani e São Paulo, torcedores (“organizados”) do Guarani F. C. atirando pedras nos policiais e na torcida do São Paulo. Outro fato, ocorrido neste jogo foi que, apesar do policiamento ostensivo, próximo de onde eu estava, jovens consumiam drogas e, dessa vez, foram surpreendidos pelos policiais e detidos.

Devido à falta de pesquisas que tratam da classificação dos membros de torcidas e torcidas organizadas de futebol, por classe social, não foi possível tratar dessa temática nesta pesquisa, apesar de considerar importante esse tipo de dado para o trabalho como um todo. Apenas nos textos de Cardia e Telles (1996) pude encontrar dados a esse respeito, embora elas não forneçam a fonte dos mesmos. As autoras afirmam que os componentes das torcidas organizadas são pertencentes as classes sociais D e E.

Toledo (1996), em sua pesquisa, concluiu que os membros das torcidas organizadas são, em sua maioria, do sexo masculino, com idade entre 15 e 17 anos, pertencentes as classes sociais B e C e com grau de instrução predominante entre o nível primário e secundário.

É importante ressaltar que a pesquisa utilizada por Toledo foi realizado pelo Instituto Gallup, em dezembro de 1976, e que, segundo a própria fonte, a pesquisa conseguiu atingir apenas 8% de pessoas participantes em torcidas organizadas, o que é uma amostra bastante pequena.

Eu considerava importante ter trazido os dados de membros de torcidas, por classes sociais, porque as pesquisas dos autores ingleses demonstram que há uma relação importante entre classe social e comportamento agressivo, na Inglaterra. Um exemplo da relação feita pelos autores ingleses entre classes sociais e comportamentos violentos dos homens na Inglaterra, é de que é

“... difícil aos membros do sexo masculino dos sectores ‘rudes’ das classes de trabalhadores de nível mais baixo alcançar significado, estatuto e gratificação e formar identidades que os satisfaçam nos campos da escola e do trabalho, há uma disposição mais acentuada para confiarem na perseguição destes fins em formas de comportamento que incluem intimidação física, luta, bebidas fortes e relações sexuais de exploração”. (Murphy et al., 1992, p. 376).

Eles nos apresentam características dos homens ingleses, pertencentes à classe de trabalhadores, que se assemelham com indivíduos brasileiros pertencentes

também a classe trabalhadora³⁰, de modo que um estudo da natureza e classe social dos frequentadores de estádios de futebol, nos possibilitaria aprofundar nossas reflexões a respeito da temática violência em espetáculos esportivos.

Embora no Brasil não tenhamos ainda pesquisas rigorosas publicadas, que caracterizem a violência no futebol e a identifiquem a determinados estratos sociais, alguns dos autores como Cardia, Capez, Telles também estabelecem interdependência entre violência e estratos sociais de pessoas envolvidas em confrontos dessa natureza nos estádios de futebol.

Para Dunning (In: Elias & Dunning, 1992), o futebol, dentre outros esportes é uma representação ritualizada e civilizada de combates, onde o uso da força física é limitado por regras e convenções e controlado pelos árbitros durante os jogos e, em um nível superior, por comitês e tribunais.

A violência no futebol é um fato que o acompanha desde seu início, na Inglaterra. Lá, os comportamentos violentos que envolvem fãs rivais no futebol e a violência desses grupos, também nos estádios, são denominados de atitudes dos hooligans ou de hooliganismo³¹.

³⁰ No que tange ao acesso à educação e aos bens de consumo.

³¹ Sobre o assunto ver Murphy et al., constante na bibliografia.

A32) e obteve um EPDT de 1,97%, muito inferior ao valor percentual obtido pelo subgrupo G2. Estas evidências confirmam a hipótese de que alterações negativas profundas da homeostase, em especial as de longa duração podem trazer consequências negativas para a obtenção de um efeito adaptativo ótimo na IV/ capacidade de fundamental importância para o voleibol de competição entre jovens

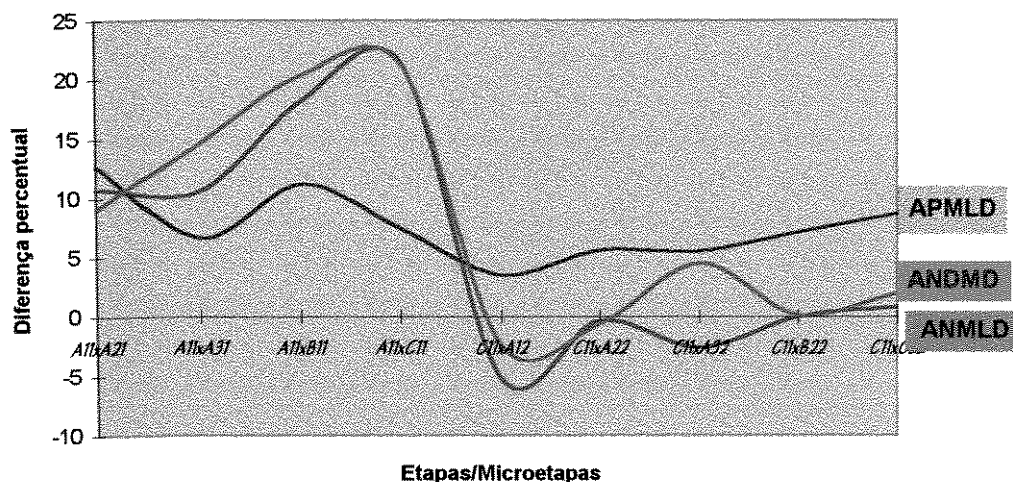


Figura 44 - Dinâmica da variação da Força explosiva de membros inferiores (IVA) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

3.2.3 - Força explosiva de membros inferiores (SHP)

O subgrupo G1 da equipe infanto-juvenil apresentou uma alteração negativa profunda de longa duração da homeostase durante o bloco das cargas concentradas de força (-8,36% entre C11 x A12, -8,36% entre C11 x A22, -5,85% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de apenas 0,88% em C22. O subgrupo G2 apresentou uma alteração negativa profunda da homeostase (-2,25% entre C11 x A12, -7,41% entre C11 x A22, -3,99% entre C11 x A32) e um EPDT de 6,32% em C22. O subgrupo G3 apresentou uma alteração negativa discreta de longa duração da homeostase da homeostase (-1,13% entre C11 x A12, -1,96% entre C11 x A22, -1,17% entre C11 x A32) e um EPDT de 6,32% na etapa C22. Portanto, c

subgrupos G1 e G3 que apresentaram o maior percentual de alteração negativa da homeostase, obtiveram um menor EPDT.

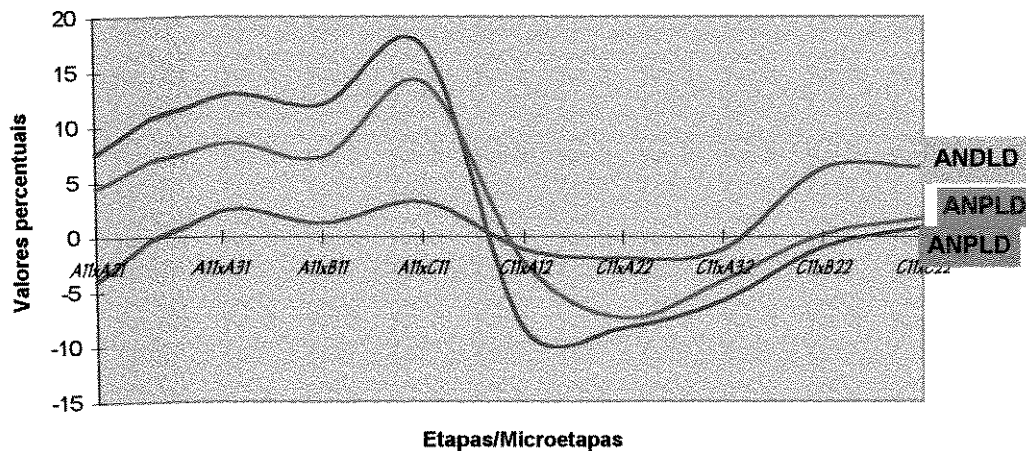


Figura 45 - Dinâmica da variação da Força explosiva de membros inferiores (SHP) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe infanto-juvenil dividida em subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

O subgrupo G1 da equipe juvenil apresentou uma alteração negativa profunda de longa duração da homeostase (-5,53% entre C11 x A12, -8,08% entre C11 x A22 e -5,36% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 1,98%. O subgrupo G2 apresentou alteração positiva moderada de longa duração da homeostase (0,89% entre C11 x A12, 1,06% entre C11 x A22, 3,67% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 4,90% na etapa C22. O subgrupo G3 apresentou uma alteração negativa profunda de média duração da homeostase (1,22% entre C11 x A12, -4,98% entre C11 x A22 e -5,15% entre C11 x A32) e obteve o maior EPDT entre os subgrupos estudados (5,12% em C22). Dada a irrelevância da diferença do EPDT entre G2 e G3, as alterações negativas mais profundas de longa duração devem ser questionadas, orientado pelo princípio da máxima eficácia adaptativa com ótima carga de trabalho.

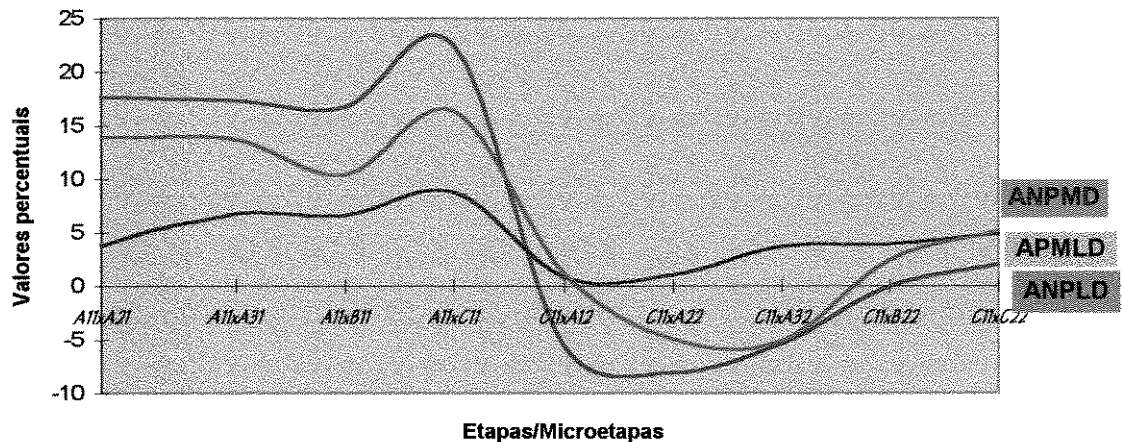


Figura 46 - Dinâmica da variação da Força explosiva de membros inferiores (SHP) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

3.2.4 - Força rápida de membros inferiores (SHT)

O subgrupo G1 da equipe infanto-juvenil apresentou uma alteração negativa profunda de longa duração da homeostase (-2,39% entre C11 x A12, 5,22% entre C11 x A22 e -3,82% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 1,55% na etapa C22. O subgrupo G2 apresentou alteração negativa discreta de curta duração da homeostase (1,4% entre C11 x A12, -0,16% entre C11 x A22, 6,4% entre C11 x A32) e obteve o maior EPDT, ou seja 8,73% na etapa C22. O subgrupo G3 apresentou alteração moderada de curta duração da homeostase (2,01% entre C11 x A12, -2,68% entre C11 x A22, 0,63% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 4,08% na etapa C22.

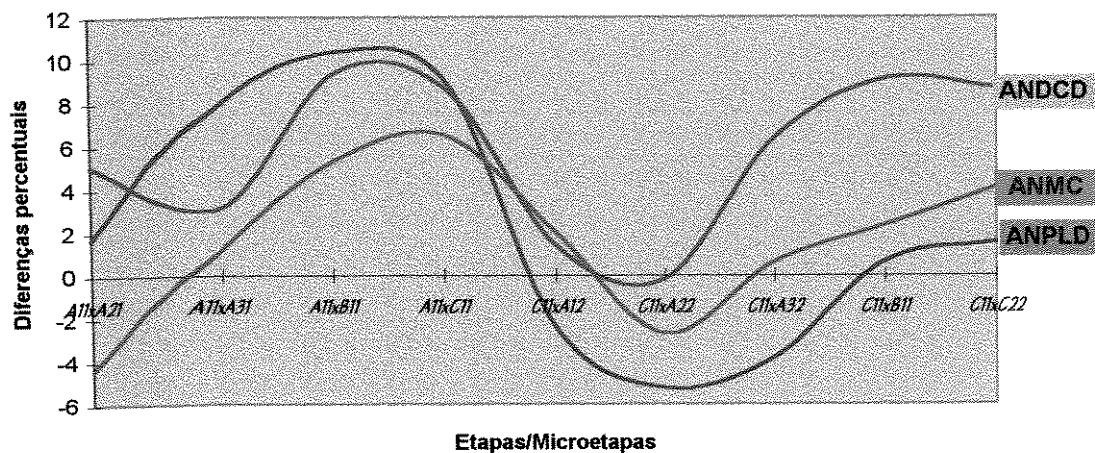


Figura 47 - Dinâmica da variação da Força rápida de membros inferiores (SHT) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe infanto-juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

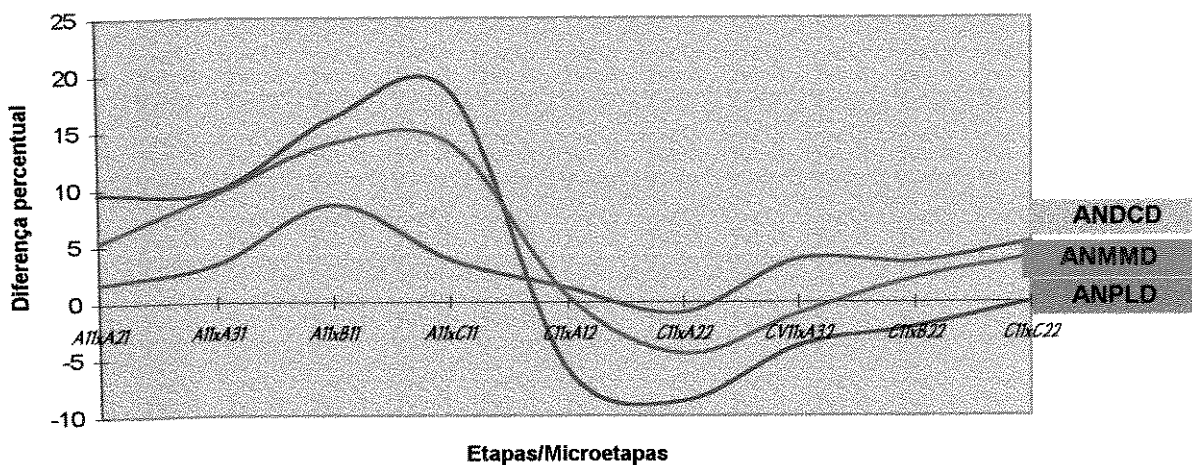


Figura 48 - Dinâmica da variação da Força rápida de membros inferiores (SHT) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

O subgrupo G1 da equipe juvenil apresentou uma alteração negativa profunda de longa duração da homeostase (-5,91% entre C11 x A12, -8,72% entre C11 x A22 e -13,82% entre C11 x A32) durante a etapa das cargas concentradas de força e, continuou com uma alteração de -2,21% durante a etapa B22, momento em que deveria ocorrer o início da manifestação do EPDT e, obteve um EPDT de 0,0067% na etapa C22. A dinâmica dos índices de SHT sugere que as alterações negativas excessivamente profundas de longa duração da homeostase impedem a manifestação do EPDT, ou ainda, atrasam a sua manifestação. O subgrupo G2 apresentou uma alteração negativa discreta da homeostase (1,23% entre C11 x A12, -0,93% entre C11 x A22, 3,77% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 3,55% na etapa B22 e 5,27% em C22. O subgrupo G3 apresentou uma alteração negativa moderada de média duração da homeostase (0,48% entre C11 x A12, -4,54% entre C11 x A22 e -11,02% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 2,10% na etapa B22 e 3,96% em C22. A dinâmica dos índices de SHT nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual coincidiu com os obtidos pela equipe Infanto-juvenil, ou seja, a alteração negativa profunda de longa duração da homeostase acarretou menor EPDT, enquanto que a menor alteração negativa discreta e moderada da homeostase propiciou um EPDT percentualmente mais alto.

3.2.5 - Força explosiva de membros superiores (Ar2b)

O subgrupo G1 da equipe infanto-juvenil apresentou alteração negativa moderada de longa duração da homeostase (-0,92% entre C11 x A22, 1,42% entre C11 x A12 e -2,06% entre C11 x A32) e obteve o menor EPDT entre os subgrupos estudados (0,69% na etapa B22 e 2,49% na etapa C22). O subgrupo G2 apresentou uma alteração moderada positiva discreta de longa duração da homeostase (-1,62% entre C11 x A12, 2,34% entre C11 x A22 e 2,74% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 6,17% na etapa B22 e 5,97% em C22. O subgrupo G3 apresentou uma alteração positiva profunda de longa duração da homeostase durante o bloco concentrado de força (10,43% entre C11 x A12, 6,88% entre C11 x A22 e 7,63% entre C11 x A32) e obteve o maior EPDT entre os subgrupos estudados, ou seja, 13,24% na etapa B22 e 14,85% entre C22.

O subgrupo G1 da equipe juvenil apresentou uma alteração negativa moderada de **■** longa duração da homeostase (-2,55% entre C11 x A12, -3,22% entre C11 x A22 e -3,60% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 0,93%.

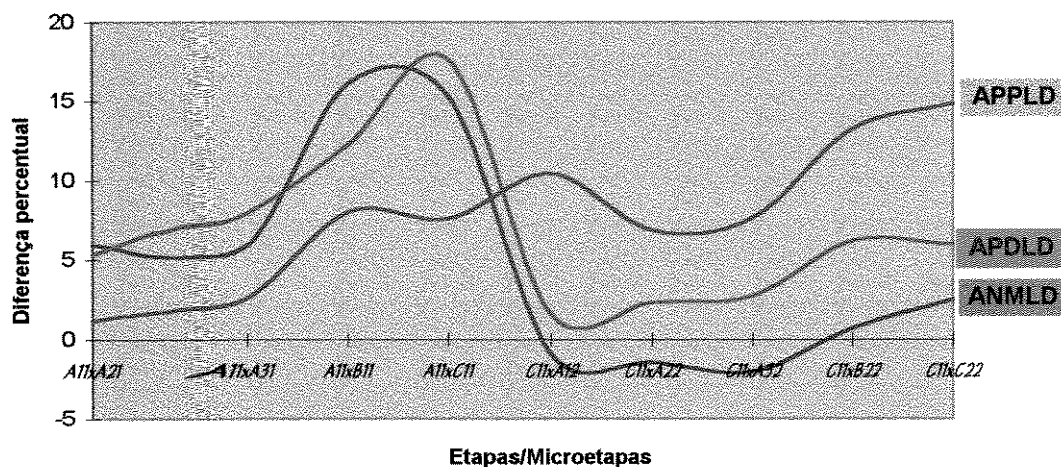


Figura 49 - Dinâmica da variação da Força explosiva de membros superiores (Ar2b) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe infanto-juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com nível de alteração da homeostase

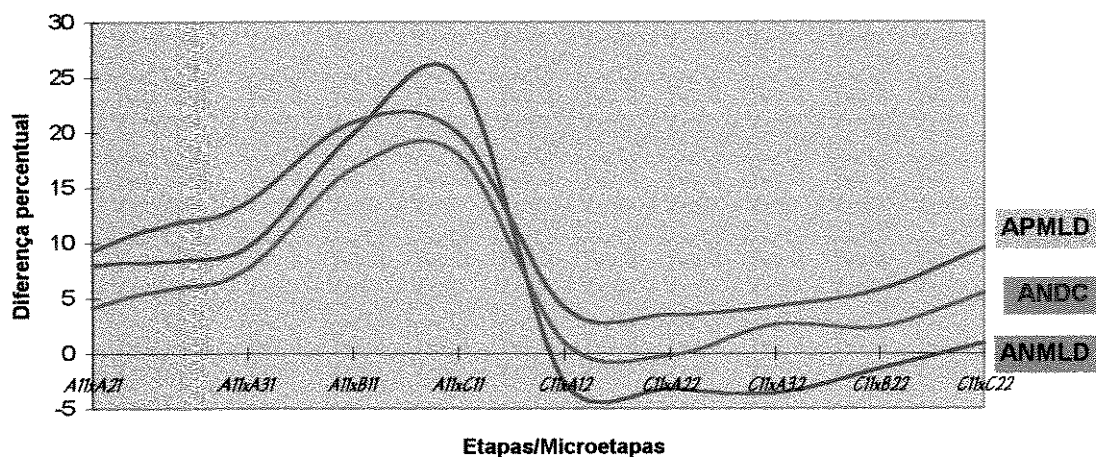


Figura 50 - Dinâmica da variação da Força explosiva de membros superiores (Ar2b) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com o nível de alteração

A alteração negativa apresentada pelo subgrupo G1 perdurou durante o bloco B (-1,42%), evidenciando que as cargas de treinamento foram inadequadas, impedindo a manifestação do EPDT, que se manifestou mais tardiamente na etapa C22 em um nível muito baixo (0,93%). O subgrupo G apresentou alteração negativa discreta de curta duração da homeostase (1,06% entre C11 x A12, -0,19% entre C11 x A22 e 2,59% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 5,45% na etapa C22. O subgrupo G2 apresentou uma alteração positiva moderada de longa duração da homeostase (4,21% entre C11 x A12, 3,48% entre C11 x A22, 4,23% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 9,52% que coincidiu com o principal momento competitivo do 2º macrociclo.

3.2.6 - Força explosiva de membros superiores (Ar1b)

O subgrupo G1 da equipe infanto-juvenil apresentou uma alteração negativa profunda de longa duração da homeostase (-9,77% entre C11 x A12, 1,72% entre C11 x A22, -2,86% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 2,18% na etapa B22 e 5,11% em C22. O subgrupo G2 apresentou alteração negativa discreta de curta duração da homeostase (-0,81% entre C11 x A12, 3,67% entre C11 x A22, 5,49% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 56,80% na etapa C22. O subgrupo G3 apresentou uma alteração positiva profunda de longa duração da homeostase (11,15% entre C11 x A12, 5,31% entre C11 x A22, 8,45% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 5,26% na etapa C22. Os dados relativos à força explosiva de membros superiores (Ar1b) evidenciaram que uma alteração negativa profunda de longa duração da homeostase na etapa das cargas concentradas de força não apresentou maior EPDT no momento da competição.

O subgrupo G2 da equipe juvenil apresentou uma alteração positiva profunda de longa duração da homeostase durante o bloco das cargas concentradas de força (13,2% entre C11 x A12, 10,77% entre C11 x A22 e 10,41% entre C11 x A32) e obteve o maior EPDT entre os subgrupos estudados, ou seja, 12,83% na etapa C22.

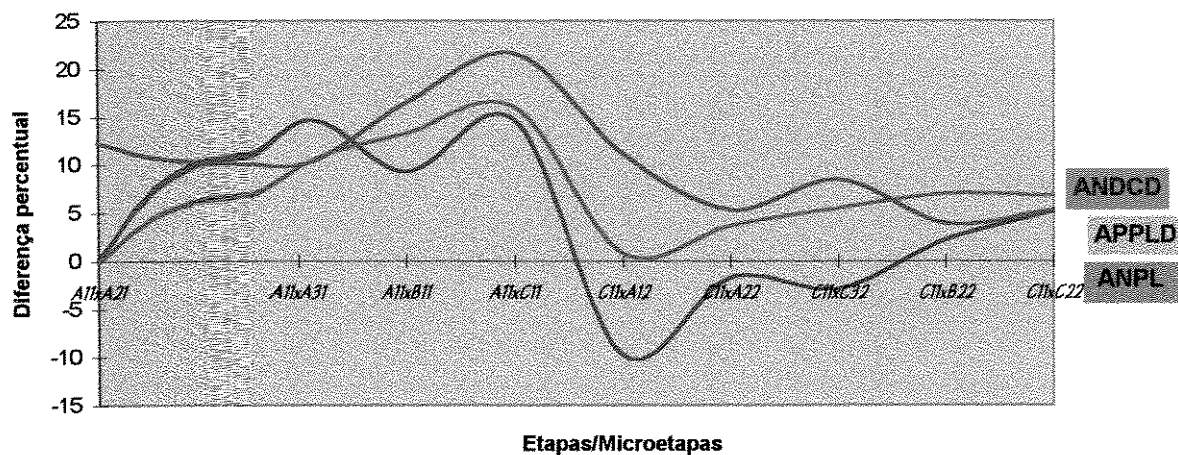


Figura 51 - **D**inâmica da variação da Força explosiva de membro superior (Ar1b) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe infanto-juvenil dividida em subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

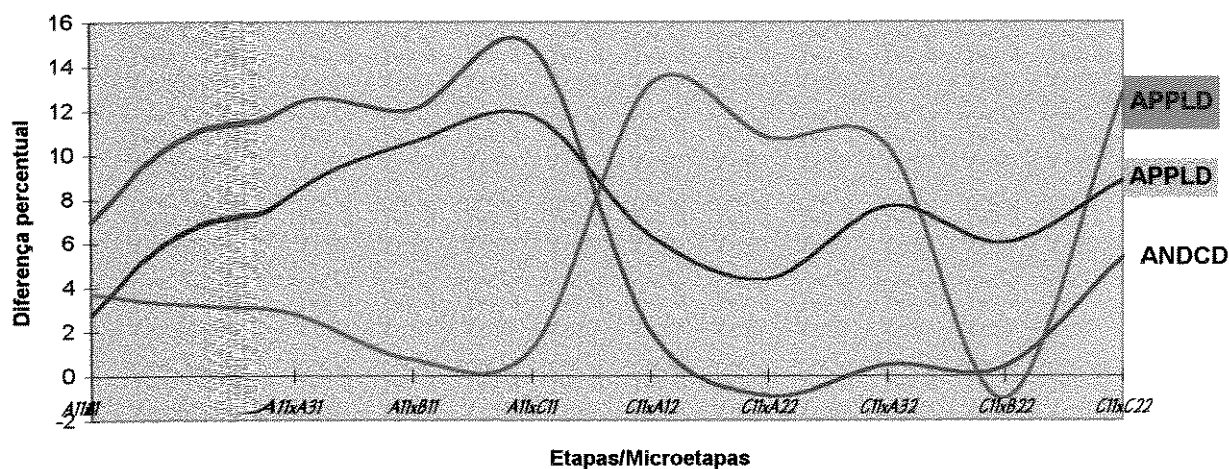


Figura 52 - **D**inâmica da variação da Força explosiva de membro superior (Ar1b) nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual da equipe juvenil dividida em 3 subgrupos de acordo com o nível de alteração da homeostase

O subgrupo G1 apresentou alteração negativa discreta de curta duração, ou seja, a maior alteração da homeostase entre os subgrupos estudados (2,04% entre C11 x A12, -0,89 % entre C11 x A22, 0,51% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 5,35% na etapa C22. O subgrupo G3 apresentou uma alteração positiva moderada de longa duração da homeostase (6,32% entre C11 x A12, 4,42% entre C11 x A22, 7,67% entre C11 x A32) e obteve um EPDT de 8,82% na etapa C22. O subgrupo G2 apresentou uma alteração positiva profunda de longa duração da homeostase (13,20% entre C11 x A12, 10,77% entre C11 x A22, 10,41% entre C11 x A32) e obteve o maior EPDT entre os subgrupos estudados, ou seja, 12,83% na etapa C22, evidenciando a importância da alteração positiva profunda de longa duração da homeostase como a dinâmica adaptativa mais adequada para a força explosiva de membros superiores de voleibolistas jovens.

Visando possibilitar uma visualização mais dinâmica do fenômeno do EPDT, foram realizadas as tabelas 31, 32, 33 e 34.

Estas tabelas apresentam de forma resumida toda a essência da presente discussão, pois possibilita estabelecer relações entre a magnitude do Efeito Posterior Duradouro de Treinamento (EPDT) e o nível de alteração da homeostase da Velocidade máxima de deslocamento e Força explosiva e rápida ocasionada pelas cargas concentradas de força.

Observou-se que o maior Efeito Posterior Duradouro de Treinamento (EPDT) das cargas concentradas de força, entre os subgrupos estudados decorreu da seguinte dinâmica de alteração da homeostase:

Velocidade máxima de deslocamento:

- Alteração positiva profunda de longa duração (**APPLD**): 25m, 3 Faixas para a equipe infanto juvenil.
- Alteração positiva moderada de longa duração (**APMLD**): 9-3-6-3-9m para a equipe infanto-juvenil; 25m, 84m/sinuosa, 3 Faixas para a equipe juvenil.
- Alteração negativa discreta de curta duração (**ANDCD**): 84m/sinuosa para a equipe infanto-juvenil.
- Alteração negativa discreta de média duração (**ANDMD**): 9-3-6-3-9m para a equipe juvenil.

Tabela 31 - Magnitude do Efeito Posterior Duradouro de Treinamento (EPDT) da Velocidade máxima de deslocamento durante o período competitivo principal do 2º macrociclo do Ciclo Anual (Etapa C22) e sua relação com o percentual de alteração da homeostase obtido na etapa das cargas concentradas de força em 3 subgrupos (G1, G2, G3) - Equipe infanto-juvenil

Magnitude do EPDT <i>Velocidade Máxima de Deslocamento</i>	Maior	Intermediário	Menor
25m	Subgrupo G2 - alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 4,98% entre C11 x A12; 5,41% entre C11 x A22; 2,74% entre C11 x A32; EPDT = 7,97%	Subgrupo G1 - alteração negativa moderada de média duração da homeostase: 1,59% entre C11 x A12; - 2,98% entre C11 x A22; - 2,98% entre C11 x A32; EPDT = 3,34%	Subgrupo G3 - alteração negativa discreta de duração da homeostase: - 0,49% entre C11 x A12; 2,28% entre C11 x A22; 2,28% entre C11 x A32; EPDT = 2,45%
9-3-6-3-9m	Subgrupo G2 - alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 2,2% entre C11 x A12; 0,30% entre C11 x A22; 7,13% entre C11 x A32; EPDT = 12,2%	G3 - alteração negativa moderada de média duração da homeostase: - 1,87% entre C11 x A12; - 6,18% entre C11 x A22; 3,73% entre C11 x A32; EPDT = 9,70%	G1 - alteração negativa profunda de longa duração da homeostase: - 2,97% entre C11 x A12; - 8,37% entre C11 x A22; - 4,12% entre C11 x A32; EPDT = 2,45%
84m/sinuosa	Subgrupo G2 - alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: - 0,50% entre C11 x A12; 1,81% entre C11 x A22; 2,65% entre C11 x A32; EPDT = 6,56%	Subgrupo G1 - alteração negativa profunda de longa duração da homeostase: - 5,84% entre C11 x A12; - 3,66% entre C11 x A22; - 3,25% entre C11 x A32; EPDT = 2,28	Subgrupo G3 - alteração negativa discreta de duração da homeostase: - 1,5% entre C11 x A12; - 1,0% entre C11 x A22; 0,20% entre C11 x A32; EPDT = 1,80%
3 Faixas	Subgrupo G1 - alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 1,15% entre C11 x A12; 6,79% entre C11 x A22; 7,65% entre C11 x A32; EPDT = 11,81%	Subgrupo G2 - alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 4,1% entre C11 x A12; 10,0% entre C11 x A22; 12,83% entre C11 x A32; EPDT = 11,28%	Subgrupo G3 - alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 0,91% entre C11 x A12; 4,22% entre C11 x A22; 4,69% entre C11 x A32; EPDT = 9,18%

Tabela 32 - Magnitude do Efeito Posterior Duradouro de Treinamento (EPDT) da Velocidade máxima de deslocamento durante o período competitivo principal do 2º macrociclo do ciclo anual (Etapa C22) e sua relação com o percentual de alteração da homeostase obtido na etapa das cargas concentradas de força em 3 subgrupos (G1, G2, G3) - Equipe juvenil

Magnitude do EPDT <i>Velocidade Máxima de Deslocamento</i>	Maior	Intermediário	Menor
25m	Subgrupo G2 - alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 3,91% entre C11 x A12; 2,02% entre C11 x A22; 3,25% entre C11 x A32; EPDT = 4,22%	Subgrupo G3 - alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: 1,55% entre C11 x A12; - 0,51% entre C11 x A22; 0,58% entre C11 x A32; EPDT = 3,16%	Subgrupo G1 - alteração negativa profunda de duração da homeostase: - 2,55% entre C11 x A12; - 7,00% entre C11 x A22; - 4,89% entre C11 x A32; EPDT = 2,59%
9-3-6-3-9m	Subgrupo G2 - alteração negativa discreta de média duração da homeostase: - 0,72% entre C11 x A12; - 1,96% entre C11 x A22; 1,7% entre C11 x A32; EPDT = 8,54%	Subgrupo G3 - alteração negativa moderada de média duração da homeostase: - 1,27% entre C11 x A12; - 4,87% entre C11 x A22; 0,52% entre C11 x A32; EPDT = 6,20%	Subgrupo G1 - alteração negativa profunda de duração da homeostase: - 1,98% entre C11 x A12; - 9,25% entre C11 x A22; 0,98% entre C11 x A32; EPDT = 3,57%
84m/sinuosa	Subgrupo G2 - Alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 5,3% entre C11 x A12; 2,3% entre C11 x A22; 4,4% entre C11 x A32; EPDT = 7,43%	Subgrupo G1 - alteração moderada negativa de longa duração da homeostase: - 3,18% entre C11 x A12; - 2,69% entre C11 x A22; - 2,86% entre C11 x A32; EPDT = 2,99%	Subgrupo G3 - alteração negativa discreta de duração da homeostase: - 0,5% entre C11 x A12; - 2,3% entre C11 x A22; - 0,3% entre C11 x A32; EPDT = 2,46%
3 Faixas	Subgrupo G2 - alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 0,07% entre C11 x A12; 1,94% entre C11 x A22; 9,24% entre C11 x A32; EPDT = 12,08%	Subgrupo G3 - alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 0,82% entre C11 x A12; 0,55% entre C11 x A22; 8,37% entre C11 x A32; EPDT = 9,98%	Subgrupo G1 - alteração negativa discreta de duração da homeostase: - 0,02% entre C11 x A12; 0,41% entre C11 x A22; 4,27% entre C11 x A32; EPDT = 9,67%

Tabela 33 - Magnitude do Efeito Posterior Duradouro de Treinamento (EPDT) da Força explosiva e rápida durante o período competitivo principal do 2º macrociclo do ciclo anual (Etapa C22) e sua relação com o percentual de alteração da homeostase obtido na etapa de cargas concentradas de força em 3 subgrupos (G1,G2,G3) - Equipe infanto-juvenil

Magnitude do EPDT <i>Variável: Força Rápida e Explosiva</i>	Maior	Intermediário	Menor
IVA	Subgrupo G2 – Alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 4,51% entre C11 x A12; 4,09% entre C11 x A22; 3,59% entre C11 x A32; EPDT = 7,16%	Subgrupo G3 – Alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: -1,18% entre C11 x A12; 2,72% entre C11 x A22; 0,44% entre C11 x A32; EPDT = 6,62%	Subgrupo G1 – Alteração negativa moderada de duração da homeostase: -6,16% entre C11 x A12; -4,87% entre C11 x A22; -4,72% entre C11 x A32; EPDT = 3,95%
IVB	Subgrupo G3 – Alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 2,97% entre C11 x A12; 4,46% entre C11 x A22; 4,46% entre C11 x A32 EPDT = 3,80%	Subgrupo G2 – Alteração negativa discreta de longa duração da homeostase: -3,36% entre C11 x A12; -0,98% entre C11 x A22; -0,98% entre C11 x A32; EPDT = -1,71%	Subgrupo G1 – Alteração negativa profunda de duração da homeostase: -10,77% entre C11 x A12; -9,21% entre C11 x A22; -10,65% entre C11 x A32; EPDT = -7,72%
SHP	Subgrupo G3 – Alteração negativa discreta de longa duração da homeostase: -1,13% entre C11 x A12; -1,96% entre C11 x A22; -1,17% entre C11 x A32; EPDT = 6,32%	Subgrupo G2 – Alteração negativa profunda de longa duração da homeostase: -2,25% entre C11 x A12; -7,41% entre C11 x A22; -3,99% entre C11 x A32; EPDT = 1,64%	Subgrupo G1 – Alteração negativa profunda de duração da homeostase: -8,36% entre C11 x A12; 8,36% entre C11 x A22; -5,85% entre C11 x A32; EPDT = 0,88%
SHT	Subgrupo G2 – Alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: 1,40% entre C11 x A12; -0,16% entre C11 x A22; 6,40% entre C11 x A32; EPDT = 8,73%	Subgrupo G3 – Alteração negativa moderada de curta duração da homeostase: 2,01% entre C11 x A12; -2,68% entre C11 x A22; 0,63% entre C11 x A32; EPDT = 4,08%	Subgrupo G1 – Alteração negativa profunda de duração da homeostase: -2,39% entre C11 x A12; -5,22% entre C11 x A22; -3,82% entre C11 x A32; EPDT = 1,55%
Ar2b	Subgrupo G2 – alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 10,42% entre C11 x A12; 6,88% entre C11 x A22; 7,63% entre C11 x A32; EPDT = 14,85%	Subgrupo G3 – alteração positiva discreta de longa duração da homeostase: 1,62% entre C11 x A12; 2,34% entre C11 x A22; 2,74% entre C11 x A32; EPDT = 5,97%	Subgrupo G1 – alteração negativa moderada de duração da homeostase: -0,92% entre C11 x A12; -1,42% entre C11 x A22; -2,06% entre C11 x A32; EPDT = 2,49%
Ar1b	Subgrupo G2 – alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: -0,81% entre C11 x A12; 3,67% entre C11 x A22; 5,49% entre C11 x A32; EPDT = 6,80%	Subgrupo G3 – alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 11,15% entre C11 x A12; 5,31% entre C11 x A22; 8,45% entre C11 x A32; EPDT = 5,26%	Subgrupo G1 – alteração negativa profunda de duração da homeostase: -9,77% entre C11 x A12; -1,72% entre C11 x A22; -2,86% entre C11 x A32; EPDT = 5,11%

Tabela 34 . Magnitude do Efeito Posterior Duradouro de Treinamento (EPDT) da Força explosiva e rápida de membro superior e inferior durante o período competitivo principal do 2º macrociclo do ciclo anual (Etapa C22) e sua relação com o percentual de alteração da homeostase obtido na etapa das cargas concentradas de força em 3 subgrupos (G1,G2,G3) Equipe juvenil

Magnitude do EPDT <i>Variável : Força Rápida e Explosiva</i>	Maior	Intermediário	Menor
IVA	Subgrupo G2 – Alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 3,54% entre C11 x A12; 5,58% entre C11 x A22; 5,53% entre C11 x A32; EPDT = 8,68%	Subgrupo G3 – Alteração negativa discreta de média duração da homeostase: -2,43% entre C11 x A12; -0,57% entre C11 x A22; 4,51% entre C11 x A32; EPDT = 1,97%	Subgrupo G1 – Alteração negativa moderada de duração da homeostase: -5,16% entre C11 x A12; -0,31% entre C11 x A22; -2,57% entre C11 x A32; EPDT = 0,81%
IVB	Subgrupo G3 – Alteração negativa discreta de longa duração da homeostase: - 1,17% entre C11 x A12; - 0,62% entre C11 x A22; - 0,19% entre C11 x A32 EPDT = 5,90%	Subgrupo G2 – Alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 4,31% entre C11 x A12; 2,30% entre C11 x A22; 5,32% entre C11 x A32; EPDT = 5,32%	Subgrupo G1 – Alteração negativa profunda de duração da homeostase: -0,72% entre C11 x A12; -9,14% entre C11 x A22; -6,18% entre C11 x A32; EPDT = -3,37%
SHP	Subgrupo G3 – Alteração negativa profunda de média duração da homeostase: 1,22% entre C11 x A12; -4,98 entre C11 x A22; -5,15% entre C11 x A32; EPDT = 5,12%	Subgrupo G2 – Alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 0,89% entre C11 x A12; 1,06% entre C11 x A22; 3,67% entre C11 x A32; EPDT = 4,90%	Subgrupo G1 – Alteração negativa profunda de duração da homeostase: -5,53% entre C11 x A12; -8,08% entre C11 x A22; -5,36% entre C11 x A32; EPDT = 1,98%
SHT	Subgrupo G2 – Alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: 1,26% entre C11 x A12; -0,93% entre C11 x A22; 3,77% entre C11 x A32; EPDT = 5,27%	Subgrupo G3 – Alteração negativa moderada de média duração da homeostase: 0,48% entre C11 x A12; -4,54% entre C11 x A22; -1,02% entre C11 x A32; EPDT = 3,96%	Subgrupo G1 – Alteração negativa profunda de duração da homeostase: -5,91% entre C11 x A12; -8,72% entre C11 x A22; -3,82% entre C11 x A32; EPDT = 0,0067%
Ar2b	Subgrupo G2 – alteração positiva moderada de longa duração da homeostase: 4,21% entre C11 x A12; 3,48% entre C11 x A22; 4,23% entre C11 x A32; EPDT = 9,52%	Subgrupo G3 – alteração negativa discreta de curta duração da homeostase: 1,06% entre C11 x A12; -0,19% entre C11 x A22; 2,59% entre C11 x A32; EPDT = 5,45%	Subgrupo G1 – alteração negativa moderada de duração da homeostase: -2,55% entre C11 x A12; -3,22% entre C11 x A22; -3,60% entre C11 x A32; EPDT = 0,93%
Ar1b	Subgrupo G2 – alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 13,20% entre C11 x A12; 10,77% entre C11 x A22; 10,41% entre C11 x A32; EPDT = 12,83%	Subgrupo G3 – alteração positiva profunda de longa duração da homeostase: 6,32% entre C11 x A12; 4,42% entre C11 x A22; 7,67% entre C11 x A32; EPDT = 8,82%	Subgrupo G1 – alteração negativa discreta de duração da homeostase: 2,04% entre C11 x A12; -0,89% entre C11 x A22; 0,51% entre C11 x A32; EPDT = 5,35%

Estes achados indicam que a alteração positiva profunda e positiva moderada correspondem a mais eficaz dinâmica de alteração da homeostase e que pode-se estabelecer, como limite ótimo para um EPDT relevante, a alteração negativa discreta de curta duração (ANDCD) para a equipe infanto-juvenil e a alteração negativa discreta de média duração (ANDMD) para a equipe juvenil.

Força explosiva e rápida:

- Alteração positiva profunda de longa duração (**APPLD**): AR2b para a equipe infanto-juvenil; AR1b para a equipe juvenil.
- Alteração positiva moderada de longa duração (**APMLD**): IVA, IVE para a equipe infanto-juvenil; AR2b, IVA para a equipe juvenil.
- Alteração negativa discreta de curta duração (**ANDCD**): AR1b, SHT para a equipe infanto-juvenil; SHT para a equipe juvenil.
- Alteração negativa discreta de longa duração (**ANDLD**): SHP para a equipe infanto-juvenil; IVB para a equipe juvenil.
- Alteração negativa discreta de longa duração (**ANDLD**): SHP para a equipe juvenil.

Todos estes achados evidenciam a maior eficácia da alteração positiva profunda ou moderada de longa duração sobre a magnitude do Efeito Posterior Duradouro de Treinamento das cargas concentradas de força.

Por outro lado, pode-se estabelecer a alteração negativa discreta de longa duração (ANDLD) como o limite para um EPDT relevante no caso concreto da equipe infanto-juvenil. Também, observou-se que, o Efeito Posterior Duradouro de Treinamento, tanto para a Velocidade máxima de deslocamento como, para a Força explosiva e rápida de membros inferiores e superiores, mostrou-se de inferior magnitude a partir da alteração negativa profunda de longa ou média duração da homeostase (IVB, SHP, SHT, 25m, 9-3-6-3-9m) para a equipe juvenil e (IVB, SHP, SHT, AR1b, 9-3-6-3-9m) para a equipe infanto-juvenil, bem como a alteração negativa moderada de longa duração da homeostase (IVA, AR2b) para a equipe juvenil e (IVA e AR2b) para a equipe infanto-juvenil, evidenciando a ineficácia destes níveis de alteração sobre uma relevante manifestação do EPDT.

- A dinâmica da alteração da homeostase das variáveis estudada (velocidade máxima de deslocamento, força explosiva e rápida) nas diferentes microetapas (A1, A2, A3), da etapa inicial (A), do ciclo anual mostrou-se intimamente relacionada com o volume da carga concentrada de força e com potencial da reserva atual e geral de adaptação (RAA e RGA) das diferentes atletas.

- A alteração positiva da homeostase (AP) em seus diferentes níveis de intensidade e tempo de duração, geralmente conduziu a uma maior magnitude de EPDT, quando comparado com a alteração negativa da homeostase (AN) e em seus diferentes níveis de intensidade e tempo de duração, tanto na velocidade máxima de deslocamento como na força explosiva e rápida.

- À partir da análise das variações percentuais ocorridas nas diferentes variáveis durante o primeiro e segundo macrociclo do ciclo anual, verificou-se um maior RAA durante o primeiro macrociclo, tanto para a velocidade máxima de deslocamento como para a força explosiva e rápida.

- A equipe infanto-juvenil apresentou uma maior RAA comparada equipe juvenil, tanto no primeiro como no segundo macrociclo do ciclo anual.

- A dinâmica da alteração da homeostase da velocidade máxima de deslocamento e da força explosiva e rápida nas diferentes etapas e microetapas do ciclo anual decorrente da carga concentrada de força apresentou semelhante tendência em ambas as equipes.

- A alteração positiva profunda de longa duração (APPLD) e positiva moderada de longa duração da homeostase (APMLD), ocorrida na etapa inicial (A) apresentou a mais alta eficácia em relação à magnitude da manifestação do EPD da velocidade máxima de deslocamento da equipe infanto-juvenil, nas etapas subsequentes (B e C).

- A alteração negativa discreta de curta duração (ANDCD) foi considerada como o limite máximo de alteração da homeostase durante a etapa A.

quando se objetivou uma manifestação relevante do EPDT, da velocidade máxima de deslocamento, nas etapas subsequentes (B e C), para a equipe infanto-juvenil.

- A alteração positiva profunda de longa duração da homeostase (APPLD), positiva moderada de longa duração (APMLD) e a negativa discreta de longa duração (ANDLD) ocorrida na etapa inicial (A), apresentou a mais alta eficácia em relação a magnitude da manifestação do EPDT da força explosiva e rápida, nas etapas subsequentes (B e C), para a equipe infanto-juvenil.

- A alteração negativa discreta de longa duração (ANDLD), foi considerada como o limite máximo de alteração da homeostase durante a etapa inicial (A), quando se objetivou uma manifestação relevante do EPDT da força explosiva e rápida, nas etapas subsequentes (B e C), para a equipe infanto-juvenil.

- A alteração positiva moderada de longa duração da homeostase (APMLD), ocorrida na etapa inicial (A), apresentou a mais alta eficácia em relação a magnitude da manifestação do EPDT da velocidade máxima de deslocamento, nas etapas subsequentes (B e C), para a equipe juvenil.

- A alteração positiva profunda de longa duração da homeostase (APPLD), positiva moderada de longa duração (APMLD) e negativa discreta de curta duração (ANDCD) ocorrida na etapa inicial (A), apresentou a mais alta eficácia em relação a magnitude da manifestação do EPDT da força explosiva e rápida, nas etapas subsequentes (B e C), para a equipe juvenil.

- A alteração negativa discreta de longa duração (ANDLD) foi considerada como o limite máximo de alteração da homeostase na etapa inicial (A) objetivando uma manifestação relevante do EPDT nas etapas subsequentes (B e C), para a categoria juvenil.

- A alteração negativa profunda de longa duração da homeostase (ANPLD), negativa de média duração (ANPMD) e a negativa moderada de longa duração (ANMLD) ocorrida na etapa inicial (A), apresentou a mais baixa eficácia e

relação a magnitude da manifestação do fenômeno do EPDT da velocidade máxima de deslocamento, nas etapas subsequentes (B e C), para ambas as equipes.

- A alteração negativa profunda de longa duração da homeostase (ANPLD), negativa moderada de longa duração (ANMLD) ocorrida na etapa inicial (A), apresentou a mais baixa eficácia em relação a magnitude da manifestação do fenômeno do EPDT da força explosiva e rápida, nas etapas subsequentes (B e C) para ambas as equipes.

- Quando se utilizou a carga concentrada de força na etapa inicial (A) objetivando a obtenção de um EPDT relevante nas etapas subsequentes (B e C) para a atleta infanto-juvenil e juvenil, observou-se que, a simples concentração dos exercícios no tempo representou uma intensificação do treinamento, sem o uso frequente das cargas máximas.

- No primeiro macrociclo (12 semanas de carga concentrada), a manifestação estável do EPDT perdurou durante 10 semanas, enquanto que, no segundo macrociclo (9 semanas de carga concentrada), a manifestação estável do fenômeno permaneceu durante 10 semanas, podendo-se supor que a estabilidade do EPDT também tenha relação com a intensidade e o tempo de duração da alteração da homeostase decorrente volume da carga concentrada de força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERNETHY, P. J.; JÚRIÄE, J.; TAYLOR, A.W.; THAYER, R. E. Acute and chronic response of skeletal muscle to resistance exercise. Sports Med. v.17,n.1,p.23-38,1994.
- AGODIK, L. P. Contenido e organización del control complejo. In: KLESSHEV, Y. Voleibol. Havana, Ed. Científico-Técnica, 1983. p. 26-42.
- ANTUNES NETO, J.M.F. Análise dos aspectos clínicos e básicos dos regimes de força concêntrica e excêntrica: uma abordagem do treinamento físico sobre as modificações biológicas apresentadas nos tecidos conjuntivo e muscular estriado esquelético. Artigo produzido para a disciplina MH601 - treinamento em Esportes. UNICAMP. Campinas, junho 1994. 12p.
- _____, J.M.F. Biologia da atividade física: modificações estruturais músculo-esqueléticas determinadas por processos de adaptação. Monografia de graduação (bacharelado). Campinas, UNICAMP, Faculdade de Educação Física, 1995.
- AZZI, M.; DUARTE, C.R.; DIANNO,M.V. Características de aptidão física da seleção brasileira de voleibol feminino: tendências de uma década. In: BIENAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1989, São Caetano do Sul.
- BAACHE, M. Horst. História e atual situação do voleibol: manual do treinador. Rio de Janeiro, Confederação Brasileira de Volley-Ball, s/d. p.1-5.
- BARATTA, R.; SOLOMONOW, M.; ZHOU, B. H.; LETSON, D.; CHUINARD, R. DÁMBROSIA, R. Muscular coactivation: the role of the antagonist musculature in maintaining knee stability. Am. Jour. Sp. Med. v. 16, n.2, p. 113-122,1988.
- BARROSO, A. L. R. B. Saltos no voleibol: do jogo para o treinamento. Monografia de Conclusão do Curso de especialização em Ciências do Esporte. Departamento de Ciências do Esporte. Faculdade de Educação Física. UNICAMP, Campinas, dezembro, 1993. 85p.
- BEHM, D. G.; SALLE, D.G. Velocity specificity of resistance training. Sports Medicine, v.15, n.6, p. 374-388, 1993.
- BELYAEV,A.V. La capacidad de trabajo del voleibolista y su educación. In: KLESSHEV, Y.I. Voleibol. Havana, Ed. Científico-Técnica, 1983. p. 45-59.
- _____. Methods of developing work capacity in volleyball. Soviet Sports Review. v.19, n.1, p.7-10, 1984.

- BLASCO, M. V. El entrenamiento de fuerza para la mejora del salto. Apunt Barcelona. v.29, n.112, p.139-156, 1992.
- BOIKO, V.V. II Perfezionamiento dell'attivit  motoria dell' omo. Traducción del ruso realizada por P. Tschien. Franco Forte Sul meno, 1990.
- BOMPA, T. O. Theory and methodology of training: the key to athletic performance. 2.ed. Toronto, Kendall/hunt Publishing Company, 1990. p.147- 262.
- _____. Raggiungere la massima preparazione atletica in funzione del stagione competitiva prolungata. Atleticastudi. n. 1-2, p.91-103, 1989.
- BOSCO, C. Aspectos fisiologicos de la preparación fisica del futbolista. Revisado adaptado por Jordi Matos Vila. Barcelona, Paidotribo, p.66-81, 1990.
- _____. Entrenamiento de la fuerza en el voleibol. Stadium, Buenos Aires v.24, n.139, p.2-8, 1990.
- BRASS, M. Programa especial para cortador de voleibol. Tradução Regina Heler A.Ribeiro. Sprint, Rio de janeiro. v.14, n.76,p.31-37, 1995.
- BRENKE, H.; DIETRICH, L.; BERTHOLD, F. Entrenamiento sin riesgos. Stadium Buenos Aires. v.21, n 126, p.39-46, 1987.
- BUCK, M.; HARRISON, J. An analysis of game play in volleyball. J. Teaching Physical Education. n.10, p.38-48, 1990.
- CALDEIRA, S.; VIVOLO, M. A.; MATSUDO, V.K.R. Somatotipo em volibolistas brasileiros. Rev. Volleyball. n.1,p. 12-18, 1979.
- _____; MATSUDO, V. K. R. Estudo comparativo dos par metros de aptidão física em voleibolistas de alto nível. In: XIV SIMPÓSIO DE CI NCIA DO ESPORTE, 1986, São Caetano do Sul. Anais.
- CEI, A.. El concepto de movimiento en los juegos desportivos.Característica de la elaboracion de la informacion y componentes de la atividade desportiva en voleibol. Stadium, Buenos Aires. v.25, n.145, 1990.
- CHEREBETIU, G.; CHEREBETIU, A.; GALEANA, M. Contenido y sistema de entrenamiento deportivo contemporaneo. México, Carlos Cesarman, p.28-6. 1969.
- _____. Acerca de la preparacion física específica del voleibolista. Rev. de Med. da Faculdade de la Educacion Física. n.13, p.9, 1969.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLLEYBALL. Relatório. Barcelona , 1992.
- CONLEE, R.K. Muscle glycogen and exercise endurance: a twenty year perspective. Exercise and Sp. Science Rev. n.15, p. 1-28,1987.

- COUTTS, Kenneth D. Kinetic differences of two volleyball jumping technique Med. and Science in Sp. Science. v.7, n.3, p. 182-188, 1982.
- COSTA L. P. Moderna ciencia do treinamento esportivo. Ministério da Educação Cultura, Brasília, 1968. p.5-10.
- DE ROSE, E. H. Tecnicas de avaliação de composição corporal. Rev. Med. c Esporte, Porto Alegre. v.1, n.1, p.45-48, 1973.
- DICK, F. Entrenamiento deportivo: adaptación y carga. v.12,n.67, p.18-21, 1978.
- DOHERTY, T. J.; CAMPAGNA, P. D. The effects of periodized velocity specific resistance training on maximal and substained force production in wome Journal of Sports Sciences. n.11,p.77-82,1993.
- DU CHATEAU, J.; HAINAUT, K. Training effects on muscle fatigue in ma European Journal of Applied Physiology. n.53, p.248-252, 1984.
- FACAL, F. R. Hacia um modelo científico del entrenamiento juvenil. , Stadiur Buenos Aires. v.24, n.140, p.41-44, abril, 1990.
- FEDERZONI, O. Exercizi per una pallavolo veloce. Boletin Oficial de la F.I.V.E n.63, p.18, 1972.
- FIGUEIRA JUNIOR, A. J.; MATSUDO, V. K. R. Análise cineantropométrica c atletas da seleção brasileira de voleibol de diferentes posições de jogo. In: X ENCONTRO MINEIRO DE ATIVIDADES FÍSICAS. III BIENAL DE CIÊNCIAS D ESPORTE, 1993, Poços de Caldas. Anais.
- _____. Contribuição do consumo de oxigenio sobre parâmetros aneróbicos em atletas de alto nível competitivo. In: XVIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL D CIÊNCIAS DO ESPORTE. Anais.
- FILIN, V. P. Desporto juvenil: teoria e metodologia. 1 ed. Londrina, Centro c Informação Desportiva, 1996. p.30-35.
- GAMBETTA, V. Novas tendencias na teoria do treinamento. Stadium, Buenc Aires. v.25, 1991.
- GENEVIEVE, P. Reaccionar o actuar (como ensinar la anticipacion). Stadiur Buenos Aires. v.19, n.114, p.43-47, 1985.
- GHIBU, E. Contenido y sistema del entrenamiento deportivo contemporáneo. Traducion de Gabriel Cherebetiv, Anca Cherebetiu Galoana miguel. México Pax, 1975. p.50-53.
- GODIK, M. A. Futebol: preparação dos futebolistas de alto nível. Rio de Janeiro Palestra Sport, 1996.

- GOLOMASOV, S.; SHIRVA, B. Futebol: preparação física. Londrina, Lazer Sport, 1997. p.33-36.
- GONZALEZ, A. Entrenamiento de la fuerza. Stadium. Buenos Aires. v.21, n.12. p.37-47, 1987.
- GONZÁLES, J. P.; BALÓN, G. N. Prueba de resistência de jugadores masculino de voleibol de alto rendimento: algunas consideraciones de los te pedagogicos. Inder, Boletin Científico Técnico. Cuba. n.4, 1989.
- GROSSER, M.; NEUMAIER, A. Técnicas de entrenamiento: teoria e prática de lo deportes. Barcelona, Martínez Roca, p.27-58, 1986.
- _____. Principios del entrenamiento desportivo. Barcelona, Martinez Roc 1988.
- _____; BRUGGEMANA, P.; ZINTL, F. Alto rendimiento deportivo. Barcelona, Martinez Roca, 1989.
- GUEDES, D. P. Composição corporal: princípios, técnicas e aplicações. Londrina. Ed. APEF, 1994. p.46-79.
- _____. Crescimento, composição corporal e desempenho motor em criança e adplescentes do município de Londrina (PR) Brasil. São Paulo, 1994. Tes (Doutorado) Universidade de São Paulo, 1994.
- GUNTHER, S. El factor técnico coordinativo. Stadium. Buenos Aires. v.24, n.13. p.12-19, 1990.
- HAKKINEN, K. Neuromuscular and hormonal adaptacions during strength ar power training. J. Sport Med. v.29, n.1, p.9-26,
- _____; HAKKINEN, M. Distribution of strength training volume into one o two daily sessions and neuromuscular adaptacions in female athlete Eletromyogra Clin. Neurophysiol. v.34, p. 117-124, 1994.
- HARRE, D. Teoria del entrenamiento deportivo. Stadium, Buenos Aires. 11-2. 1989.
- _____; LEOPOLD, W. A resistencia de força (II). Treino Desportivo. Lisboa. n.16 p.35-42, 1990.
- _____; LOR, I. O treino da força rápida. Treino Desportivo. Lisboa. v.1 n.72,p.16-24, 1989.
- _____. Teoria del entrenamiento deportivo. Buenos Aires, Stadium, 1987.
- HAUPTMANN, M.; HARRE, D. A rapidez y su desarrollo. Stadium. Buenos Aires. 26, n.32, p.16-23, 2988.

- HEGEDUS, J. Breve consideración sobre los movimientos explosivos. Stadium Buenos Aires. n.39, 1973.
- _____. El problema de la forma deportiva. Stadium. Buenos Aires. v.12 n.69, p.18-22, 1978.
- HICKSON, R. Interference of strength development by simultaneous training of strength and endurance. Eur. J. Appl. Physiol. n. 45, p. 255-263, 1980.
- HIGAJO, N.; ANDRADE, D. R.; PEREIRA, M. N. Relação entre a flexibilidade e força dos membros inferiores em voleibolistas de alto nível. Rev. Brasileira de Ciencia e Movimento. São Caetano do Sul. v.5, n.3, p.7-12, 1991.
- HOLLMANN, W.; HETTINGER, Th. Medicina de esporte. Revisão científica de Valdir José Barbanti. São Paulo, Manole, 1989.
- IGLESIAS, F. Analisis del esfuerzo en el voleibol. Stadium. Buenos Aires. v.28 n.168, p. 17-23, 1994.
- IVOILOV, A. V. Voleibol ensayos de biomecánica y metodología del entrenamiento. Havana, Ed. Científico-Técnica, 1988. p.95-116.
- JONES, D. A. Strength of skeletal muscle and the effects of training. British Medical Bulletin. v.48, n.3, p.592-604.
- KEUL, J. Muskelstoffwechsel. Munchen, Barth-Verlag, 1969.
- KLESCHOV, Y. N. La dirección del proceso de entrenamiento en el sistema de preparación de muchos años de los voleibolistas. In: KLESSHEV, Y.I. Voleibol. Havana, Ed. Científico-Técnica, 1983. p. 7-25.
- KLESSHEV, Y. I. Voleibol. Havana, Ed. Científico-Técnica, 1983. 78p.
- KOMI, P. V. Strength and power in sport. Oxford, Editorial Offices, International Olympic Committee, 1992. p.357-393.
- _____; LUHTANEN, P. Segmental contribution to forces in vertical jump. Eur. J. Appl. Physiol. n.38, p. 181-188, 1978.
- KUZNETSOV, V.V. Metodologia del entrenamiento de la fuerza para deportistas de alto nivel. Buenos Aires, Stadium, 1986.p.5-53.
- LETUNOV, S.P. Sovietskij sport. Moscou, 125, 1950.
- LOKTYEVIN, S.; MAKAROVA, G. Los riesgos del sistema competitivo para los jóvenes deportistas. Stadium, Buenos Aires. v.28, n. 165, p. 33-35, 1994.
- LUHTANEN, P.; KOMI, P.V. Segmental contribution to forces in vertical jump. Eur. J. Appl. Physiol. n.38, p. 181-188, 1978.

- MAFFULLI, N.; MAFFULLI, F.; LOMBARDI, S. Forza e specificità di allenamento nel muscolo scheletrico umano. Athletica Studi. n.5, p.409-422, 1989.
- MANNO, R. La capacidad coordinativa. Stadium, Buenos Aires. v.19, n.111, p.2-9, 1985.
- MANSO, J. M. G.; VALDIVIELSO, M. N.; CABALHERO, J. A. R. Bases Teóricas del Entrenamiento Deportivo: principios y aplicaciones. Madrid, Gimnos Ed. Deportiva, 1996.
- MARTIN D. Entrenamiento multilateral y especialización precoz.. Stadium, Buenos Aires. n.160, p.36-46, 1993.
- _____. Técnica desportiva e teoria del entrenamiento. Stadium, Buenos Aires. v.25, n.125, 1991.
- MARTINEZ, A.; DUARTE, C. A.; DIANNO, M. V. Características de aptidão física da seleção brasileira de voleibol feminino: tendências de uma década. In: BIENAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1989, São Paulo. Painel.
- MATHEWS, D. K. Medida e avaliação em educação física. 5.ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980. p116-118.
- MATIEGKA, J. The testing of physical efficiency. Am. J. of Physiol. and Antropometry, n.4, p. 223-230, 1992.
- MATVEEV, L. P. Comentários modernos sobre a forma desportiva. Treino Desportivo, São Paulo. v.1, n.1, p.84-91, 1996.
- _____. Treinamento desportivo. In: 1o. CURSO DE ATUALIZAÇÃO E TREINAMENTO DESPORTIVO, 1995, Campinas, UNICAMP.Faculdade de Educação Física. Centro de Ciência do Esporte. Palestra.
- _____. Periodizacion del entrenamiento desportivo. Madrid, INEF, 1977.
- _____. El processo de entrenamiento. Stadium, Buenos Aires 1983.p.45-93.
- MATVEEV, P. O. Fundamentos del entrenamiento deportivo. Madrid, Maluar, 1980. p. 267-310.
- MC ARDLE, W.; KATCH, K. Fisiologia do exercicio: energia, nutrição e desempenho humano. Rio de Janeiro, Interamericana, p.85-90, 1991.
- MC INTOSH, B. R. et al. Human skeletal muscle fibre types and force: velocity proprieties. Eur.Journal Appl.Physiol. n.67, p.499-506, 1993.
- MEDVEDEV, V.V. La preparación psicológica del voleibolista. In: KLESSHEV, Y.I. Voleibol. Havana, Científico-Técnica, 1983. p. 60-78.

MELLEROWICZ, H. Biología del entrenamiento y del esfuerzo de niños y jóvenes. Stadium, Buenos Aires. v.19, n.112, p.41-46, 1980.

MESQUITA, I. A importância da análise do processo de treino em voleibol. In: As ciências do desporto e a prática desportiva/Desporto de rendimento. Universidade do Porto. Faculdades de Ciências do desporto e de Educação Física. Editores: Jorge Bento, Antonio Marques, p.65-70, 1991.

MIL-HOMENS, P. ; SARDINHA, L. Treino pliométrico. Rev. Treino Desportivo, n.1: p.38-47, 1989.

MISHCHENKO, V. S.; MONOGAROV, V. D. Fisiología del deportista: base científica de la preparación, fatiga y recuperación de los sistemas funcionales del organismo de los deportistas de alto nivel. Revisado e adaptado por Ramóncardas. Barcelona, Paidotribo, 1995.

MITRA, G.; MOGOS, A. O desenvolvimento das qualidades motoras no jovem atleta. Lisboa, Livros Horizonte, 1982.

MLATECEK, L. Volibol. Editorial Inder, 1973. p.37.

MORITANI, T.M.A; DEVRIES, H.A. Neural factors versus hypertrophy in the time course of muscle strength gain. American J. Physical Medicine, v.58, n.3, p.115-130, 1979.

MOSKATOVA, A. K. Mecanismos fisiológicos da adaptação e acumulação de efeitos de treino. In: CONFERÊNCIA NO INSTITUTO DO DESPORTO CULTURA FÍSICA, 1991, Moscou.

MOUTINHO, C. A. A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos coletivos: o exemplo do voleibol. In: As ciências do desporto e a prática desportiva/desporto e educação física. Universidade do Porto. Editores, Jorge Bento; Antonio Marques, p.265-274, 1991.

NEVILLE, W. J. Coaching volleyball successfully. Champaign, Human Kinetics, p.30-42, 1990.

NADORI, L. El tiempo de construir. Rev. Entrenamiento Deportivo, v.3, n.1, p.9-17, 1987.

_____. De la práctica a la ciencia. Stadium, Buenos Aires. v. 19, n.112, p.28-35, 1985.

_____. Ciencia y teoría del entrenamiento ante la evolución del deporte femenino. Stadium, Buenos Aires. v. 27, n. 162, p.9-12, 1993.

_____. Problemas pedagógicos de la especialización y de la promoción de talento en el deporte. Stadium, Buenos Aires. v. 24, n. 141, 1990.

OLIVEIRA, P. R. Particularidades das ações motoras e características metabólicas dos esforços específicos do voleibol juvenil e infanto-juvenil feminino. Rev. da Faculdade Claretianas, Batatais. n.6, p.45-56, 1997.

_____. Metodologia do treinamento de força para jovens atletas de voleibol. In: I CLÍNICA INTERNACIONAL DE VOLLEYBALL PARA JOVENES, 1996, Serra Negra. Conferência.

OZOLIN, N. G. Sistema contemporaneo de entrenamiento deportivo. 3.ed. Havana, Ed. Científico Técnico, 1989. p.361-469.

_____. Characteristics of athletic shape and methods of rationalizing the structure of the competitive phase. Scientific Research Collection, Moscow. n.4, p.223-230, 1972.

OYSTER, N. Effects of a heavy resistance weight training program on colleg women athletes. J. Sports Med. n.19, p. 79-82, 1979.

PLATONOV, V. N. El entrenamiento deportivo, teoria y metodologia. 3.ed. Barcelona, Paidotribo, 1990. p.167-298.

_____. La adaptación en el deporte. Barcelona, Paidotribo, 1991. p.91-246.

_____. La adaptacion en el deporte. Revisão e adaptação de Rose Caetano. 2.ed. Barcelona, 1994.

_____; FESSENKO, S. L. Los sistemas de entrenamiento de los mejores nadadores del mundo. Barcelona, Paidotribo, v.1, 1994.p.211-283.

POLIUQUIN, C. A importância da variação do treino da força. Rev. Treinamento Desportivo. Lisboa. v.2, n.20, p.37-43, 1991.

RODRIGUES, R. V. La preparación física en voleibol. 2.ed. Madrid, Augusto C. de la Pila Telena, 1982.

SALE, D. G. Neural adaptation to resistance training. Medicine and Science in Sports and Exercise. v.20, n.5, p. 135-145, 1988.

_____; MARTIN, J. E.; MOROZ, D. E. Hypertrophy without isometric strength. Eur. J. Appl. Physiology. n.64, p.51-55, 1992.

SANTOS, P. M.; AVELA, J. Alterações no padrão de ativação e pré-ativação muscular, induzidos por diferentes cargas de alongamento, em exercícios de saltos em profundidade. In: As ciências do desporto e a prática desportiva/desporto e educação física. Universidade do Porto. Editores Jorge Bento; António Marques, p. 291-300.

SARDINHA, L.; SANTOS, P.M. O treino pliométrico: os saltos de profundidade e a prescrição dos saltos. Treinamento Desportivo, Lisboa. v.2, n.13, 1989.

- SMITH, D. J.; ROBERTS, D.; WATSON, B. Physical, physiological and performance differences between Canadian national team and university volleyball players. J. Sports Sciences. n.10, p. 131-138, 1992.
- SOTO, A. L. Particularidades de los periodos de entrenamiento deportivo. Stadium, Buenos Aires. v.17, n.97, p.19-25, 1983.
- SPRING, H.; KUNZ, H. R.; SCHNEIDER, W. Força muscular: teoria e prática. São Paulo, Santos Livraria Editora, 1995. 120p.
- STOYANOV, M.; GOSPODINOV, V. Exigencias y orientaciones modernas para los jóvenes voleibolistas. Stadium, Buenos Aires. v.14, n.79, p.17-20, 1980.
- TELENA, A. P. Preparación física 1º. nivel. 7.ed. Madrid, Augusto E. Pila Telen. 1982. p. 145-165.
- TEODORESCU, L. Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. Lisboa, Livros Horizonte, 1984. p.45-66.
- TOMBI, M. A. Periodização do treinamento de voleibol da equipe adulta do Club Atlético Paulistano/Econômico. Trabalho apresentado na disciplina Base Geral do Treinamento Desportivo do Curso de Pós-Graduação/Especialização em Voleibol, São Paulo, FMU, julho de 1994.
- TRICOLI, V. A. A.; BARBANTI, V. J.; SHINZATO, G. T. Potencia muscular e jogadores de basquetebol e voleibol: relação entre dinamometria isocinética e salto vertical. Rev. Paulista de Ed. Física, São Paulo. v.8, n.2, p.14-27, 1994.
- TSCHIENE, P. Los problemas actuales del entrenamiento de los jóvenes deportistas. Stadium, Buenos Aires. n. 117, p. 39-46, 1986.
- _____. En favor de una teoría del entrenamiento juvenil. Stadium, Buenos Aires. v.24, n.134, p.18-25, 1990.
- _____. La prioridad del aspecto biológico en la teoría del entrenamiento. Roma, Scuola Dello Sport, n.23, p. 2-8, 1991.
- _____. L'incremento della forza. Atletica Leggera. n.159, p.168-173, 1973.
- _____. La strategia dell'allenamento giovanile. Atleticastudi, n.3/4, 1985.
- VARGAS, R. Análisis del voleibol desde un punto de vista físico (1a. parte). Stadium, Buenos Aires. v.13, n.74, p.39-41, 1979.
- _____. Análisis del voleibol desde un punto de vista físico. Stadium, Buenos Aires. v.13, n.78, p.40-43, 1979.

VERKHOSHANSKY, Y. V. Perspectives in the improvement of speed-strength preparation of jumpers. Yessis Review of Soviet Physical Education and Sport Moscou. n.4, p.25-28, 1969.

_____. Are depth jumps useful? Yessis Review of Soviet Physical Education and Sports, Moscou. n.4, p. 75-78, 1977.

_____. Prinzipien des Trainingsaufbaus in der schnellkraftdisziplinen der Leichtathletik. Rev. Die Lehre der Leichtathletik, Berlin. n.10-11, 1980.

_____. Força: treinamento da potencia muscular. Londrina, Centro de Informações desportivas, 201p., 1996.

_____. Entrenamiento deportivo: planificacion y programacion. Barcelona: Martinez Roca, 1990. 190p.

_____. Problemas atuais da metodologia do treino desportivo. Treino desportivo, São Paulo. v.1,n.1, p.33-45, 1996.

_____. Treinamento físico: preparação de força especial. In: 1ª. CLÍNICA INTERNACIONAL DE VOLLEYBALL PARA JOVENS, 1996. Serra Negra: Palestra.

_____. Preparação de força especial: modalidades desportivas cíclicas. Adaptação de Paulo Roberto de Oliveira. Rio de Janeiro, Palestra, 1995. p. 103-132.

_____. Preparação de força especial no desporto. In: AULA DE ENCERRAMENTO DA DISCIPLINA TREINAMENTO DESPORTIVO. Curso de Pós-Graduação/Especialização, 1995, Campinas, UNICAMP. Palestra.

_____. Treinamento Desportivo. In: I CURSO DE ATUALIZAÇÃO E TREINAMENTO DESPORTIVO, 1995, Campinas, UNICAMP. Faculdade de Educação Física. Centro de Ciências do Esporte. Palestra.

_____. Treinamento Desportivo. In: II CURSO DE ATUALIZAÇÃO E TREINAMENTO DESPORTIVO, 1996, Campinas, UNICAMP. Faculdade de Educação Física. Centro de Ciências do Esporte. Palestra.

_____. Treinamento desportivo. In: CURSO INTERNACIONAL DE TREINAMENTO DESPORTIVO, 1996, Batatais, Faculdades Claretianas. Palestra.

VITASALO, J. T. Anthropometrics and physical performance characteristics of male volleyball players. Canadian J. of Appl. Sports Science. v.7, n.3, p. 182-187, 1982.

_____; J.; RUSKO, H.; PAJALA, O. Endurance requirements in volleyball. Canadian J. of Sports Sciences. v.12, n.4, p. 194-201, 1987.

- _____.; KOMI, P.V. Force time characteristics and fiber composition human leg extensor muscles. European J. of Appl. Physiology. n.40, p. 7-11, 1978.
- VIRU, A. Acerca de los microciclos de entrenamiento. Stadium, Buenos Aires n.146, p.19-23, 1991.
- _____. Mechanism of general adaptation and adaptation to muscular activity. Acta Comen Univ. Tartuensis, n.11, p. 419, 1977.
- _____. Busqueda de um entrenamiento eficaz. Stadium, Buenos Aires v.24, n.142, p.40-42, 1990.
- VIVOLO, M. A.; CALDEIRA, S.; MATSUDO, V. K. R. Estudo antropométrico c equipe nacional de voleibol feminino do Japão segundo o método do somatotipo e hearth-carter. Rev. Volleyball. v.1, p.15-20, 1980.
- _____. Somatotipo en volibolistas brasileiras. Rev. Volleyball. v.1, n. 1979.
- VON DOBELN, W.; ERIKSSON, B.O. Physical training maximal oxygen uptake ar dimensions of the oxigen transporting and metabolizing organs in boys. 11-1 years of age. Acta Paediatrica Scandinavica. v.61, p. 653-660, 1972.
- VOROBIEV, A. N. El entrenamiento deportivo para o desarrollo de la fuerza muscular. Rev. dos Desportos, Madrid. 1979.
- _____. Halterofilia: ensaio sobre fisiologia y entrenamiento deportivo Mexico. Libros de Mexico, 1974.
- WASNY, Z. Ejemplos de modelos de entrenamiento de fuerza general dirigido Boletin do Instituto Nacional de Educacion Física e Deportes. Centro de Documentacion e Informacion. Novedades en Entrenamiento de Fuerza Muscular, Madrid. p.1-35, 1975.
- _____. Preparacion especial de fuerza. Boletin do Instituto Nacional de Educacion Física e Deportes. Centro de Documentacion e Informacion. Novedades en Entrenamiento de Fuerza Muscular, Madrid. p.37-67, 1975.
- _____. Control de la preparacion de fuerza. Boletin do Instituto Nacional de Educacion Física e Deportes. Centro de Documentacion e Informacion. Novedades en Entrenamiento de Fuerza Muscular, Madrid. p.69-79, 1975.
- WEINECK, Jürgen. Manual de treinamento desportivo. 2.ed. São Paulo, Manol 1986.
- _____. Entrenamiento ótimo: como lograr el máximo rendimiento Barcelona, Hispano-Europea, 1988.

WELLS, Christine.L. Mujeres, deporte y rendimiento: perspectiva fisiológica. Barcelona, Libergraf, s/d.

_____. Mujeres, deporte y rendimiento: perspectiva fisiologica. vol. Revisado e adaptado por Roser Call. Barcelona, Paidotribo, 1992.

WINKLER W. Fubball analysiert: hamburger sugegen intermailand (I) Fubballtraining. n.9-10, p.22-25, 1991.

ZAKHAROV, A. Ciência do treinamento desportivo. Adaptação científica de Antoni Carlos Gomes. Rio de Janeiro, Palestra Sport, 1992. p.289-314.

ZATSIORSKY, V. M. Science and practice of strength training. Champaign, Human Kinetics, 1995.p. 59-81.

ZENON, W. Fuerza muscular del hombre (I). Boletim do Instituto Nacional de Educação Física y Deportes. Centro de Documentacion e Informacion. Novedades e entrenamiento de fuerza muscular. Madrid, INEF, 1975.

Os confrontos violentos que tivemos no futebol brasileiro, principalmente até o primeiro semestre do ano de 1996, levaram os jornalistas brasileiros, em 1996, a fazer a seguinte indagação: *Estaremos vivendo a era do “hooliganismo brasileiro”?*

No Brasil não temos “hooligans” como na Inglaterra, mas temos a formação de grupos torcedores, denominados de Torcidas Organizadas³², os quais foram responsabilizados, nos anos de 1994, 1995 e 1996, pelo Poder Público, pelos atos de violência e/ou por mortes de torcedores de futebol. Como o próprio nome já diz, são grupos de torcedores que possuem uma organização própria e independente dos clubes, apesar de terem recebido benefícios ou cortesias ao longo de vários anos por parte de dirigentes de clubes de futebol, como por exemplo ingressos de jogos, auxílio no fretamento de ônibus, ou “souvenirs”, principalmente em períodos de campanhas eleitorais.

As diversas facções torcedoras (Torcidas Organizadas) eram também as principais responsáveis, nos jogos, pelas coreografias das torcidas, pelos cantos e gritos de guerra, fato que não é ressaltado pela imprensa como um elemento importante do espetáculo esportivo.

³² Sobre o tema consultar Toledo, Luiz Henrique. Torcidas Organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados, 1996.

Observa-se nas canções dos torcedores organizados brasileiros, assim como nas dos hooligans ingleses, que as letras são pontuadas com palavras que instigam violência, termos que transmitem imagens de combate e de conquista³³.

Apesar das Torcidas Organizadas terem algumas características que pudessem nos aproximar da suspeita de que vivemos a era dos hooligans no Brasil, elas têm também outras características que as afastam da confirmação de que os torcedores organizados seriam os hooligans brasileiros. Como exemplo, observa-se na Inglaterra uma relação dos hooligans com os movimentos neo-nazistas ingleses e europeus, fato que não ocorre com os nossos torcedores organizados. Para ilustrar a similitude existente entre os grupos de torcedores ingleses e os brasileiros, transcrevo a seguir as características descritas por Dunning a respeito do hooliganismo no futebol inglês, que se assemelham às manifestações dos torcedores organizados do futebol brasileiro.

“1) O facto de os grupos rivais envolvidos parecerem estar, por vezes, tanto ou mais interessados em opor-se uns aos outros como em assistir ao futebol. As suas próprias explicações sugerem que obtêm prazer positivo no confronto e que a capacidade de luta constitui a principal fonte quer de prestígio individual quer do grupo.”

[...]

4) O notável grau de conformidade e de uniformidade na acção que é exibido nas canções e coros dos *hooligans* do futebol. Um tema corrente destas canções e coros é o engrandecimento da imagem masculina de se pertencer ao grupo, associado à difamação e à emasculação daqueles que não pertencem ao grupo.” (Dunning. In: Elias & Dunning, 1992, p. 351-352).

³³ Canções que serão transcritas no próximo capítulo.

Para afirmar que existem semelhanças entre as características dos hooligans ingleses descritas acima e a dos torcedores organizados brasileiros, além das observações realizadas por mim nos estádios de futebol recorri ao estudo de Toledo (1996) e, ao cotejar os dois estudos, pude concluir que, assim como na Inglaterra, também no Brasil verifica-se nas Torcidas Organizadas o profundo sentimento de ligação dos membros de tais grupos

“... unidos de forma segmentar quanto a pertencer ao grupo e a hostilidade para com aqueles que não pertencem ao grupo significam que a rivalidade em termos virtuais é inevitável quando os seus membros se encontram. E as suas normas de agressividade masculina e a comparativa incapacidade para exercer autocontrole implicam que o conflito entre eles facilmente conduz ao confronto.” (Dunning. 1992, p. 353 e 354).

Como já foi dito, existem semelhanças e diferenças entre os comportamentos de torcedores organizados brasileiros e hooligans ingleses, porém as diferenças estão mais no plano ideológico dos respectivos grupos de torcedores e nem tanto em suas ações, apesar de que a gravidade das atitudes dos hooligans parece ter proporções maiores, pois vem havendo mudanças nas formas de atuações dos hooligans na Inglaterra e Europa na tentativa de ludibriar a polícia local.

As principais explicações para a manifestação de violência no futebol, apontadas nas pesquisas realizadas na Inglaterra, no “Centre of Research into Sport and Society”, em Leicester, são o consumo de bebidas alcólicas e/ou a violência no campo de jogo. Esses fatores podem ser alguns dos desencadeadores de violência também no futebol brasileiro, pois, a partir da proibição do consumo de

bebidas alcoólicas nos estádios de São Paulo, entre outras medidas que veremos nas páginas seguintes, houve uma diminuição significativa de confrontos de violência nos estádios em São Paulo, sendo que, algumas dessas medidas continuam sendo adotadas até os dias de hoje.

4. AS MUDANÇAS, EM SÃO PAULO, A PARTIR DE 1996, E A ANÁLISE DOS AUTORES BRASILEIROS

No Brasil, após vários incidentes violentos que resultaram até em mortes de torcedores, a Federação Paulista de Futebol adotou algumas medidas de segurança durante o Campeonato Paulista de 1996, que foram estendidas ao Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, apenas para os jogos realizados na cidade de São Paulo, e que continuam até os dias de hoje. É possível notar que, a partir da adoção de tais medidas de segurança, os incidentes de violência em dias de jogos de futebol diminuíram consideravelmente.

Vale lembrar que, em 1996, duas das Torcidas Organizadas de São Paulo haviam sido suspensas e, mais tarde, foram extintas pelo Poder Público Estadual: A Mancha Verde, do Palmeiras e a Torcida Independente, do São Paulo Futebol Clube, fato que considero ter sido de fundamental importância para a diminuição da violência nos estádios de futebol, pois, como será visto no capítulo seguinte, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, não ocorreram incidentes de violência real, nos jogos realizados em São Paulo.

Como já foi dito anteriormente, em decorrência de vários incidentes de violência no esporte³⁴ brasileiro, foi promovido um Seminário³⁵, pela Secretaria de Estado

³⁴ Principalmente no futebol.

³⁵ O Seminário foi realizado em setembro de 1995, duas semanas após o conflito no Estádio do Pacaembu, que resultou na morte de um torcedor.

da Justiça e de Defesa da Cidadania, na Faculdade de Direito da USP³⁶, em 1995.

O triste episódio da morte de um torcedor, em agosto de 1995, no estádio do Pacaembu, São Paulo, foi o ponto inicial, por parte do poder público, para a tomada de providências, quanto ao crescente aumento da violência nos espetáculos esportivos.

O incidente do Pacaembu fez com que as autoridades despertassem para o problema da violência nos estádios e tomassem algumas providências. A partir daí, inclusive, se aceleraram os julgamentos de processos judiciais dessa natureza, que estavam há anos para serem julgados. (FSP, 23/4/96, Esporte).

O Seminário deu origem a um livro, onde se encontram textos de vários autores(as), com distintas formações, como: juristas, sociólogos, jornalistas, psicólogos, o que nos possibilita a leitura de diversas abordagens e análises das ocorrências da violência nos esportes. Apesar dos autores serem de diferentes categorias profissionais, percebe-se uma sincronia nas diversas análises da violência no esporte.

Irei valer-me de alguns destes artigos, para enriquecer o debate acerca do tema.

³⁶ Os textos foram publicados em livro pela Imprensa Oficial do Estado, sob o título: "A Violência no esporte".

O então ministro de Esportes do Brasil, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, afirma em seu texto que os dirigentes dos clubes incentivaram a violência nos estádios, seja porque alimentaram as torcidas organizadas, ou por serem incompetentes na organização do nosso futebol. (1996, p. 36). Ainda na opinião do então ministro, os dirigentes de futebol dão mau exemplo na gestão do dinheiro produzido pelo esporte, que não vem sendo revertido para o próprio esporte. Para ele, as soluções para o Brasil estão no tipo de educação que formos capazes de oferecer.

Aproveitando a preocupação dele com a educação de nossos jovens, dentro deste capítulo que trata da Violência e Esporte, é importante observarmos que podemos estar passando por momentos muito críticos em nossa sociedade, momentos esses em que as escolas públicas e também a saúde pública estão em estado calamitoso. Será que o que temos são apenas discursos demagógicos, enquanto que a realidade no cotidiano escolar é lamentável? Dessa forma, é de se supor que uma população como a brasileira, de muitos jovens com pouco ou nenhum acesso ao conhecimento elaborado, dificilmente teria condições de exercer sua cidadania e participar do “processo civilizatório” de Elias.

Álvaro Villaça Azevedo, professor de Direito Civil, da Universidade de São Paulo, a respeito da responsabilidade das ocorrências de incidentes de violência no futebol, diz que: “A falta de cuidados, a negligência com a segurança das pessoas

levam à responsabilidade civil, seja dos clubes de futebol, seja da Federação futebolística, seja, ainda, do Estado, pela falta de policiamento adequado.” (Azevedo, 1996, p. 36).

A partir dessa citação, quero salientar também o desamparo do Estado, no que tange à segurança da população. Há a falta de credibilidade das nossas polícias, provocando inclusive medo na população em relação aos policiais.

O texto de Arlindo Chinaglia, Deputado Federal, reafirma as nossas reflexões, pois também para ele

“... as causas da violência no esporte devem ser buscadas na sociedade. E aqui não há como escapar ou negar que a exclusão social é um fator preponderante dentre as múltiplas causas da violência. A pobreza, as péssimas condições de vida, o desemprego, a falta de escola, de moradia, de cultura, de lazer, etc.” (Chinaglia, 1996, p. 45).

Para ele tudo isso gera frustração e impotência, tendo como consequência uma perspectiva de vida desesperançosa. Essa conclusão está de acordo com a tese de Dunning, já descrita à pag. 69 e 70 deste trabalho.

Chinaglia (1996) inclui em sua análise que a predominância da impunidade na sociedade brasileira estimula e reforça a violência, e afirma que a impunidade está presente em todos os níveis e setores.

As análises desses autores confirmam as feitas por Elias, quando ele e outros pesquisadores dizem "... ter a profunda consciência de que a compreensão do desporto contribuía para o conhecimento da sociedade." (Elias. In: Elias & Dunning, 1992, p. 39).

Capez, que é promotor público em São Paulo, e é apontado, pela imprensa, como o principal responsável pelo fim das Torcidas Organizadas de São Paulo em 1995, considera que os torcedores organizados, conscientes de que sozinhos "... não conseguiriam despertar da sociedade, a atenção necessária, e desejosos em se transformar nos protagonistas principais do espetáculo, buscam no agrupamento, a força que não teriam isoladamente." (Capez, 1996, p. 49).

As interpretações de Capez, acerca das Torcidas Organizadas e Torcidas Uniformizadas, reafirmam as análises de Elias & Dunning a respeito de agrupamentos de torcedores, já citados neste estudo anteriormente. Para Capez, as Torcidas Organizadas foram "Constituídas sob o signo de entidades associativas, com regras de ingresso e permanência consubstanciadas em estatutos, aglutinaram em torno de si torcedores que vislumbravam, inicialmente, apenas figurar como protagonistas do espetáculo" (1996, p. 49), e que, mais tarde, desvirtuaram seus objetivos, sendo, atualmente, as responsáveis pelo desencadeamento de atitudes violentas nos estádios.

Assim como os autores ingleses, Capez considera que, no Brasil, vários fatores contribuíram para a criação de perigosos focos de tensão social, dentre eles:

“... o recrudescimento dos problemas sociais e econômicos o considerável aumento da distância entre os segmentos sociais, o alastramento generalizado da miséria, a falta de emprego e de acesso a um sistema de educação e saúde minimamente adequados...” (Capez, 1996, p. 49).

Ele sugere que, para o controle da violência no futebol, “... torna-se imprescindível, a colaboração efetiva de todos os setores da sociedade, e a compreensão de que se trata de um fenômeno macroscópico, que nada mais representa, senão uma extensão de outros problemas sociais.” (Capez, 1996, p. 52).

É importante salientar que Capez, diferentemente de Toledo (1996), não faz diferenciação entre torcida organizada e torcida uniformizada. Toledo classifica os torcedores de futebol em **torcedores organizados**, **torcedores uniformizados** e **torcedores comuns**. Essa classificação é necessária, pois ele pesquisou um tipo de espectador, o torcedor organizado. Apesar de considerar importante tal classificação, ao meu ver é inadequada a denominação dada à última, de **torcedores comuns**, porque, no meu modo de entender, essa denominação vulgariza os espectadores que não pertencem a agrupamentos organizados de torcedores. Sendo assim, é preferível denominá-los apenas de espectadores, termo já utilizado em todo o mundo e, inclusive, com grande frequência, pelos meios de comunicação.

Para outro autor, Benevides, também palestrante no referido seminário, a causa da violência entre as torcidas organizadas é a "... falta de perspectivas da juventude das periferias e de uma nova classe média cada vez mais revoltada com sua proletarização forçada." (Benevides, 1996, p. 75).

Com as citações transcritas, é possível observar que os autores, em geral, fazem a associação da violência no futebol com a violência da sociedade. Cardia não foge a esta linha de interpretação.

Nancy Cardia é participante do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. Ela também recorre aos estudos de Elias & Dunning e Murphy et al., para analisar a violência no futebol brasileiro, especificamente dos torcedores organizados. A pesquisadora diz que uma parte considerável dos membros de torcidas organizadas é oriunda da periferia da cidade sendo, em sua maioria, adolescentes ou jovens adultos, apresentando subgrupos formados em seus bairros de origem.

" Estes jovens, com frequência estão mais ligados ao próprio grupo do que aos adultos das famílias, têm pouca supervisão dos pais que trabalham fora, e dependem mais do grupo para sobreviverem e para a auto-estima [...] O respeito que obtém da comunidade deriva mais do grupo e com frequência da coragem e valentia que podem exibir como membros do grupo do que de seu desempenho escolar e profissional. [...] Para estes grupos é possível que o time de futebol seja o símbolo constitutivo da própria identidade do grupo, comandando o mesmo grau de fidelidade e lealdade que o grupo." (Cardia, 1996, p. 85).

Para ela, uma das poucas chances dos jovens se valorizarem em comunidades, onde o sucesso econômico é escasso, é com o sucesso de seu time. Ela percebe que os jovens normalmente se identificam com jogadores, que representam modelos de sucesso, que podem ser compartilhados pelos torcedores.

No texto acima transcrito, é possível observar que a autora baseou-se nas pesquisas dos autores britânicos, que também são a referência principal na minha pesquisa. No entanto, a autora omitiu a fonte dos dados apresentados, referente à faixa etária e local de origem das torcidas organizadas. Portanto, ao meu ver, parece que é feita apenas uma transposição dos dados dos autores britânicos.

Toledo (1996), ao se reportar às características das torcidas organizadas, nas categorias faixa etária, escolaridade e classe social, declara-se valer de pesquisas publicadas em 5 de novembro de 1992, no Jornal da Tarde, SP, enquanto que Vera da Silva Telles - integrante do Departamento de Sociologia da USP, ao dizer que os torcedores são "... jovens, garotos, a maioria vindos de bairros pauperizados da cidade de São Paulo" (1996, p. 107), também não cita a fonte de seus dados, assim como Capez, quando escreveu que os integrantes das torcidas uniformizadas³⁷ estão situados, em sua maioria absoluta (cerca de 80%) entre 14 e 25 anos, e segundo ele, tratam-se "... de pessoas em busca de

³⁷ Pelo fato desse autor não fazer diferenciação entre torcedores uniformizados e torcedores organizados, lê-se torcidas organizadas.

afirmação social e pessoal, fortemente impulsivas e desejosas de deixar suas marcas na sociedade que poucas oportunidades lhes oferece.” (Idem, p. 50).

No que tange à classe social, há falta de pesquisas que abordem essa classificação, pois mesmo os autores que se referem a diferentes classes sociais, não citam as suas fontes.

Com esse capítulo tive o objetivo de apresentar uma “tipologia” da violência em espetáculos esportivos, além de cotejar as análises de autores brasileiros sobre a relação existente entre sociedade, violência e esporte. Tanto a “tipologia” da violência como a abordagem dada ao tema, pelos autores brasileiros, são muito importantes para a pesquisa, pois, no capítulo seguinte, irei descrever o cenário onde realizei a pesquisa de campo, além de apresentar as análises e discussões dos dados colhidos.

CAPÍTULO III - EM CAMPO

Este capítulo tem a finalidade de contextualizar o campeonato de futebol objeto da pesquisa de campo, no sistema de disputas futebolísticas brasileiras, para que se compreenda parte das manifestações dos espectadores e torcedores de futebol, assim como a queda no número de público nesse espetáculo esportivo. Nele são apresentadas, também, as análises e discussões da pesquisa de campo, realizada no “Estádio Palestra Itália em São Paulo”.

É importante, ainda, destacar algumas mudanças ocorridas no campeonato objeto de análise, no ano da realização da pesquisa, comparativamente aos anos anteriores, que podem ter influenciado nos resultados colhidos.

1. A ORGANIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol, no Brasil, é organizado e dirigido por Ligas, Federações e Confederação, cabendo às Federações Estaduais e à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a organização do futebol profissional. As Federações são responsáveis pela organização dos campeonatos regionais. À CBF, como órgão máximo do futebol brasileiro, cabe organizar os Campeonatos Nacionais, Copa do

Brasil e Campeonato Brasileiro, sendo ela a instituição responsável também pelas Seleções Brasileiras de Futebol.

Em âmbito regional, no primeiro semestre de cada ano, temos: os Campeonatos Estaduais e a Copa Rio-São Paulo e, em nível nacional, a Copa do Brasil, sendo que, no segundo semestre de cada ano, ocorre, também em nível nacional, a realização do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Tanto os Campeonatos Regionais como o Campeonato Brasileiro de Futebol são disputados em várias divisões, sendo estas divididas em séries A1, A2 e A3³⁸. Estabelece-se o critério de acesso e decesso entre essas divisões, a partir da classificação das associações na primeira fase dos respectivos campeonatos, no ano anterior.

A Copa do Brasil, de responsabilidade da CBF, é organizada com a participação dos campeões e vice-campeões regionais e com algumas equipes convidadas pela CBF, supostamente por seu desempenho nos diversos campeonatos. Este campeonato é mais sujeito a alterações, como pode ser constatado no jornal Folha de São Paulo, de 05/01/95, que publicou uma reportagem com o título “TV inclui quatro equipes na Copa do Brasil”. A reportagem relata que, com o ingresso de mais quatro associações (clubes), o número de participantes nessa competição foi alterado de 32 para 36. Na competição na qual realizei a pesquisa

³⁸ A imprensa denomina a série A2 de B e a série A3 do Campeonato Brasileiro de Futebol de C.

de campo, pude constatar que os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul tiveram, no mínimo, três clubes participantes cada um, número superior aos outros Estados.

Para a descrição deste tópico utilizei, como fonte, as Normas Especiais do Campeonato Brasileiro de 1996, da CBF, que são omissas quanto às formas de determinação das associações participantes.

A Copa do Brasil, de certa forma, é mais “democrática” que o Campeonato Brasileiro, pois os times campeões e vice-campeões regionais têm, automaticamente, direito à participação. Este “direito” é também bastante discutível, pois muitas vezes, alguns desses classificados dos Campeonatos Regionais têm índices técnicos inferiores aos clubes que ficaram excluídos em outros Estados, que porventura tenham um futebol de melhor nível, como é o caso de algumas associações dos estados anteriormente citados.

O Campeonato Brasileiro é realizado³⁹ com os “grandes” clubes brasileiros e outros não considerados como “grandes”. Este campeonato é realizado todos os anos, durante o segundo semestre, e os times são praticamente os mesmos de um ano a outro, com exceção dos dois últimos colocados da primeira fase de disputa, do ano anterior, que, automaticamente, disputam o grupo A2, no ano seguinte. O campeão e vice do grupo A2 acendem ao grupo A1, no ano seguinte.

³⁹ Mais adiante será listado o nome destes participantes.

Excepcionalmente, o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1997 teve a participação de 26 clubes. Isso se deu devido ao não rebaixamento dos dois últimos clubes (Bragantino e Fluminense), classificados na primeira fase do Campeonato Brasileiro de 1996, que deveriam participar, no ano de 1997, do Campeonato Brasileiro de Futebol da série A2.

A imprensa esportiva, os jogadores e técnicos criticam muito o excessivo número de times no Campeonato Brasileiro, pois, muitas vezes, a diferença de nível técnico entre duas equipes torna o jogo pouco atrativo, tendo também como consequência pouco público nos estádios, além do enorme gasto com jogos entre equipes de Estados muito distantes.

É largamente divulgado pelos dirigentes dos grandes clubes de futebol no Brasil, que os clubes passam por uma grande “crise” financeira. A principal queixa atual dos dirigentes é de que os campeonatos de futebol profissional são deficitários para os clubes. Isto quer dizer que as rendas dos jogos não cobrem parte significativa dos seus gastos.

São inúmeros os depoimentos de dirigentes de clubes, afirmando que os campeonatos regionais dão prejuízo. Embora isto ocorra, pouco fazem para reverter este quadro caótico. Segundo o atual presidente da Federação Paulista

de Futebol (FPF), Sr. Eduardo José Farah, em participação no programa “Cartão Verde”, da TV Cultura, em 11/5/97, os presidentes de clubes, quando participam das Assembléias da FPF, apenas aplaudem o que ouvem. E, para ele, essa atitude demonstra à FPF que estão todos satisfeitos com a organização do Campeonato Paulista.

Para o jornalista Juca Kfourri, em opinião expressa no mesmo programa, seriam exatamente os presidentes dos grandes clubes de futebol as pessoas capazes de reverter o atual quadro do futebol regional e nacional.

2. CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL DE 1996

Foi com o Campeonato Brasileiro de 1996, série “A”, que realizei a pesquisa de campo. A escolha se deu por critério de relevância, dada a importância nacional do evento.

Ele foi disputado por vinte e quatro associações⁴⁰ (clubes).

A primeira fase foi realizada com todas as associações e em turno único, jogando entre si, classificando-se para a segunda fase oito associações, que obtiveram maior número de pontos ganhos na primeira fase, que formaram dois grupos com jogos de “ida e volta”, sendo que a segunda⁴¹, terceira⁴² e quarta⁴³ fases tiveram o mesmo tipo de disputa.

As duas associações de pior índice técnico, ao final da primeira fase, deveriam, segundo as Normas Especiais do Campeonato Brasileiro de 1996, descer para a série “A2” do Campeonato Brasileiro de 1997, sendo assim determinado que

⁴⁰ Botafogo (RJ), Santos (SP), Cruzeiro (MG), Fluminense (RJ), Palmeiras (SP), Bragantino (SP), Atlético (MG), Goiás (GO), Internacional (RS), Portuguesa (SP), Juventude (RS), São Paulo (SP), Paraná (PR), Corinthians (SP), Grêmio (RS), Guarani (SP), Criciúma (SC), Bahia (BA), Sport Recife (PE), Vasco Da Gama (RJ), Flamengo (RJ), Vitória (BA), Atlético (PR) e Coritiba (PR).

⁴¹ Grupo “A” primeiro vs oitavo classificado

Grupo “B” segundo vs sétimo classificado

Grupo “C” terceiro vs sexto classificado

Grupo “D” quarto vs quinto classificado

⁴² Grupo “E” - vencedor do grupo “A” vs vencedor do grupo “D”

Grupo “F” - vencedor do grupo “B” vs vencedor do grupo “C”

⁴³ Grupo “G” - vencedor do grupo “E” vs vencedor do grupo “F”

Bragantino e Fluminense deveriam no ano de 1997 disputar a série A2 do Campeonato Brasileiro de Futebol, o que não ocorreu.

O Campeonato Brasileiro de 1996, objeto de minha pesquisa de campo, teve algumas particularidades importantes em relação aos anos anteriores, que serão relatadas a seguir.

Em decorrência de incidentes de violência entre torcedores em jogos realizados na capital paulista, nos anos de 1994, 1995 e 1996, inclusive com mortes de torcedores, a Federação Paulista de Futebol tomou algumas medidas de segurança, com o intuito de impedir a reincidência de tais episódios.

As providências para prevenir a violência foram tomadas apenas pela FPF, no Estado de São Paulo, em jogos realizados na capital, pois não há consonância em relação às medidas adotadas pelas diversas entidades do futebol, neste caso, entre FPF e CBF⁴⁴.

De forma resumida, as medidas adotadas foram:

⁴⁴ Mais um fato que demonstra isso é o que aconteceu nas finais do Campeonato Paulista de 1997, em que a CBF havia determinado a data de 1 de junho para o término dos Campeonatos Regionais e, inesperadamente, incluiu um amistoso da Seleção Brasileira, na Noruega, com a seleção local, no final de maio, antecipando assim o embarque dos convocados para 25 de maio. Esta atitude prejudicou os principais clubes de São Paulo, classificados para a fase final, deixando mais insatisfeitos os torcedores e espectadores do futebol brasileiro, com os clubes disputando os jogos finais sem seus principais jogadores.

1. Proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios, em jogos na cidade de São Paulo.

2. Proibição da entrada de materiais com os espectadores e torcedores, tais como instrumentos de som, bandeiras, faixas e qualquer vestimenta que identificasse as torcidas organizadas ou uniformizadas.

3. Proibição da entrada de menores de doze anos de idade, desacompanhado de pais ou responsáveis, no estádio do Morumbi, SP. Esta medida foi mais tarde estendida para outros estádios de São Paulo.

Em decorrência dessas medidas, pudemos observar, nos jogos realizados no Estado de São Paulo, que a presença de mais espectadores, como famílias, mulheres e adolescentes desacompanhados, comparativamente a outros campeonatos, foi superior.

Com a “extinção” das torcidas organizadas e a proibição da sua presença nos estádios, as famílias começaram a voltar para assistir os jogos de futebol. Outro fator que também contribuiu para essa mudança foi o incentivo dos jornalistas esportivos, que divulgaram, através dos veículos de comunicação, a volta da segurança e tranquilidade nos estádios.

3. A QUEDA DE PÚBLICO

No Brasil, a diminuição de público em espetáculos esportivos tem sido um fato importante a cada ano. Considero relevante esta discussão para esta pesquisa, pelo fato de termos como seu objeto justamente os espectadores e torcedores de futebol. Irei então tratar da relação que há entre os campeonatos e a presença de público nos estádios, começando pela Copa do Brasil, que apesar das críticas que se possa fazer é a competição que reúne a maior quantidade de associações das grandes equipes do futebol nacional, além de ser o caminho mais curto para se obter uma vaga na Taça Libertadores da América, que é um campeonato do continente americano e que, para os países americanos, é visto como o mais importante, depois da Copa do Mundo de Futebol.

Atualmente, o número de espectadores nos estádios é bastante baixo, se comparado à décadas anteriores. Vários são os fatores que contribuem para a falta de público nos estádios, dentre eles: a falta de infra estrutura dos estádios (limpeza e equipamentos, tais como bares, banheiros, estacionamento); e a desorganização do campeonato com a indefinição da data e horários dos jogos até dias antes do espetáculo, além da problemática do transporte, pois há falta de transporte coletivo para os estádios, há falta de estacionamento para carros

particulares, e também a “extorsão”, praticada pelos “guardadores de carros”, o que é proibido, mas as autoridades nada fazem para resolver a questão.

Vários são os jornalistas, ex-atletas e políticos que criticam a organização do futebol brasileiro, seja em nível regional ou nacional. Todos esses, assim como Sussekind (1996), dizem que a saída para a crise do futebol é a criação de Ligas Independentes, compostas por representantes das associações futebolísticas, que organizariam seus próprios campeonatos.

Dos autores pesquisados, Sussekind (1996) é o que mais faz críticas pontuais e contundentes à organização do futebol. No que tange ao futebol carioca, esse autor culpa os dirigentes pela crise do futebol. Para ele, os dirigentes alegam o déficit orçamentário dos campeonatos, para venderem os principais jogadores e nada fazem contra os dirigentes de federação e confederação, inclusive reelegendo-os sucessivas vezes.

Sussekind (1996, p. 60), escrevendo mais especificamente sobre futebol carioca, diz que os dirigentes de associações: “Esquecem, ou é mais cômodo esquecer, que não há campeonato sem Flamengo, Fluminense, Botafogo ou Vasco”. Ainda para ele, a impotência dos clubes diante dos dirigentes do futebol, no âmbito das federações e confederação, “... é a chave para compreender o declínio de público do futebol carioca entre o final da década de 80 e início da de 90.”

O jornal Folha de São Paulo publicou uma reportagem no dia 11/06/96, com o título: “Persiste queda de público no Paulista”, que trazia a informação de que a redução no número de espectadores no futebol “... se mantém pelo terceiro ano seguido apesar do aprimoramento dos clubes”. Essa reportagem traz um gráfico no qual se pode interpretar que, a partir de 1986, a média de público, por partida, teve seu auge em 1992, mantendo-se em 1993 - 10.000 espectadores. Em 1996, a média de público caiu para 5.853, o menor nos últimos 10 anos.

Outro fator que, do meu ponto de vista, vem contribuindo para a ausência de público nos estádios é o elevado preço dos ingressos. No caso do Campeonato Brasileiro de Futebol, cabe a CBF estipular um valor mínimo e um valor máximo a ser cobrado. E ao clube mandante⁴⁵ cabe decidir o valor exato.

O preço dos ingressos no Brasil é bastante elevado, se comparado a outros países. Aqui os preços variavam, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, de R\$ 10,00 a 15,00 em arquibancadas, mulheres e crianças acima de 12 anos também pagavam ingresso em valor integral. Apenas às crianças menores de 12 anos era dado desconto no preço dos ingressos. Isso pode ser um dos fatores que vêm dificultando a uma família poder ir ao estádio de futebol.

⁴⁵ O clube que é o responsável pela sede o jogo.

Se comparados os preços dos ingressos, no Brasil, antes da implantação do Plano Real, constata-se que na mudança da moeda de Cruzeiro Real para Real, tivemos aumentos abusivos no preço dos ingressos de futebol, pois o valor cobrado anteriormente, em arquibancada, equivalia a aproximadamente U\$ 4,00, e durante o campeonato objeto deste estudo, o valor do ingresso em arquibancadas girou em torno de U\$ 10,50 a U\$ 16,00, dependendo do jogo.

Soma-se a este fato o baixo nível técnico dos jogos realizados, a desorganização do futebol, e outros fatores, já apontados anteriormente e, em consequência, temos a diminuição do número de pessoas nos estádios de futebol.

No primeiro semestre de cada ano, algumas das associações disputam ao mesmo tempo, a Copa do Brasil, o campeonato regional e as competições internacionais, o que ocasiona um desgaste muito grande dos jogadores profissionais, saturando o espectador de futebol, além do excessivo número de jogos exibidos pela TV, saturando o telespectador. O nível técnico dos campeonatos regionais é baixo. Isso ocorre também pelo fato de serem colocados em segundo plano pelas associações, devido ao elevado número de jogos que os clubes têm em razão do nosso calendário futebolístico ser extenso.

Assim como vários críticos do futebol, eu também responsabilizo os dirigentes do futebol pela desorganização que se encontra nos espetáculos esportivos, tanto os

regionais como o nacional, e concluo que ela é uma das grandes responsáveis pela redução de público nos estádios, juntamente com a violência presente em espetáculos esportivos, gerada principalmente por torcedores organizados.

Pode-se destacar também, que a partir das providências tomadas pela Federação Paulista de Futebol, para os campeonatos e jogos realizados no Estado de São Paulo, tivemos uma diminuição significativa dos incidentes de violência em estádios, assim como um aumento no número de espectadores e torcedores nos anos de 1997 e 1998.

4. NO PALESTRA ITÁLIA

Após relatar o cenário no qual realizei a pesquisa de campo, no "Estádio Palestra Itália", em São Paulo, com espectadores da Sociedade Esportiva Palmeiras, apresento a seguir como foram realizadas as trinta e cinco entrevistas durante oito jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996.

A pesquisa de campo foi antecedida por um projeto piloto, realizado durante o Campeonato Paulista de Futebol de 1996, com espectadores do Guarani Futebol Clube. As observações e entrevistas, do projeto piloto, foram realizadas nos jogos em que o Guarani Futebol Clube era o clube mandante do jogo, no "Estádio Brinco de Ouro da Princesa", em Campinas.

Após a realização do projeto piloto verificou-se a necessidade de realizar a pesquisa de campo com espectadores de um "grande" clube de futebol, pois era necessário observar espectadores em dias de jogos com um grande número de público, para que se analisasse as manifestações dos espectadores em relação aos torcedores da equipe adversária, aos jogadores e aos árbitros. E a ocorrência de um público grande, no "Estádio Brinco de Ouro da Princesa", só acontecia quando o adversário do Guarani Futebol Clube era um dos "grandes" times de

futebol. Como já relatamos anteriormente, em São Paulo, os clubes considerados "grandes" são São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Santos.

Escolhi a Sociedade Esportiva Palmeiras para realizar a pesquisa de campo, por atender aos quesitos de número de público, e também pelo fato de este clube ter um estádio que estava em condições absolutas de utilização, fato que não ocorria com o estádio do São Paulo Futebol Clube, que estava em reformas. Além disso, a Sociedade Esportiva Palmeiras é o clube com maior número de títulos estaduais conquistados em São Paulo, e dois outros pontos, que também considero fundamentais para a minha decisão, foram o fato do Palmeiras ter vencido o Campeonato Paulista de 1996, e ter uma das torcidas organizadas mais violentas de São Paulo, a Mancha Verde que, inclusive, teve suas atividades suspensas pela justiça de São Paulo, no período do Campeonato Brasileiro de 1996. Isso me dava pistas de que observar a torcida do Palmeiras naquela conjuntura seria muito importante, pois seus espectadores tinham uma euforia muito grande após o sucesso da equipe no Campeonato Paulista e o fato de termos a proibição da participação das torcidas organizadas, também deveria mudar o tipo de público nos estádios, assim como suas manifestações.

Na pesquisa de campo eu tinha a intenção de observar e entrevistar espectadores da Sociedade Esportiva Palmeiras, em todos os jogos que ela era a equipe mandante do jogo, durante o Campeonato Brasileiro de 1996. Em virtude

de haver chovido em dois desses jogos, não pude realizar as observações e as entrevistas com os espectadores, tendo-as realizado, portanto, em apenas oito jogos. As chuvas em dias de jogo dificultam o acesso dos espectadores ao estádio e com isso o número de pessoas diminui consideravelmente, o que prejudicou tanto minha observação como a realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas durante o intervalo dos jogos e logo após o seu encerramento, com o intuito de não atrapalhar a assistência ao jogo, e conseqüentemente, o envolvimento do entrevistado. Além de observações e entrevistas, foram feitas gravações, com fitas K7, dos sons emitidos pelos espectadores-torcedores em suas manifestações.

Durante o transcorrer do primeiro tempo do jogo eu observava as manifestações dos espectadores, de um modo geral, e aqueles que se destacassem por suas manifestações mais exaltadas eram os escolhidos para a entrevista. Mas, devido ao tempo de realização da entrevista, só foi possível entrevistar um espectador dos anteriormente selecionados em cada jogo, pois, no intervalo, as pessoas se deslocam e muitas não retornam ao mesmo lugar. Sendo assim, foi possível a cada um dos entrevistadores fazer em média duas entrevistas no intervalo do jogo e duas ao seu final. O segundo entrevistado era escolhido ao acaso, e às vezes, tínhamos o problema das pessoas escolhidas não quererem dar entrevista, fato que nos levava a escolher outro entrevistado.

Para a realização das entrevistas fui auxiliada por um entrevistador, previamente treinado para tal finalidade.

As observações e entrevistas foram realizadas em vários setores do estádio, uma vez que, em cada jogo, escolhíamos um setor. Os setores no "Estádio Palestra Itália" são divididos em numeradas cobertas, numeradas descobertas, cadeiras cativas e arquibancada. Foram realizadas observações e entrevistas com pessoas nos diversos setores, com exceção das cadeiras cativas, as quais não tivemos autorização de acesso. Nos outros setores realizamos as observações e entrevistas da seguinte forma: foi feita a observação de um jogo nas cadeiras cobertas, de dois jogos nas cadeiras descobertas e de cinco jogos na arquibancada. A decisão de mais jogos na arquibancada se deu pelo fato deste setor apresentar maior número de público e mais manifestações durante o jogo.

Pude perceber que as formas de reação em relação a um acontecimento em campo é diferente, principalmente com o público pertencente às numeradas cobertas. Neste setor, se comparado aos outros, presenciamos menos xingamentos e normalmente as pessoas permaneciam sentadas independentemente da situação do jogo, enquanto que, nas numeradas descobertas e na arquibancada, os xingamentos eram mais frequentes sendo que

era comum as pessoas se levantarem durante lances de ataque de sua equipe, assim como nas assinalações dos árbitros contra o seu time.

Ao iniciar esta pesquisa eu tinha a expectativa de que presenciaria cenas de violência "real" ou "manifesta"⁴⁶, nos estádios de futebol, pois essa era uma prática comum nos campeonatos anteriores. E, para minha surpresa, em todos os jogos observados não presenciamos nenhuma ocorrência deste tipo. O que se pode afirmar em relação aos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, realizados no "Estádio Palestra Itália", é que os espectadores do Palmeiras se manifestaram, basicamente, através de gestos, xingamentos e, em alguns momentos (após os gols), através de cantos, sendo que essas formas de manifestação podem ser classificadas como violência "simbólica".

Pode-se afirmar também, que as manifestações variam em suas formas de "séria" a "simulada" (em forma de jogo), pois, percebemos que há um certo "diálogo" com os torcedores das equipes rivais. Isto quer dizer que, a cada manifestação de um grupo de torcedores, os aficionados rivais também se manifestam, como que em resposta ao outro grupo de torcedores.

Essa manifestação, em forma de jogo, é muito comum no início dos espetáculos, quando os torcedores cantam o hino de sua equipe e aguardam as manifestações dos torcedores adversários. No decorrer do jogo, os torcedores se utilizam de

⁴⁶ Categorias de Dunning (In: Elias & Dunning, 1992) já descritas no capítulo II.

canções de intimidação e humilhação. Uma típica canção entoada contra os torcedores alviverdes é: *“Porcu, porcu vai tomar no cu”*. E os torcedores alviverdes respondem; *“Porcu, porcu vai comer seu cu”*. Outra resposta típica é quando o adversário canta seu hino ou alguma outra canção, e os palmeirenses respondem: *“Au, au, au torcida de final”*, ou *“Cuzão ê ô, cuzão ê ô...”*.

Um fato comum que presenciamos nos jogos foi a utilização de copos descartáveis, com água ou outro tipo de líquido, que foram arremessados nos árbitros auxiliares (bandeirinhas), ou em um jogador do time adversário, quando ia fazer cobrança de lateral ou escanteio. Pudemos perceber que isso ocorria quando o torcedor tinha seu ânimo exaltado e, numa tentativa de agredir o outro, arremessava esse tipo de objeto em direção ao gramado.

No decorrer da pesquisa de campo não foi observado o uso de nenhum tipo de arma, nas manifestações dos espectadores, mesmo porque, está proibida a entrada de qualquer tipo de objeto no estádio, sendo que o controle se dá sob a responsabilidade da Polícia Militar. As pessoas são revistadas quando ingressam nos estádios.

Apesar do controle sempre ter existido, era comum os torcedores burlarem esta proibição. Durante o campeonato observado não presenciamos a entrada de armas, mas vimos jovens pulando o muro do Estádio com sacos, que, mais tarde

soubemos, continham amendoins. Como a venda desse produto está proibida, pois os vendedores não possuem credenciais autorizando sua entrada, as pessoas encontraram uma forma de burlar o cerco policial. Apesar de venderem amendoins, na arquibancada, eles se escondiam dos policiais, algumas vezes com sucesso e em outras eram flagrados e autuados. Foi interessante notar a cooperação que existia entre os vendedores e o público, pois quando eram perseguidos por policiais, nas arquibancadas, as pessoas os auxiliavam encobrendo a visão dos guardas. Desta vez foram os amendoins, mas sabemos que, em outras ocasiões foram os rojões, as bandeiras e outros objetos.

Presenciamos também, algumas vezes, torcedores com camisetas das torcidas organizadas, o que demonstra que assim como se criam as regras de prevenção de atos de violência, aos poucos se desenvolvem estratégias para burlar essas mesmas regras.

Entre as categorias de análise propostas por Dunning (In: Elias & Dunning, 1992), uma das formas de se verificar o nível de violência presente em espetáculos esportivos é quanto ao tipo de arma utilizada durante as manifestações dos torcedores. Devido à minha participação em grande número de jogos dos campeonatos paulistas e brasileiros, desde 1995 de forma mais intensa, posso afirmar que, em São Paulo, vem sendo predominante a manifestação da violência simbólica nos espetáculos de futebol. Provavelmente isso ocorre pelo fato de que

este tipo de violência não é punida pelas autoridades, apesar de ser uma das formas de desencadeamento da violência real. Quer dizer, classificamos como violência simbólica nos espetáculos esportivos basicamente os diferentes tipos de cantos, xingamentos e gestos dos torcedores e afirmamos que a violência simbólica vem sendo aceita pela sociedade brasileira e está muito presente nos espetáculos esportivos de futebol. Sendo assim, ela é legítima por estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos e aceitos, uma vez que os xingamentos e gestos às vezes se tornam uma atitude corriqueira no cotidiano do brasileiro. Exemplo disso são as discussões no trânsito e as brincadeiras entre amigos onde o “baixo calão” está presente.

Conforme a teoria utilizada, a violência pode tomar uma forma totalmente "afetiva" ou "racional" e nesta pesquisa conclui-se que o tipo de violência manifestada pelos torcedores toma uma forma "afetiva", pois ela é emocionalmente satisfatória e agradável.

Uma das minhas preocupações na pesquisa de campo era observar e entrevistar os espectadores-torcedores que não pertenciam a nenhuma torcida organizada e este objetivo foi atingido, pois a grande maioria dos entrevistados declarou não fazerem viagens para assistir jogos de sua equipe, além de que eles permaneciam, na maior parte do tempo, sentados durante o jogo, características que são distintas dos torcedores organizados⁴⁷.

⁴⁷ Sobre esta temática ver Toledo (1996) constante nas referências bibliográficas.

Para minha surpresa, no dia em que fiz a observação no setor das cadeiras cobertas, entrevistei um jovem que disse ao final da entrevista: - *"só isso que você quer saber de mim? Eu fui diretor da TUP"*⁴⁸. Em seguida, ele aproveitou a oportunidade para criticar a proibição feita às torcidas organizadas. Transcrevo abaixo a opinião desse torcedor que é contrária a opinião de outros entrevistados.

"Acabou a graça de vir ao estádio, porque não traz mais artefatos, não existe mais alegria de um grupo organizado. A imprensa denegriu a imagem das torcidas, fez com que a sociedade ficasse contra. A repressão policial aumentou em reunião de qualquer grupo. O juiz Fernando⁴⁹ está se auto promovendo. Ele era integrante da Gaviões da Fiel⁵⁰."

Fiquei surpresa pelo fato dele estar nesse setor do estádio, enquanto podia observar vários de seus colegas de torcida na arquibancada. Ele argumentou dizendo que preferia aquele setor pelo conforto, pois afinal de contas estava proibida a entrada de artefatos e instrumentos que eram fundamentais para a torcida.

Depois que ele declarou que era um ex-diretor da TUP, eu tentei gravar nossa conversa, pois ele estava relatando muitas coisas ao mesmo tempo, mas ele não

⁴⁸ Torcida Uniformizada do Palmeiras, que, apesar do nome, é uma torcida organizada.

⁴⁹ Que na realidade é um promotor público.

⁵⁰ Torcida Organizada do Corinthians e a maior do Brasil em número de participantes.

permitiu a gravação, dizendo que apenas fazia aquelas declarações porque a entrevista era anônima.

Atualmente, pode-se notar um grande investimento no esporte como telespetáculo. Várias emissoras de TV têm dedicado espaços cada vez maiores à transmissão de jogos, com um destaque especial ao futebol.

Ao iniciar esta pesquisa, eu imaginava que as pessoas iam aos estádios de futebol independentemente dos jogos transmitidos pela TV, pois eu acredito que há uma diferença qualitativa importante entre o espetáculo esportivo e o telespetáculo. Por exemplo, para quem gosta e entende do esporte é muito importante a visão de todo o campo de jogo, do posicionamento dos jogadores, tanto do seu time como do time adversário, que só são possíveis de serem vistos através do espetáculo ao vivo, pois o telespetáculo limita o ângulo e o raio de visão do que está acontecendo no campo de jogo. Observação feita também por um dos nossos entrevistados:

- *"Gosto de ver em campo inteiro. Na TV não dá para ver o lance. As discussões aqui eu acho engraçadas."*

Parece-me que as pessoas que vão ao estádio além de assistirem o jogo procuram estar com outras pessoas e se divertirem com as manifestações e fatos pitorescos, que ocorrem no decorrer de uma partida. Observamos que a qualquer

ocorrência entre os espectadores, como por exemplo a chegada de policiais na arquibancada, as pessoas se interessam em acompanhar os acontecimentos ao invés de continuarem assistindo o jogo.

Ao iniciar esta pesquisa eu supunha, também, que o público de futebol nos estádios preferia assistir o espetáculo a ver o jogo pela TV, o que se confirmou nas entrevistas que realizamos, pois a maioria dos entrevistados prefere assistir os jogos nos estádios, mesmo que esses sejam transmitidos pelas emissoras de TV. Esse é um dado que contradiz as afirmações de dirigentes e cronistas esportivos de que a transmissão dos jogos, pela TV, é um dos responsáveis pela queda de público nos estádios. A afirmação feita por Sussekind (1996) responsabilizando os dirigentes do futebol carioca pela queda de público nos estádios devido ao televisionamento das finais do campeonato carioca desde 1988, não se confirmou entre os nossos entrevistados.

Os entrevistados demonstraram uma grande preocupação com a violência nos estádios de futebol. Eles nos relataram que apesar da diminuição de atos violentos em espetáculos esportivos, a violência ainda existe. Entretanto, não presenciamos manifestações de violência real ou manifesta, durante a realização do Campeonato Brasileiro, nos jogos realizados em São Paulo. Isso nos faz crer que as medidas adotadas pelo poder judiciário, que foram descritas neste capítulo, tiveram um efeito benéfico sobre os espetáculos esportivos. Não quero

afirmar com isso que a mudança verificada nas manifestações dos espectadores-torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras são definitivas, mas pode-se afirmar que, durante o Campeonato Brasileiro de 1996, as medidas adotadas pelas autoridades foram eficazes na diminuição de atos de violência nos estádios.

Ainda apoiada na participação verificada em muitos jogos, posso afirmar que, a partir da proibição da entrada de torcedores organizados nos estádios de São Paulo, percebe-se a inexistência de violência real nos jogos deste campeonato. Nossos entrevistados também fizeram esta afirmação e observaram que apesar de proibida a participação explícita de torcedores organizados, eles ainda estavam presentes nos estádios, em número menor e de forma camuflada.

A observação feita por alguns entrevistados de que as torcidas organizadas continuam presentes nos estádios é procedente, pois, pudemos identificar e localizar os torcedores organizados no estádio, somente que agora eles não podem mais utilizar objetos que os identifiquem, apesar de que, por seus comportamentos, eles são facilmente identificáveis.

Durante os jogos em que fizemos observações, pode-se notar uma certa tensão dos espectadores e torcedores, a qual pode-se afirmar ser um tipo de tensão controlada, onde se percebe um “jogo”. Isto é típico de manifestações de violência

simbólica, comum em espetáculos esportivos de futebol, e que pode amedrontar pessoas com pouca experiência neste tipo de atividade de lazer.

A observação que fizemos anteriormente em relação ao elevado valor do preço dos ingressos, foi um dos fatores levantados pelos nossos entrevistados como impedimento à participação em maior número de jogos.

É de senso comum que a desorganização do nosso futebol tem sido um fator importante na queda de público em estádios de futebol. Apesar de não termos feito pergunta direta sobre tal influência, pudemos observar o descontentamento do espectador em relação às instalações de infra-estrutura no estádio. Inclusive alguns entrevistados fizeram referência à necessidade de melhoria das instalações, nos estádios, para estimular a presença de mulheres nos jogos de futebol. Pois, para muitos, a presença feminina inibe e controla a violência. Apesar de que durante a pesquisa observamos uma presença ínfima de pessoas do gênero feminino.

Interessante este dado levantado pelos entrevistados pois, é justamente essa uma das teses da teoria de Dunning (In: Elias & Dunning, 1992), de que a presença feminina reduz consideravelmente o uso da violência, e que já foi tratada no capítulo anterior.

Pudemos perceber que as causas intrínsecas à organização do futebol são bastante importantes para os entrevistados, e apontadas como uma das principais causas da evasão de público em espetáculos esportivos.

A desorganização do futebol brasileiro foi identificada pelos entrevistados como uma das formas de violência. Isso talvez se deu pelo fato de não termos incluído perguntas diretas sobre esse tema. O entrevistado encontrou espaço para manifestar seu descontentamento com a organização do futebol através da pergunta sobre o que é violência no futebol para ele.

Pude observar que, durante o jogo de futebol, na maior parte do tempo, os torcedores xingam muito. Apesar de ser de senso comum de que o xingamento faz parte do futebol e/ou do esporte, como se quiséssemos dizer que na cultura futebolística o xingamento é um de seus elementos, ele foi considerado por parte dos entrevistados como uma das formas de violência.

O que se conclui é que esta é uma das manifestações mais presentes em espetáculos esportivos, e que se repete a todo instante durante uma partida de futebol. Classificamos este tipo de violência como sendo violência simbólica.

Mesmo os espectadores-torcedores considerando que o xingamento é um tipo de violência, foram sinceros e declararam que xingam durante o jogo de futebol.

As pessoas que xingam disseram que seus alvos prediletos são o árbitro, seus auxiliares, jogadores de ambos os times, técnico e torcedores da equipe adversária. Os espectadores e torcedores do próprio time são os menos xingados segundo os entrevistados. Eles justificaram que xingam por vários motivos, entre esses por impulso, porque eles erram (árbitros e jogadores), para extravasar, por nervosismo, é um modo de desabafar, porque alivia, por costume. Podemos concluir, a partir da consideração destas justificativas, que o futebol cumpre o papel que Elias & Dunning atribuem aos esportes modernos, que é o de quebrar a rotina e aliviar as tensões, pois grande parte das respostas demonstra a necessidade de aliviar as tensões a partir dos xingamentos. Inclusive, pudemos perceber, nos entrevistados, um certo constrangimento ao declararem que xingam, como se essa não fosse uma atitude comum no seu cotidiano. Este dado nos confirma o que Capez (1996) escreveu em seu artigo, já citado no capítulo anterior, onde ele diz que, no estádio, as idéias são transmitidas por contágio e que, nem sempre as condutas observadas, condizem com as habituais dos indivíduos no seu dia-a-dia.

Notem que há vários tipos de canções. Para explicitar melhor esta tipologia utilizaremos a classificação feita por Toledo (1996). Para ele existem quatro categorias de cantos: os de incentivo ao time e jogadores, os de protestos, os intimidadores (de juízes, jogadores e adversários) e os cantos de auto-afirmação.

A seguir colocamos, a título de exemplo, algumas das canções entoadas pelas torcidas nos estádios:

*“Segunda-feira, é terça-feira,
Filho da Puta é quem torce pro
Palmeiras!”*

*“Eta, eta, eta,
Corintiano (ou são-paulino, santista, etc.),
Quer buceta”*

“Au, au, au torcida de final”

“Doutor eu não me engano filha da puta é corintiano.”

“Independente vem dar o cu pra gente.”

“Corinthians campeão, pau no cu do meu patrão!”

*“(…) Corinthians veio pra vencer,
Corinthians veio pra vencer,
Corinthians veio pra vencer!
E o Palmeiras se fuder!”*

“Eliminados, Eliminados...”

“Au, au, au, au, au, au

Pega o peixe

E enfia o pau!”

“(...) porra, caralho, torcida do cuzão,

quem manda nesta porra é a torcida do Verdão (...)”

“Ê, ê, ê, ê, ê

Quem tem cabeça feita,

Da porrada sem correr!”

“Se o juiz não apitar,

Olê, olê, olá,

O pau vai quebrar”

“Dar porrada em gavião, dar porrada em gavião,

gambé vou te matar,

porco ô ô ô...”

“A Independente é mal,

pega um pega geral!”

“Sou, sou da mancha, eu sou!

Vou dar porrada eu vou!

Ninguém vai me segurar,

nem a PM!”

“ Eu sou da mancha, o seu terror!”

“Ê, ê, ê quem é da mancha-verda dá porrada até morrer,

até morrer!”

“Putá que pariu,

a PM é a vergonha do Brasil.”

“Raça, Verdão, Você é campeão!”

“É pra valer, eu sou verdão,

e ele está no coração,

ele ganhando, ele perdendo

sou palmeirense de coração.”

Nas canções, acima colocadas, temos em um primeiro bloco as denominadas canções de intimidação, sejam elas ao seu adversário, aos árbitros ou mesmo a Polícia Militar (PM) e, em um segundo bloco, as denominadas de canções de incentivo ao time.

É interessante notar que, diante da autoridade e da truculência da PM, o instrumento utilizado pela torcida para repudiá-la são essas canções. Ao observar o trabalho dos PMs em dias de jogos, fora do estádio, nota-se um despreparo para lidar com eventos dessa natureza, pois pude notar que a maneira truculenta com a qual eles se dirigem aos espectadores de futebol é de indignar a qualquer um desacostumado a frequentar estádios ou de revoltar qualquer cidadão, tamanho o desrespeito por parte dos PMs no trato com o outro, podendo-se notar um abuso de poder.

Quando o tema é futebol há um discurso popular de que o que importa num jogo é ganhar, e sem dúvida, este é um objetivo explícito dos dirigentes de futebol. Nesta pesquisa procurei saber, dos espectadores da Sociedade Esportiva Palmeiras, quais eram as expectativas deles em relação ao jogo de futebol, no sentido de conhecer o que eles mais gostam de ver num jogo. As respostas tiveram uma predominância em torno de gols, vitória do próprio time, bom espetáculo, dribles, ótimas jogadas. É importante ressaltar que a referência ao espetáculo foi predominante nas respostas dos entrevistados. Percebeu-se que o discurso da

vitória a qualquer custo não está presente entre os entrevistados, e que há uma preocupação muito grande de que o jogo seja um bom espetáculo.

Nesta análise foi importante tratar a temática da organização do futebol brasileiro, pois ela parece estar diretamente relacionada com o fato de termos ou não a possibilidade de assistir a um bom espetáculo. Pois, o bom espetáculo fica comprometido, hoje, no Brasil, por vários fatores, entre eles o grande número de campeonatos de futebol, o grande número de jogos em um mesmo campeonato, a realização simultânea de vários campeonatos, a constante venda dos melhores jogadores para equipes do exterior. Tudo isto contribui para que o espectador não tenha um bom espetáculo.

Pudemos comprovar, a partir das observações e das entrevistas realizadas, a manifestação das mais diversas emoções do ser humano durante um jogo de futebol. Além de observadas, os espectadores responderam que sentem alegria, emoção, felicidade, alívio, e que se sentem realizados quando seu time ganha um jogo. E, em oposição, quando seu time perde, eles se sentem chateados, decepcionados, tristes, com muita raiva, mal, humilhados, frustrados e se a equipe jogar mal, furiosos. Um dos entrevistados disse: *"eu fico puto da vida quando meu time perde"*.

Durante um espetáculo esportivo estas emoções estão muito presentes entre os espectadores, pois a cada jogada, ou, a cada instante, as emoções podem variar da tristeza à alegria, dependendo, muitas vezes, do placar do jogo, e no instante final da partida há uma polarização deste sentimento, dependendo do resultado final do jogo. As declarações dos entrevistados confirmam Byington (1982), apoiado na psicologia simbólica, que faz uma análise do futebol como uma escola para os espectadores, que aprendem a lidar com as diferentes emoções: assim como as análises de Murphy et al. (1994), de que esta é uma característica típica do futebol e que provavelmente este seja o motivo pelo qual este esporte teve uma aceitação tão grande por diferentes povos no mundo todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu analisar as manifestações dos espectadores e torcedores de futebol, do Palmeiras, a partir da teoria sócio-histórica dos autores ingleses Elias & Dunning.

Com base nas análises da pesquisa de campo conclui-se, como analisado no capítulo anterior, que o tipo de violência manifestada pelos torcedores do Palmeiras, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, foi a violência simbólica.

Lembramos aqui que este é um dos tipos de violência. Se por um lado tivemos a diminuição de atos de violência real, é preciso ressaltar a existência de violência simbólica, durante jogos de futebol, e que, a nosso ver, ela não tem diminuído e nem diminuirá, pois como já relatamos, no decorrer do estudo, ela é socialmente aceita e satisfatória. É aceitável porque está presente em outras situações no cotidiano do brasileiro e satisfatória pelo fato de que os torcedores se sentem aliviados, ao final de uma partida de futebol, apesar de que, caso o seu time perca, outros sentimentos também entram em cena. Durante as observações que fiz pude perceber o alívio e a satisfação dos espectadores e torcedores após os jogos.

Mesmo sendo a violência simbólica aceita e satisfatória na sociedade brasileira, precisamos ter a preocupação e implementar medidas de segurança que impeçam de que esta se transforme em violência real. Pois, como já vimos anteriormente, a violência simbólica é uma das principais desencadeadoras da violência real, justamente se seus agentes perdem o controle sobre as suas manifestações, assim como a violência pode transformar-se da sua forma de jogo e de simulação à violência manifesta.

A partir da pesquisa realizada pode-se dizer que as medidas de segurança, adotadas pelas autoridades, foram eficazes, nos jogos realizados na capital paulista, pois, no transcorrer do campeonato, não foram registrados atos de violência real, nos espetáculos de futebol realizados em São Paulo. Mas é necessário que as autoridades não dêem por concluído seu trabalho, pois a exemplo de outros países, consideramos a segurança pública uma obrigação do Estado e, dessa forma, a segurança em dias de jogos deve ser de responsabilidade do Estado. Porém, é preciso sugerir, que nossos policiais tenham treinamentos de capacitação para atuarem em eventos de multidão, porque, pelas observações feitas, eles não são preparados para exercer sua função em dias de jogos.

Tivemos como principal fator de diminuição de atos de violência a proibição da presença de torcedores organizados e uniformizados com vestimentas e

instrumentos de suas torcidas, fato que os afastaram dos estádios, pois no meu modo de ver estes grupos encontravam no estádio de futebol um lugar onde a violência era permitida, uma vez que, até então, as autoridades pouco faziam pela segurança da população em espetáculos esportivos.

Esses agrupamentos de torcedores foram criados a partir do futebol profissional, pois só aí existem, e, no transcorrer dos anos, se aproveitaram da impunidade nas manifestações em grupos para desvirtuarem os objetivos para os quais foram criados. Isso fez dos estádios de futebol verdadeiros campos de batalhas, quadro que vem sendo revertido, nos espetáculos de futebol, com a presença de outro tipo de espectador.

Em nenhum momento consideramos que os atos de violência eram intrínsecos ao futebol, mas os agentes de violência em espetáculos de futebol encontraram, nos estádios, um ambiente favorável a tumultos sem o risco de serem punidos.

Considero necessário maior investimento e atenção das autoridades brasileiras quanto à segurança da população, de um modo geral, e em especial em espetáculos esportivos, uma conquista já alcançada em países europeus, onde a polícia é altamente treinada e preparada para dar segurança à população em qualquer situação e, principalmente, em dias de jogos.

Assim como os entrevistados e os autores ingleses, eu também acredito que a presença de espectadoras nos estádios de futebol irá contribuir para a diminuição de atos de violência nos espetáculos esportivos, pois pude perceber que os homens se sentiam constrangidos em xingar próximos de mim, e inclusive pude ouvir alguns comentários - *“hei, cala a boca, olha a moça”*, ou então, dirigiam-se a mim dizendo - *“não liga não, ele não tem educação”*. Atualmente a presença de mulheres é em número muito pequeno, mas acredito que a participação de meninas, em equipes de futebol feminino, irá contribuir para a conscientização das famílias e da sociedade, de que esta é uma atividade de lazer e, como tal, a participação do gênero feminino é importante, pois não só traz benefícios no que tange à questão da violência, mas principalmente por permitir às mulheres uma participação mais efetiva, nesse esporte, que ainda parece ser uma paixão nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, F. M. R. F. **Futebol de fábrica em São Paulo**. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP.
- AZEVEDO, A. V. Responsabilidade civil: violência no esporte. In: São Paulo (Estado), Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. **A violência no esporte**. São Paulo, 1996.
- BENEVIDES, R. O Nosso Vietnã. In: São Paulo (Estado), Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. **A violência no esporte**. São Paulo, 1996.
- BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**. 8. ed. Petrópolis : Vozes, 1986.
- BYINGTON, C. A riqueza simbólica do futebol. **Psicologia atual**, v.5, n.25, p. 20-32, 1982.
- CAPEZ, F. Violência no futebol In: São Paulo (Estado), Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. **A violência no esporte**. São Paulo, 1996.
- CARDIA, N. A violência no futebol e a violência na sociedade. In: São Paulo (Estado), Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. **A violência no esporte**. São Paulo, 1996.
- CASTELLANI FILHO, L. **Futebol em mosaico: evolução histórica - evolução técnica e tática - exercícios**. 1982. (apostila)
- CÉSAR, B. T. - **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo**. Campinas, 1982. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

CHINAGLIA, A. A violência nos estádios de futebol: sua origem, prevenção e repressão. In: São Paulo (Estado) Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. **A violência no esporte**. São Paulo, 1996.

DA MATTA, R. As raízes da violência no Brasil. In: _____ et al. **Violência brasileira**. São Paulo : Brasiliense, 1982.

_____. Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____ (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro : Pinakothèque, 1982b.

_____. **Os milagres do futebol: explorações**. Rio de Janeiro : Rocco, 1986.

DAOLIO, Jocimar. A violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v.6, n.1, 1992.

_____. De Galos, homens e ... futebol. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.5, n.1, 1994.

_____. O Drama do futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.3, n.5, 1989.

DUNNING, E. Las raíces de la violencia de los jugadores y de los espectadores desde una perspectiva socio-histórica. In: **Ciencia y técnica del fútbol**. Espanha: Editorial Gymnos Deportiva, [1990?].

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do Lazer**. São Paulo, SESC.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, N., DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa : DIFEL, 1992.

_____. **Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process**. Oxford/New York : Basil Blackwell, 1986.

FLORES, Luiz F. B. N. Na zona do agrião: sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: Da Matta, R. (Org.)., **Universo do futebol**. Rio de Janeiro : Pinakothèque, 1982.

- FORJAZ, M. C. E. Lazer e consumo das elites'. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** v.3, n.6, 1988.
- FRANÇA, J. L. et al. **Manual para normatização de publicações técnico-científicas**. 2.ed. Belo horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.
- FRARE, José L. A paixão é uma bola. **Revista Nova Escola**, v.9, n.76, p. 10-14, jun. 1994.
- GUEDES, S. L. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ.
- _____. Subúrbio celeiro de craques. In: Da Matta, R. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro : Pinakothèque, 1982.
- HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis : Vozes, 1997.
- HILLMAN, James. **Cidade & alma**. São Paulo : Studio Nobel, 1993.
- LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro : Record, 1983.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- _____. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. São Paulo : EDUSP.
- _____. Tribos urbanas; metáfora ou categoria? **Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP**, São Paulo, v.2, n.2, 1992.
- _____. **Os pedaços da cidade**. São Paulo : FAPESP, 1991. (relatório de pesquisa)
- _____. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**, n.35, 1992.

- MARCELLINO, N. C. **Capacitação de animadores sócio-culturais**. São José dos Campos: 1996.
- MARIO FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro : Irmãos Pongetti, 1947.
- MAZZONI, T. **História do futebol brasileiro**. São Paulo : Olímpicus, 1949.
- MURPHY, P., et al. **O futebol no banco dos réus**. Oeiras : Celta, 1994.
- NAGY, P. **Handebol**. 2.ed., 1983.
- NASCIMENTO, E. A. O gol do cidadão. In: São Paulo (Estado) Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. **A violência no esporte**. São Paulo, 1996.
- NEVES, L. F. B. Na zona do agrião: sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DA MATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- PARKER, S. **A Sociologia do lazer**. São Paulo : Zahar, 1978.
- PEREIRA, L. E. **Mulher e esporte: um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias**. São Paulo, 1984: Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, USP.
- REIS, H. H. B. Fútbol feminino en el país del fútbol: mitos, preconceptos y desafíos: un abordaje cultural. **NEXOSPORT**, n. 164, nov. 1996.
- _____. **O ensino dos jogos coletivos esportivizados**. Santa Maria: 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Centro de Educação Física e Desportos, UFSM.
- RODRIGUES, N. **Às sombras das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- _____. **A pátria em chuteiras**. São Paulo : Companhia das letras, 1994.

- ROSENFELD, A. Negro, macumba e futebol. Campinas : Editora da Unicamp/EDUSP/Perspectiva, 1993.
- SÁNCHEZ, F. La Relacion laboral especial de los deportistas profesionales. Extremadura (Espanha), 1998. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) - Faculdade de Ciências Econômicas, UNEX.
- SALDANHA, J. Os Subterrâneos do futebol. 2.ed. Rio de Janeiro : José Olímpio, 1980.
- _____. Histórias do futebol. 3.ed. Rio de Janeiro : Revan, 1994.
- SOUZA, A. Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano. Florianópolis. Dissertação (Mestrado), UFSC.
- SUSSEKIND, H. C. Futebol em dois tempos. Rio de Janeiro : Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- SOARES, C. L. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas : Autores Associados, 1994.
- TELLES, V. S. Violência e cidadania. In: São Paulo (Estado) Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. A violência no esporte. São Paulo, 1996.
- TOLEDO, L. H. Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, USP, 1994.
- _____. Torcidas organizadas de futebol. Campinas : Autores Associados, 1996.
- _____. Por que xingam os torcedores de Futebol? Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, v.3, n. 3, 1993. p. 20-29.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1987.

VOGEL, Arno. O momento feliz do futebol. In: Da Matta, R. (org), **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro : Pinakothèque, 1982.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In Cardoso, R. (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

JORNAIS

Folha de São Paulo, 05/01/95; 22/08/95; 23/04/96; 11/06/96; 25/08/96

Correio Popular, 18/05/97

DOCUMENTOS

RIO DE JANEIRO. Confederação Brasileira de Futebol. **Normas Especiais do Campeonato Brasileiro de 1996**. Rio de Janeiro, 1996.

PROGRAMAS DE TELEVISÃO

TV Cultura, Cartão Verde, 11/05/97.

TV Globo, Jornal Nacional.

CENTRO DE COMPUTAÇÃO DA UNICAMP

USUÁRIO: SILVIO

UNIDADE: FEF

12/08/98 15:10

FIBRE400.UNICAMP.BR